



RISCOS À SAÚDE

Especialistas alertam para o uso indiscriminado dos suplementos

Vitaminas e substâncias complementares à alimentação precisam de orientação médica e nutricional. **Página 5**



Foto: Ortilo Antônio

PB Agronegócios inicia, hoje, com 200 expositores

Evento no Parque Henrique Vieira de Melo, na capital, terá criadores de todo o Brasil e animais que chegam a valer R\$ 1 milhão. **Página 3**

Mulheres são vítimas do sentimento de posse machista

O ciclo de violência contra a mulher também é composto por ciúmes e comentários ofensivos.

Página 7

Ana Maria Machado fala sobre seus mais recentes livros

A premiada escritora carioca conta sobre o processo da escrita e o seu primeiro livro infantil.

Página 9

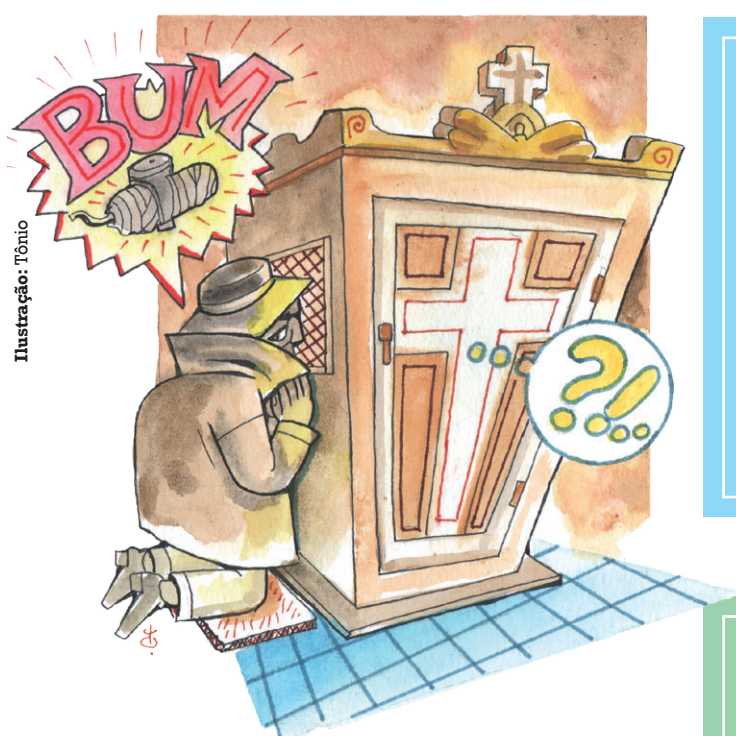


Ilustração: Tônio

O atentado ao bispo de Cajazeiras

Meio século depois, autoria do ataque a bomba a Dom Zacarias continua como um mistério.

Página 25

Estado amplia divulgação turística

O presidente da PBTur, Ferdinando Lucena, diz que a meta é impulsionar a imagem do estado.

Página 4

Botafogo vai a Belém em busca da reabilitação

O time paraibano encara o Paysandu, hoje, fora de casa, no quadrangular decisivo da Série C.

Página 21

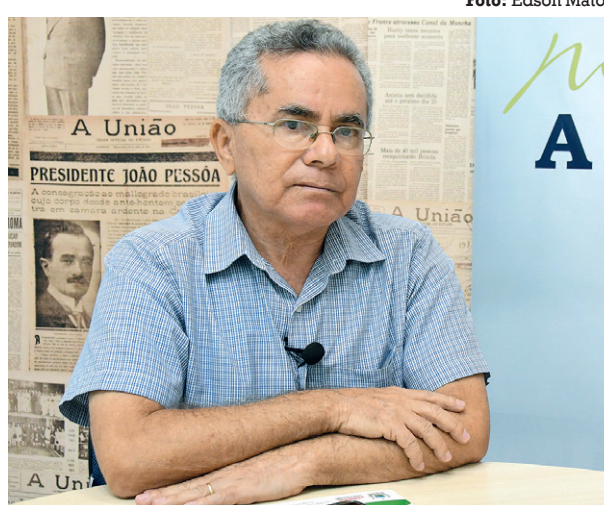


Foto: Edson Matos

Memórias Amor pela leitura levou José Nunes ao Jornalismo

O início de José Nunes no Jornalismo começou com um texto recusado durante um teste em **A União** e desenvolveu-se por amizades que incentivaram o amor pela literatura.

Páginas 14 e 15

Hanseníase: um terço dos casos estão na Grande JP

Das 300 ocorrências registradas este ano, 93 se concentraram na Região Metropolitana da capital.

Página 6

Empresas promovem ações estratégicas e sustentáveis

Agendas ambientais, sociais e de governança entram na pauta dos negócios realizados na Paraíba.

Página 17

Pensar

A cultura é uma constante transformação, atua na criação de códigos essenciais à existência humana, como a própria história da Mestra Penha. Ela sofre influência de vários significados, atividade e padrões.

Páginas 29 a 32



■ Bem lá no fundo, você sabe: o seu trabalho só vai além, só se sustenta pelo outro, para o outro e com o outro. Reforço: Jornalismo não é *mister* para a prática do eu-comigo-mesmo. Não funciona assim.

Angélica Lúcio

Página 26

■ É essencial reconhecer que a ampla adoção da IA na economia global traz consigo desafios e preocupações... Questões éticas precisam ser encaradas cautela e responsabilidade.

João Bosco Ferraz de Oliveira

Página 17

Cultura automível

Os automóveis são das maiores invenções humanas. Tornaram a vida mais prática e encurtaram distâncias, levando a humanidade a pensar, em um momento de sua história, que poderia domar a insubmissa fera do tempo. Hoje, a maioria das pessoas depende deles, no Brasil, em Cuba, na Alemanha, na China... enfim, em qualquer lugar deste planeta, há sempre milhares de pessoas sobre duas ou mais rodas em movimento.

Os automóveis são como o sangue que o coração bombeia, levando a seiva tonificante da vida para o corpo e o cérebro, facilitando a cinesia e o pensamento. O progresso material das nações depende deles, via caminhões e trens, por exemplo, assim como os enfermos dependem da urgência das ambulâncias, e a segurança se torna mais eficaz quando à velocidade acrescenta-se o ornamento inibidor da sirene.

Os automóveis, porém, são devoradores vorazes de espaço - hoje, tanto no campo como na cidade. Eles estão em todos os lugares, consumindo áreas preciosas que poderiam ser utilizadas para outros fins, que não seja dar passagem - seja de cimento, paralelepípedo ou asfalto - às bóldes coloridas e sofisticadas criadas pela indústria automobilística. As ruas e avenidas são os territórios públicos por eles mais cobiçados.

Nas cidades de todos os portes, crianças e jovens não brincam mais nas ruas. O perigo do atropelamento e outras formas de violência mantém as novas gerações presas dentro das casas e apartamentos. As áreas pavimentadas, destinadas ao lazer, pelos condomínios, são agora as falsas ágoras que reúnem uma infância e uma juventude conectadas com um mundo muito diferente daquele feito de terra, ar, água e animais.

O grande desafio da sociedade contemporânea, de modo geral, é libertar o ambiente público da tirania dos automóveis, devolvendo-o aos pés humanos, que precisam voltar a habituar-se mais com o solo terrestre e menos com o invólucro de borracha dos pedais dos veículos autopropulsores. Todos andam pelas ruas e avenidas, no entanto, na maior parte dos casos, e a quase todo instante, dentro de automóveis.

Teme-se que, um dia destes, haja tantos automóveis, que um colará no outro, como vagões de um gigantesco trem. E tudo que não tem motor, será definitivamente saudade. Perceba-se que as bolas já não correm mais pelos campinhos improvisados com moleques sem camisa correndo atrás. E na Rua da República, ca-deiras que balouçavam nas calçadas estão em promoção, porém, não encontram quem as queira mais.

Artigo

EPC – campeã em premiações no jornalismo

Uma empresa de comunicação deve estabelecer sua linha de atuação primando pela forma competente com que seus profissionais produzam matérias comprometidas com a verdade e a ética. O bom jornalista desenvolve a arte de olhar com lupa os fatos, relatando-os com a expressão do pensamento e das ideias transportada para o campo científico. A estrutura de um texto, as tecnologias e ferramentas utilizadas no desempenho da profissão, bem como as técnicas de redação, são elementos essenciais para que a elaboração de reportagens e outros trabalhos na mídia, ganhe repercussão que resultem em reconhecimento da sociedade.

A EPC – Empresa Paraibana de Comunicação tem, nos últimos quatro anos, se destacado como campeã na conquista de premiações relacionadas ao jornalismo, nas mais diversas áreas de atuação. Profissionais do Jornal **A União** e da Rádio Tabajara, ao longo desse período, vêm ganhando destaques na produção de matérias jornalísticas que obtiveram conquistas nos mais diversos concursos promovidos com o propósito de laurear aquelas que assumiram nível de excelência na sua produção. Esses prêmios conferem a esses tradicionais veículos de comunicação a marca da credibilidade e da responsabilidade no desenvolvimento de suas missões institucionais.

As premiações vêm se sucedendo, à medida em que são inscritas reportagens que abordam temas variados, na conformidade dos editais tornados públicos pelos órgãos promotores desses concursos que objetivam valorizar o trabalho jornalístico dos veículos de comunicação da Paraíba, do Nordeste e do Brasil. Jornalismo Inclusivo, Educação Fiscal, Programas de Reinserção Social, Fotografia, Atividades Físicas, Linguagem Inclusiva, Mães Empreendedoras, Empresas Longevas, Na Paraíba o Agro é Pop, não é Tech, são reportagens, dentre outras, que mereceram premiações, em que brilharam as competências profissionais de Fernando Gonçalves, Marcos Thomaz, João Lira, Marcos Paaki, Evelyn Lima, Andreza Rodrigues, Luiz Monteiro, Thadeu Rodrigues, Márcia Dementshuk, Iago Sarinho, Mateus Silomar, Cibelly Correia, Marcus Antonius, Lucilene Moraes, Beth Menezes e Wellington Sérgio.

Rui Leitão

inrleitao@hotmail.com

Os perfis desses profissionais multi-capacitados são o reflexo da formação de uma geração de jornalistas que encara suas atividades com senso de responsabilidade e criatividade. É, por isso, que, tanto o Jornal **A União**, quanto a Rádio Tabajara, são considerados escolas do jornalismo paraibano.

Tudo isso é resultado de um esforço profissional de equipe, comandado pela jornalista Naná Garcez, presidente da EPC, estabelecendo métodos de trabalho que garantem o exercício de um jornalismo de qualidade, com apuração de fatos, repórteres em campo, busca de fontes etc. Essa comunicação interna, além de colaborar para a otimização dos trabalhos que apresentam, concorre para que a marca desses veículos ganhe credibilidade entre seus leitores e ouvintes. É uma experiência exitosa, na compreensão de que jornalismo é, acima de tudo, um trabalho em equipe.

A EPC, por seus veículos de comunicação, define suas pautas jornalísticas sintonizada com os interesses da sociedade paraibana, investindo em reportagens e se afirmando como formadores de opinião e divulgadores de informações. Isso tem feito com que venha se colocando como “campeã de premiações no jornalismo”.

“
As premiações vêm se sucedendo, à medida em que são inscritas reportagens que abordam temas variados

Rui Leitão

Foto Legenda



A bolsa burla a fiscalização

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Cem anos de um grande livro

A Casa de José Américo está resgatando o que se escreveu sobre o livro **A Paraíba e seus problemas**, nestes cem anos de presença do livro na biblioteca brasileira de estudos regionais.

Em sua 1ª edição de 1923, objetivava-se, de imediato, “expressar ao sr. Epitácio Pessoa o reconhecimento da Paraíba pelos benefícios outorgados como solução do problema das secas; perpetuar num livro a história desse esforço redentor.”

Em 1979, decorridos mais de cinquenta anos desse justo reconhecimento, todo o Nordeste voltado para a revolução do desenvolvimento econômico, simbolizada e instrumentalizada pela ação da Sudene, vem o papa da nova historiografia brasileira, José Honório Rodrigues, e realimenta, ao lado da crítica literária, a força do estudo e da mensagem do livro destinado a consagrar a ação extraordinária das Obras Contra as Secas, relegadas pela onda desenvolvimentista como precária “solução hidráulica” Reitera: “Este livro tem 56 anos de vida, mas ainda tem viço e força e creio que terá por outros muitos anos.”

Isto numa análise de mestre, capítulo por capítulo, sobrelevando o “antropossocial, e pela tentativa pioneira à sua época de descrever o caráter e a personalidade do paraibano, as várias etnias que compuseram a população, os vários grupos indígenas, os africanos, a variedade da mestiçagem, definindo o paraibano, o urbano e o sertanejo”. A parte que não se previa na encomenda oficial.

“O crítico social, o pensador político, o historiador analista aprofunda os aspectos sociais, revela a força do povo paraibano, que como todo povo brasileiro tem dado mais ao país que o país a eles, porque uma minoria dominadora não lhe reconhece os direitos e o despreza e marginaliza nos usufrutos dos benefícios por ele, povo, produzidos”- volta o autor de *Aspirações Nacionais*.

Mais de quatro décadas depois, com a urbanização de quase toda a população, a expansão da escola em todos os níveis mesmo sem contar muito com a qualidade, com um sistema de acesso à saúde incomparável aos do próprio governo José Américo, com estrada de acesso a todas as cidades, sem uma boca sem luz ou sem água de elevatório ou de poço, o que iremos ler ou o que pode exi-

“
A Casa de José Américo está resgatando o que se escreveu sobre o livro **A Paraíba e seus problemas**

Gonzaga Rodrigues

gir o leitor de hoje de um estudo de 1920/23? A fortuna crítica em preparo deve dizer. Reúne grandes vozes contemporâneas do livro, como Jackson de Figueiredo, Josué de Castro, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, seguidos de Manuel Correia de Andrade, José Rafael de Menezes, José Octávio de Arruda Mello, Deusdedit Leitão, Aécio Vilar de Aquino, caindo hoje na nova crítica fermentada na nossa Universidade.

Em *Eu e Eles*, na serenidade dos seus oitenta anos, acalmado e desobrigado do seu destino de cúpulas, José Américo confere ao livro que mais exigiu de sua vocação literária, escrito com trinta e poucos anos, a sua compensadora realização. “É o que tenho de melhor”. E o que mais o preparou para *A Bagaceira*: “Sentei-me na terra, conversei com instintos e preconceitos e dei uma nota social ao quadro”. Vem dessa nota a nova leitura fruto da Universidade que ele criara.

O ministro Oswaldo Trigueiro, no perfil que dedica a José Américo em *Galeria Paraibana* (1998) parece errar nesta profecia: “Por conta da política o escritor José Américo ficará na literatura como escritor de um livro só, isto é, como o autor de *A Bagaceira*, já que a pequena novela de estreia não resistiu à erosão do tempo, e *Boqueirão* e *Coiteiros* não são obras dignas de seu renome.” E omitiu por sua própria conta *A Paraíba e seus problemas*. Não se davam bem na política.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U I D I O R I A : 99143-6762

AGRONEGÓCIOS

Expofeira começa, hoje, com animais de até R\$ 1 milhão

Evento conta com mais de 200 expositores e criadores de todo o Brasil

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Começa hoje, no Parque de Exposições Henrique Vieira de Melo, no Cristo Redentor, em João Pessoa, a Expofeira Paraíba Agronegócios com expectativa de cerca de R\$ 20 milhões em negócios até o próximo dia 24 deste mês. O evento vai reunir 200 expositores de todo o Brasil e contará com animais do Norte, Nordeste e Sul do país, que chegam a valer até R\$ 1 milhão.

A entrada no Parque de Exposições será gratuita e com horário de funcionamento das 10h às 22h. Nos oito dias da Expofeira, os visitantes poderão prestigiar torneios que mostrarão a qualidade dos animais expostos no evento. Acontecerão torneio leiteiro de caprinos e bovinos, prova de marcha de equinos, entre outros concursos, além de leilões, palestras e seminários sobre temas relacionados ao agronegócio.

“
Estamos
confiantes de que
a edição deste ano
represente um
marco significativo
para a agricultura
e pecuária do
nosso estado

Joaquim Hugo Vieira

O expositor Gabriel de Arruda Campos é de Limoeiro do Norte, no estado de Pernambuco, e trouxe para o evento 50 animais, entre eles uma vaca da raça Girleiteiro que chega a produzir 97 litros de leite por dia. Parte dos animais está disponível para venda e outros

foram escolhidos para o desfile que premiará os melhores animais.

“Nossa expectativa é fazer boas vendas e ter um bom desempenho também no desfile. No último desfile que participamos, em Limoeiro, vencemos todos”, afirmou.

Júnior Pontes veio de São José do Campestre, no estado do Rio Grande do Norte, para participar da Expofeira paraibana. Da fazenda São José ele trouxe seis animais da raça Sindi, especialmente para o desfile. A raça é destaque na produção de leite e uma das mais procuradas por produtores do Nordeste.

Iago Gomes Aciole percorreu mais de 1.500 quilômetros, desde a cidade de Santa Inês, no estado do Maranhão, para chegar a João Pessoa e garantir a participação de 17 animais na Expofeira. São cabras e bodes, sendo três para venda e o restante para desfile na pista.

“Os animais são a atra-

ção principal para os visitantes da Expofeira, que reúne produtores e expositores de várias raças de caprinos, ovinos, bovinos e equinos, vindos de diferentes estados do Brasil. Estamos confiantes de que a edição deste ano de 2023 represente um marco significativo para a agricultura e pecuária do nosso estado”, disse o secretário do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca, Joaquim Hugo Vieira.

Uma sessão especial será realizada na Assembleia Legislativa sobre a Expofeira, além disso, mudas serão distribuídas no dia 21 de setembro, Dia da Árvore. O evento é uma realização do Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca, em parceria com a Federação da Agricultura e Pecuária da Paraíba (Faepa)/Serviço Nacional de Aprendizagem Rural da Paraíba (Senar) e Sebrae.

Fotos: Ortilo Antônio



Na Expofeira, os visitantes poderão prestigiar torneios leiteiro de caprinos e bovinos, prova de marcha de equinos e outros concursos que mostrarão a qualidade dos animais expostos no evento



Espaço para gastronomia e música ao vivo

A Expofeira terá amanhã um Encontro de Mulheres do Agro, além de curso de Carcino cultura e Psicultura. A praça de alimentação terá foodtrucks, montagem de estandes para a alimentação, oferecendo gastronomia diferenciada e inovadora a partir das cadeias produtivas apresentadas no evento. Neste espaço também terá música ao vivo com trios de forró pé de serra.

Entre as novidades está o ‘Agroshopping’, espaço de exposição e comerciali-

zação de produtos e serviços para a cadeia produtiva do agro, com estandes em áreas cobertas, com produtos de pequenos portes e estandes com máquinas e equipamentos maiores.

A Feira de Agroecologia e Flores remete às feiras do interior. Serão criados dois pontos de vendas: um com vendas de produtos da agricultura familiar, plantas ornamentais/flores e artesanato; e outro com exposição e comercialização das cachapas e queijos paraibanos.

As edificações existentes na Expofeira Paraíba Agronegócios serão caracterizadas com fachadas cenográficas, retratando a religiosidade e costumes da zona rural, como: casa de farinha, igrejas, bodegas e outros elementos lúdicos.

O evento terá uma cidade cenográfica e um espaço destinado à exposição dos municípios e suas potencialidades como também apresentação dos eventos que formam o calendário de atividades dos destinos.

■
O evento terá uma cidade cenográfica e um espaço destinado à exposição dos municípios e suas potencialidades

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

“HISTORICAMENTE, SÓ RECEBEMOS RESTOS ORÇAMENTÁRIOS, E NÓS PRECISAMOS MUDAR ISSO”

Na solenidade de lançamento do novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) na Paraíba, na terça-feira (12), o presidente da ALPB, Adriano Galdino (Repúblicanos) foi incisivo em seu discurso ao cobrar do Governo Federal um olhar especial para o Nordeste. Ao fazer um recorte histórico a partir do surgimento da República, ele referenciou um dado relevante nesse contexto: “O povo nordestino tem uma conta a receber da nação brasileira. Na República, 32 presidentes foram eleitos do Sul e Sudeste e só investiram em seus Estados e cidades natais. Historicamente, nós só recebemos os restos orçamentários, o grande bolo sempre ficou para o Sul e Sudeste. E nós precisamos mudar isso”, disse. Na solenidade, estavam dois ministros nordestinos do Lula III: Rui Costa, da Casa Civil, e Camilo Santana, da Educação. A fala de Galdino veio na esteira de uma pauta que está em discussão no Congresso: a reforma tributária. “Eu achava que a reforma tributária iria ajudar, mas fiquei decepcionado, porque o critério usado para distribuição [dos recursos] é por componente populacional, permanecendo no Sul e Sudeste. Vamos reagir porque estamos acostumados a subir ladeira, mas é importante que o Governo Federal nos ajude”, enfatizou.

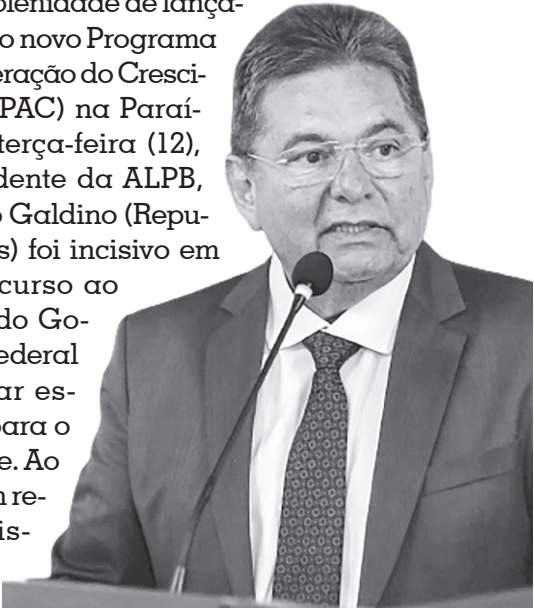


Foto: ALPB

“COBRANÇA” EM 2015

Não é a primeira vez que Galdino faz menção à dívida histórica que o Governo Federal tem com o Nordeste. Ele havia feito discurso similar em 2015, quando participou da 19ª Conferência Nacional dos Legisladores e Legislativos Estaduais, da Unale, em Vitória (SC). Na ocasião, fez a “cobrança” ao ministro de Minas e Energia, Eduardo Braga.

“DÍVIDA ECONÔMICA E MORAL”

Em seu discurso na Unale, em 2015, Adriano Galdino bradou: “É sabido que a União, especialmente a República brasileira, tem sido muito injusta com relação a investimentos na região Nordeste. Hoje, os Estados nordestinos têm uma dívida a cobrar da União, que tem uma dívida moral, econômica e social com o povo nordestino, que se cansou de ser tratado injustamente”.

PRIVILÉGIO NÃO, EQUIDADE

Na época do discurso no evento da Unale, Galdino não cobrou privilégios ao Nordeste, mas equidade: “Nós não queremos ter tratamento diferenciado. Queremos ser tratados de uma forma igual e os estados do Sul e Sudeste só são ricos porque a Nação investiu injustamente lá, em detrimento do Nordeste. Está na hora da União pagar essa conta”.

EFRAIM: NOVO ACENO A BRUNO

“[Sendo] Bruno reeleito em Campina, passa a ser um grande quadro, e é claro que o União Brasil analisa essa possibilidade. Mas não vamos falar de 2026, porque antes tem 2024, quando o foco é a reeleição”. Do senador Efraim Filho, em renovado aceno para ter Bruno Cunha Lima (PSD) nos quadros do União Brasil. E acresceu: “Ele terá no União Brasil um espaço para construir esse diálogo”

“DEVE ACONTECER DE FORMA NATURAL”

A senadora Daniella Ribeiro, em entrevista à imprensa de Campina Grande, reiterou que o PSD estará irmanado com outros partidos de oposição para a disputa pela Prefeitura: “Estaremos participando [da discussão sobre o processo eleitoral]. Obviamente, no final do ano, isso deve acontecer de forma natural, até porque a população de Campina tem demonstrado a sua insatisfação com a gestão atual”.

RECORDE: 85 SE INSCREVEM PARA AVALIAR A SEGURANÇA DE URNAS

O ex-presidente Bolsonaro (PL) foi condenado à inelegibilidade por oito anos por fazer acusações sem provas contra o sistema eletrônico de votação. Para ele, as urnas eletrônicas são passíveis de fraude. Coincidência ou não, este ano, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) recebeu um número recorde de inscrições de interessados em participar do processo de avaliação da segurança do sistema eletrônico de votação, a ser usado nas eleições de 2024. Há 85 pré-aprovados para participar do teste público de segurança.

Foto: Roberto Guedes

Ferdinando Lucena

Presidente da PBTur

“Ampliar a divulgação e promoção do produto Paraíba é essencial”



Presidente assumiu a PBTur com a meta de ampliar o orçamento para impulsionar mais a imagem da Paraíba

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Em fevereiro de 2023, Ferdinando Lucena assumiu a presidência da Empresa Paraibana de Turismo - PBTur com a tarefa de ampliar o orçamento da autarquia para promoção e divulgação da Paraíba no Brasil e exterior. Com mais de 25 anos de atuação, Ferdinando acumula experiência no setor turístico do estado, tendo sido premiado como melhor gestor de Centro de Convenções do Brasil pelo Prêmio Caio 2021.

Em entrevista ao Jornal **A União**, Ferdinando Lucena faz um balanço do primeiro semestre à frente da PBTur, a importância do diálogo com o *trade* turístico, da participação em feiras e eventos nacionais, e do potencial turístico da Paraíba com a interiorização das ações.

Entrevista

■ O senhor tomou posse em fevereiro de 2023 e destacou, entre outras ações, ampliar a divulgação do programa *Destino Paraíba*. Como está o andamento desse trabalho?

A Paraíba conta com 12 regiões turísticas, que abrangem 53 municípios. Desde fevereiro, quando assumimos a gestão da PBTur, uma das prioridades é exatamente ampliar a divulgação e a promoção do *Destino Paraíba* e suas regiões turísticas para os principais emissores de mercado do Brasil e do exterior. A missão e o foco da PBTur é colocar o *Destino Paraíba* na prateleira comercial das grandes operadoras, participando de todas as feiras comerciais e de turismo no Brasil, trabalhando a capacitação do destino, trabalhando a *fampress*, a negociação com os principais parceiros comerciais do estado. O nosso maior objetivo é colocar a Paraíba na rota do turismo nacional e internacional.

■ O diálogo com o *trade* turístico é fundamental para aperfeiçoar a estrutura direcionada aos turistas e visitantes. Como o senhor avalia a articulação com o setor aqui na Paraíba?

O diálogo com esse setor é preponderante para que as ações aconteçam. As ações de *marketing* promocional são feitas em parceria com as entidades profissionais e empresariais do *trade* turístico, a exemplo da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis da Paraíba, Convention Bureau, da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes, da Associação Brasileira das Agências de Publicidade, Sindicato das Empresas de Hospedagem e Alimentação, e com todas as outras entidades existentes do *trade* turístico aqui na Paraíba.

É um trabalho conjunto, que é feito a várias mãos, exatamente por entendermos que o binômio gestão pública – empresarializado possa acontecer de forma



Foto: Roberto Guedes

“

Conseguimos participar das feiras comerciais do setor, vendendo a alta temporada 2023/2024 e atraindo voos extras e fretamentos

Ferdinando Lucena

harmônica e em sintonia, para que possamos chegar mais longe com as ações propostas pela PBTur e pela Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico da Paraíba.

■ No último final de semana de ago-

to, o Governo do Estado, através da PBTur, participou do Festival de Turismo de Alagoas. Qual balanço o senhor faz desse encontro e qual a importância desses eventos na divulgação do *Destino Paraíba*?

O Festival de Turismo de Alagoas é uma feira comercial importante no Nordeste e contou com a presença de cerca de 500 agentes de viagens do Brasil inteiro. Geraamos muitas expectativas, que tiveram seus objetivos alcançados. Essas feiras e eventos são estratégicas pois conseguimos negociar a presença da Paraíba na prateleira comercial e no *portfólio* das agências e operadoras. É um trabalho diuturno e permanente de que nós fazemos para a Paraíba ser sempre lembrada pelos profissionais que operam o turismo no Brasil.

Nós tivemos a oportunidade de apresentar um destino importante com atrativos turísticos, com os nossos encantos naturais, gastronomia, patrimônio histórico e cultural. Ou seja, todas as nossas potencialidades são elencadas a partir de capacitações que são feitas para que possamos informar melhor aos agentes de viagens sobre os destinos na Paraíba o que temos a oferecer e o que podem encontrar aqui, nossos diferenciais competitivos. E isso faz com que consigamos chegar mais longe e ter a Paraíba na “boca” dos agentes de viagens, que têm um papel importante para centralizar e direcionar viagens pelo Brasil.

■ Assim como no restante do Brasil, a Paraíba sentiu os efeitos da pandemia da Covid-19 no campo do turismo. Como o senhor avalia esses efeitos e como está sendo a retomada do setor turístico no estado?

É importante frisar que a Paraíba vinha num processo evolutivo importante, de exponencial crescimento e nós estamos garantindo esse legado de crescimento que a Paraíba teve ao longo dos anos. A pandemia passou, a retomada também passou, e o turismo está indo de vento em popa no Brasil, principalmente, no Nordeste, e a Paraíba não poderia ficar de fora.

Nós tivemos um semestre bastante positivo. Conseguimos plantar várias sementes nesse primeiro semestre e continuamos plantando. Participando de todas as feiras comerciais do setor, trabalhando a alta temporada do turismo (2023/2024), atraindo novos voos extras e fretamentos, potencializando nosso destino e fazendo com que cada vez

mais, o fluxo de turistas e visitantes cheguem à Paraíba de forma muito ampla para que o mercado turístico possa alcançar os resultados que foram planejados ao longo de 2023.

Vale ressaltar que o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho, vem atuando bastante na inteligência competitiva, e isso faz com que possamos alcançar resultados mais práticos. Trabalhamos com planejamento para que esses números possam ser ampliados cada vez mais e puxados para cima.

■ No cenário nacional, a Paraíba é reconhecida pela beleza de sua faixa litorânea. A Rota Cultural Caminhos do Frio, realizado entre os meses de julho e setembro, nos municípios do Brejo paraibano, trazem uma nova perspectiva sobre o potencial turístico do estado. Como o senhor avalia o papel da PBTur nessa iniciativa?

Em relação ao Caminhos do Frio, estamos atuando de forma muito próxima com as prefeituras da região e até com algumas que estão fora dessa região, a exemplo do município de Dona Inês, que encerrou o seu Festival no último domingo (3 de setembro), e que levou muita cultura, literatura e arte para que os turistas que estão circulando no final de semana possam visitar esses atrativos. Dona Inês é uma cidade preparada, com pousadas, restaurantes e pontos turísticos incríveis. Todos esses atrativos merecem ser enaltecidos e amplamente divulgados.

O Brejo tem feito essa ação de forma muito organizada. Foram 10 cidades que se colocaram como um produto turístico importante. O frio é um produto turístico importante dessa região. Cabe ao Governo da Paraíba, em parceria com o Sebrae, fazer com que essa ação seja estimulada e que esse fluxo de visitantes cresça. É um grande festival feito tanto para os turistas quanto para os moradores não só das cidades em que ocorrem, mas de toda a região.

■ A Paraíba voltou a ser palco de grandes produções nacionais, a exemplo da série *Cangaço Novo*, gravada em dez cidades paraibanas; a série *Maria Bonita*, filmada em Cabaceiras; além da expectativa pelas gravações do longa *O Auto da Compadecida 2*. Qual o impacto do lançamento dessas séries e filmes no setor turístico do estado?

A Paraíba tem sido um cenário de cenários para que produ-

ções como essas sejam realizadas aqui no estado e que essas produções, a partir desses filmes, sejam essa mídia espontânea que tanto esperamos. Estamos, cada vez mais, tendo a possibilidade de apresentar os seus cenários, atrativos em produções com grande visibilidade e com grande divulgação para o Brasil e para o mundo.

■ O que os paraibanos podem esperar, em termos de planejamento e execução, em relação ao fomento do turismo no estado?

O nosso trabalho é muito finalístico. Muito focado em objetivos. A PBTur trabalha com bastante foco na promoção e na divulgação do estado. A questão do aumento do orçamento para promoção e divulgação foi algo essencial. O governador João Azevêdo; o vice-governador Lucas Ribeiro, juntamente com a secretária de Turismo do Estado, Rosália Lucas; o secretário executivo de Turismo, Delano Tavares; e a própria PBTur, têm feito um trabalho para potencializar ainda mais a estruturação dos municípios, juntamente com a promoção e divulgação. O objetivo é ampliar essa divulgação do produto Paraíba para o mercado nacional. Estar a todo momento em uma pauta positiva e em uma agenda tão importante.

■ Em relação aos outros estados do Nordeste, como se encontra a estrutura turística no estado da Paraíba?

Não existe um *ranking* específico para mensurar se estamos bem ou mal. Não existe. Mas, a verdade é que o Nordeste inteiro é muito rico no turismo, e a Paraíba, volto a dizer, tem passado por um processo evolutivo. Temos um legado importante que está sendo ampliado e quem chegar depois de mim, e eu torço para que faça mais do que eu.

Volto a destacar que o governador João Azevêdo foi bastante sensível em relação ao aumento do orçamento para essa promoção e uma das suas orientações é interiorizar o turismo. Nós estamos hoje, de uma forma mais qualificada, participando das feiras comerciais, fazendo nosso trabalho nas agências de turismo no Brasil inteiro, realizando capacitações em mercados estratégicos. Em resumo, o nosso foco é fazer a Paraíba mais conhecida, e que ao longo de todo ano, tenhamos turistas e visitantes injetando dinheiro novo na nossa economia.

ALIMENTAÇÃO

Suplementação só quando necessário

Especialistas alertam que uso indiscriminado de vitaminas sem orientação médica e nutricional pode prejudicar a saúde

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Para aumentar a imunidade, ter mais disposição, dar mais vida aos cabelos e à pele. Nos balcões das farmácias, uma infinidade de vitaminas e suplementos alimentares prometem esses e outros benefícios. No entanto, o uso indiscriminado e sem orientação médica e nutricional pode causar um efeito inverso, intoxicação e até causar danos a órgãos como rins e fígado.

A médica nutróloga, Thaís Fontinele explica que o uso de suplementos e vitaminas inclui desde o tratamento de deficiências nutricionais específicas até a prevenção de doenças. A suplementação de vitaminas e minerais deve ser considerada apenas quando há uma deficiência diagnosticada, evitando o risco de toxicidade (excessos de nutrientes) ou desequilíbrio nutricional. Por isso, é essencial o acompanhamento médico antes de iniciar qualquer suplementação.

“Antes de iniciar a suplementação, é fundamental a realização de uma avaliação médica, incluindo exames de sangue para verificar deficiências nutricionais. Com base nos resultados, o médico nutrólogo poderá recomendar a suplementação adequada, ajustando as doses e o tempo de uso conforme necessário”, afirma a médica.

Ela ainda alerta que a utilização sem critério de vitaminas pode ter várias repercus-



Danúbia Henrique faz uso de vitaminas, mas com orientação

sões negativas à saúde, como excesso de nutrientes tóxicos, interações prejudiciais com medicamentos e desequilíbrios nutricionais. A médica reforça que o uso de suplementos sem orientação médica é amplamente desaconselhado.

Além disso, o uso dos suplementos sem orientação pode gerar sobrecarga hepática ou renal, gerando danos à saúde. A nutricionista Sarah Mendonça pontua que podem ocorrer possíveis quadros de hipervitaminose devido à intoxicação, o que pode acarretar sintomas de visão embaçada, redução de apetite, perda de peso, danos na pele, dentre outros.

A auxiliar administrativa Danúbia Henrique, de 36 anos, suplementa diariamente 11

diferentes tipos de vitaminas ou substâncias. A prescrição foi feita por médicos, há cerca de três anos, quando ela recebeu diagnóstico de Tireoide de Hashimoto e câncer.

Atualmente ela utiliza vitamina D, vitamina C, vitamina B12, ômega, magnésio, zinco, cálcio, cisteína, cistina, biotina e piridoxina. “Fez toda a diferença no meu processo pós-câncer”, afirma. Danúbia faz exames para acompanhamento e avaliação da suplementação a cada seis meses.

A nutricionista Sarah Mendonça acrescenta que o uso da suplementação deve ser iniciado após avaliação clínica física (avaliação da saúde da pele, unha, cabelos, olhos, língua, perda de peso) sinais e sintomas (cansaço, queda de

■ Danúbia Henrique utiliza vitamina D, vitamina C, vitamina B12, ômega, magnésio, zinco, cálcio, cisteína, cistina, biotina e piridoxina

cabelo, dor abdominal, sono irregular) e avaliação de exames bioquímicos que conferem carências nutricionais ou patologias em órgãos que precisam ser tratados.

A última Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativa ao período de 2017 a 2018, mostrou que 9,2% das pessoas usaram pelo menos um suplemento alimentar. Esse índice sobe para 41% entre as mulheres idosas, que informaram em maior proporção o uso de suplementos com cálcio (21,3%) e com vitaminas (19,5%). O mesmo estudo apontou que cerca de 98% da população brasileira não ingere a quantidade ideal de vitaminas por dia.

Dieta equilibrada não garante os nutrientes

Os especialistas afirmam que a melhor forma de obter os nutrientes necessários é através de uma dieta equilibrada e variada, que inclua uma ampla gama de alimentos saudáveis. A médica nutróloga Thaís Fontinele explica que a composição exata de uma dieta diversificada, equilibrada e saudável varia de acordo com as características individuais de cada pessoa, a exemplo de idade, sexo, estilo de vida e grau de atividade física, além do contexto cultural, alimentos disponíveis localmente e hábitos alimentares.

“Muito além da prevenção de deficiências de nutrientes, uma alimentação saudável ajuda a proteger contra as doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), entre elas diabetes, doenças cardiovasculares, AVC e câncer. No entanto, os princípios básicos do que constitui uma alimentação saudável permanecem os mesmos para todos: consumir ampla variedade de frutas e vegetais coloridos, incluir fontes de proteínas magras (peixe, frango, carnes magras, ovos), preferir grãos integrais e optar por gorduras mais saudáveis (azeite, abacate, nozes e sementes)”, orienta a médica.

Apesar de uma dieta equilibrada, a nutricionista Emanuelle Henrique destaca que os nutrientes mais comuns que as pessoas podem não obter em quantidades suficientes em suas dietas incluem vitamina D, cálcio,

vitamina B12, ferro, ômega-3 e fibras. Ela ressalta que existem comprovadamente benefícios ao tomar suplementos regularmente, mesmo se não houver deficiências nutricionais aparentes.

Exemplos disso são o Ômega-3, com benefícios comprovados na saúde cardiovascular; probióticos, que são bactérias benéficas podem ajudar a manter um equilíbrio saudável da flora intestinal, promovendo uma digestão adequada e fortalecendo o sistema imunológico; suplementos de colágeno, importante para a saúde da pele, cabelos, unhas e articulações. “A suplementação com peptídeos de colágeno verisol pode ser benéfica para pessoas que desejam melhorar a elasticidade da pele ou o colágeno tipo 2 para lidar com problemas articulares”, explica Emanuelle.

Na lista ainda estão os multivitamínicos, que algumas situações, como dietas restritivas ou restrições alimentares específicas, podem garantir que o corpo obtenha uma ampla gama de nutrientes essenciais. Além disso, ao suplementar o Óxido Nítrico (NO) os benefícios são o relaxamento dos vasos sanguíneos e melhora no fluxo sanguíneo. Segundo a nutricionista, suplementos de NO podem ser benéficos para atletas e pessoas que buscam melhorar o desempenho físico e a saúde cardiovascular.

Uso de vitaminas varia de acordo com a faixa etária de cada pessoa

À medida que envelhecemos, as necessidades nutricionais também podem mudar. Os idosos, por exemplo, podem requerer suplementos de vitamina B12 devido à diminuição da absorção, enquanto durante a infância é crucial garantir uma ingestão adequada de ferro para prevenir a anemia, levando em consideração a fase de crescimento.

A nutricionista Emanuelle Henrique explica que com o início da menstruação, as adolescentes podem ter uma necessidade aumentada de ferro devido à perda de sangue menstrual, e é importante avaliar seus níveis para prevenir deficiências. Já durante a gravidez, as mulheres geralmente necessitam de suplementação prévia de ácido fólico, ferro e cálcio adicionais para apoiar o desenvolvimento fetal e a saúde materna.

“Também é importante considerar a vitamina D, que é essencial para a saúde óssea e pode ser necessária em quantidades maiores em idades avançadas. Devido à perda de força e massa muscular podemos avaliar a introdução da creatina para esse fim. Todas essas recomendações devem ser sempre personalizadas e baseadas em avaliações individuais de saúde e da dieta. Por isso é tão impor-



Foto: Orílio Antônio

Priorize sempre a alimentação como a principal fonte de nutrientes e utilize suplementos de forma consciente e sob orientação profissional, quando necessário

Emanuelle Henrique,



Foto: Arquivo Pessoal

Caso não seja possível obter todos os nutrientes através da alimentação, consultar um nutrólogo poderá auxiliar na recomendação de suplementos

Thaís Fontinele

tante que um profissional faça uma avaliação para determinar as necessidades específicas de cada faixa etária e situação”, explica.

A médica nutróloga Thaís Fontinele reforça que há vitaminas e minerais cujas necessidades variam de acordo com a faixa etária e o sexo. Além do ferro, ela explica que as crianças também necessitam de cálcio e vitamina D para desenvolvimento ósseo adequado. Já mulheres após a menopausa podem necessitar da suplementação de cálcio e vitami-

na D para reduzir o risco de osteoporose.

“É à medida que envelhecemos, a absorção de certos nutrientes pode diminuir. Portanto, os idosos podem necessitar de suplementação de vitamina B12, vitamina D e cálcio para manter a saúde óssea e prevenir deficiências. É importante ressaltar que suplementação deve ser determinada com base em avaliação médica e exames de sangue para identificar deficiências específicas para cada indivíduo”, alerta a médica.

Banco do Nordeste apresenta

A Última Sessão de

FREUD

de Mark St. Germain

14

ODILON WAGNER E CLAUDIO FONTANA

DIREÇÃO: ELIAS ANDREATO

IDEALIZAÇÃO: RONALDO DIAFERIA

TEATRO PAULO PONTES

JOÃO PESSOA, PB

SEXTA 22/09 ÀS 20H

SÁBADO 23/09 ÀS 20H

DOMINGO 24/09 ÀS 19H

INGRESSOS

www.freud.art.br

PRÊMIO SHELL
Indicação
Melhor Ator

PRÊMIO APCA
Indicação
Melhor Ator

PRÊMIO BIBI FERREIRA
Indicação
Melhor Ator

PRÊMIO SHELL
Indicação
Melhor Cenário

PRÊMIO CENYM
Indicação
Melhor Texto Adaptado

PRÊMIO BIBI FERREIRA
Indicação
Melhor Peça

“Quem ama preserva. Preservar o meio ambiente, é preservar a vida”

PATROCÍNIO

APOIO

HANSENÍASE

Grande JP concentra casos da doença

SES revela que, até agosto deste ano, foram 300 registros na PB, destes, quase um terço está na Região Metropolitana

Anderson Lima
Especial para A União

A Paraíba registrou 300 casos de hanseníase até agosto deste ano, de acordo com o boletim da Secretaria de Estado da Saúde (SES). Em relação ao ano passado, houve uma diminuição de 87 casos. Com 40 registros feitos este ano, João Pessoa concentra o maior número de notificações das doença, com Bayeux em segundo lugar com 21, Santa Rita em terceiro com 20 e Cabedelo com 12, todas cidades da Região Metropolitana da capital.

A hanseníase, que antigamente era conhecida como lepra, é uma doença milenar que ainda resiste na Paraíba. É uma enfermidade crônica e infectocontagiosa que afeta os nervos e a pele. A sua transmissão é causada pelo bacilo *Mycobacterium leprae*, que como consequência deixa lesões na pele, com alterações na sensibilidade e problemas na força muscular. Se não tratada precocemente, pode ocasionar sequelas maiores, como lesões neurais devido ao seu alto poder incapacitante.

Os principais sintomas que indicam a doença são manchas vermelhas ou amareladas em qualquer parte do corpo, sem pelos e que não coçam, com alteração de sensibilidade, podendo ser térmica, dolorosa, tátil ou de força muscular. Pode surgir dor e sensação de choque, formigamento, dormência nos nervos dos braços e das pernas.

Referência no tratamento da hanseníase e outras doenças infectocontagiosas, o Hospital Clementino Fraga, em João Pessoa, atende atualmente 110 pessoas com hanseníase, sendo a maioria dos casos da capital.

O diretor do hospital, Gilberto Costa Teodózio, explica que a detecção precoce da hanseiniase minimiza a transmissão na comunidade e entre familiares, diminuindo as estatísticas de contami-

Assistência

Referência no tratamento da hanseníase e outras doenças infectocontagiosas, o Hospital Clementino Fraga, em João Pessoa, atende atualmente 110 pessoas

nação e disseminação, evitando que o paciente desenvolva lesões de maior gravidade, reduzindo as sequelas permanentes. “Diagnosticar precocemente também possibilita o início rápido do tratamento, promovendo mais qualidade de vida ao paciente”, reforçou Gilberto Costa Teodózio.

Por ser é referência estadual para o tratamento da doença, o complexo hospitalar realiza exames de baciloscopia, biópsia e avaliação clínica, diagnóstico e tratamento da hanseníase, em especial dos casos mais graves ou aqueles em que as Unidades Básicas de Saúde (UBSs) não conseguem fechar o diagnóstico. Segundo o diretor, Clementino Fraga apoia as UBSs, sendo referência para os 223 municípios da Paraíba.

Janeiro Roxo

• Anualmente, o Ministério da Saúde promove o Janeiro Roxo, mês de campanha e luta contra a doença, cujo Dia Nacional de Combate e Prevenção da Hanseníase, de acordo com a Lei nº 12.135/2009. O tratamento é realizado em Unidades de Saúde e a medicação é oferecida pelo Sistema único de Saúde (SUS) de forma gratuita. Ao iniciar o tratamento a carga bacilar da doença diminui de forma gradativa e o paciente deixa de transmitir para outras pessoas.

USF é porta de entrada para tratar a patologia

A porta de entrada para o diagnóstico e tratamento da hanseníase é através das Unidades de Saúde da Família (USFs). De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa (SMS), os casos de suspeita são identificados pela equipe de saúde, avaliados e, caso o resultado seja positivo, é solicitado a medicação e a notificação junto ao Sistema de Informação. O acompanhamento do paciente e dos seus comunicantes seguem durante todo o tratamento.

Coordenadora da Área Técnica da Tuberculose e Hanseníase de João Pessoa, Eveline Vilar explica que a hanseníase sem nenhum grau de complicação é para ser tratada nas Unidades de Saúde, e o diagnóstico é feito através através do teste de sensibilidade pelo médico.

A coordenadora, ainda, reitera que os medicamentos utilizados são os do es-

quema padronizado pelo Ministério da Saúde, a poliquimioterapia (PQT-U), e o tempo de tratamento depende da forma clínica da doença. “Essa medicação é disponibilizada pelo SUS nas USF ou hospitais de referência. O encaminhamento para o hospital acontece se o paciente apresentar alguma complicação ou para elucidação diagnóstica”, detalhou Eveline Vilar.

Saiba mais

• O Hospital Universitário Lauro Wanderley, no Campus I da Universidade Federal da Paraíba, também oferece tratamento para hanseníase, segundo dados da Unidade de Vigilância em Saúde do HULW-UFPB, em 2023 deu entrada na unidade apenas um caso da doença. Já em 2022, foram 15 pessoas atendidas no hospital, todas vindas dos municípios de Sapé, Itapororoca e do Conde.



José Augusto da Silva Lima, 60 anos, foi diagnosticado com hanseníase, e um sintoma foi dormências nas mãos

Prevenção com campanhas de orientação

O hospital Clementino Fraga realiza a prevenção através de campanhas de orientações quanto ao autoexame, oferecendo informações aos familiares, de como os contactantes dos pacientes portadores de hanseníase devem procurar a atenção básica para realização de consulta de enfermagem e médica.

Outra forma, é o Janeiro Roxo, onde o Clementino faz ações em praças, escolas, comunidades sobre a importância dessa prevenção. No centro hospitalar, acontece mensalmente um encontro de autoajuda com ex-pacientes, que superaram a doença, que estão

em tratamento, familiares e a equipe multidisciplinar. Além disso, Gilberto Costa, conta que a equipe de fisioterapia realiza o exame de prevenção de incapacidade (PI) e reabilitação.

José Augusto da Silva Lima, 60 anos, foi um daqueles casos em que os médicos não conseguiram fechar o diagnóstico rapidamente, em 2000, ele começou a ter dormência nas mãos. Indo a vários médicos, todos indicavam ser neurite ou alguma pancada, tomou alguns remédios, mas não cessava, isso demonstrou no processo de diagnóstico final. “Um belo dia eu es-

tava mexendo na minha mão, puxei um cabelinho que tinha e arranquei, mas não senti nada. Então disse: eita rapaz, tem alguma coisa errada”, relatou José.

Continuando as dormências na sua mão, José procurou um médico ortopedista para tentar achar uma solução para o seu caso. O médico, sem nenhuma resolução, indicou que ele procurasse um neurologista. “Ao procurar um neuro, ele já falou que tinha uma grande possibilidade de eu estar com hanseníase, fiz uma eletroneuromiografia, que há 20 anos, não tinha aqui em João Pessoa, fui

fazer em Recife”, contou. Após o exame, José Augusto voltou diretamente para o Clementino Fraga, onde foi fechado o diagnóstico.

“O meu chão se abriu, a minha vida mudou totalmente, a minha família ficou desestruturada porque a gente ainda estava com aquele pensamento que a hanseníase era daquele tempo da lepra, que eu ia morrendo aos poucos, que tinha que separar todos os meus pertences. Foi realmente um caos naquele momento, a gente entrou realmente em desespero, tanto eu como minha família”, descreveu José Augusto.



Projeto Autocuidado oferece o suporte para as pessoas que recebem o diagnóstico ou estão passando pelo processo da doença

Sequelas passam pela estigmatização social

As sequelas da hanseníase vão além da doença, ela passa pela estigmatização social. José Augusto, após o fim do tratamento, ficou com cicatrizes visíveis. Diante das consequências da doença, ele perdeu um trabalho por conta da sua mão.

“Perguntaram o que eu tinha, na inocência, falei que terminei o tratamento para hanseníase. Passado um tempo, quando voltei, recebi a notícia que a empresa não me aceitava. Assim, passei mais um tempo

desempregado. Isso é uma coisa que me machuca, porque não é só uma questão de limitações, é uma questão de estética, de aparência, que vincula a lepra, que liga ao preconceito”, completou.

Hoje em dia, José Augusto, participa do projeto “Autocuidado”, que acontece no Clementino Fraga, uma vez por mês, que oferece o suporte para as pessoas que recebem o diagnóstico ou estão passando pelo processo da doença.

“Muitas pessoas che-

“**Perguntaram o que eu tinha, falei que terminei o tratamento para hanseníase. Passado um tempo, recebi a notícia que a empresa não me aceitava**

José Augusto da Silva Lima

gam até ao ponto de querer tirar a sua própria vida, isso literalmente. E, graças a Deus, a gente tem um grupo muito legal de pessoas que tiveram hanseníase, como eu, que venceram a luta. Hoje nós podemos dar esse exemplo para as pessoas que a vida continua. Eu me emociono toda vez que eu falo isso, porque realmente não é fácil, e se você não tem um conhecimento, você realmente fica perdido. Eu já superei, levo minha vida praticamente normal”, finalizou.

VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Mulheres “na mira” do machismo

Ciúme, sentimento de posse e comentários ofensivos são alertas para que vítimas percebam o ciclo da violência

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

No último domingo, foram divulgadas imagens do médico João Paulo Casado agredindo a companheira. Em duas ocasiões diferentes, que aconteceram em 2022, o agressor puxa o cabelo e agride a vítima com socos. Após a repercussão, o médico foi exonerado das funções em que exercia em hospitais públicos, será investigado pelo Conselho Regional de Medicina, e o Corpo de Bombeiros abriu procedimento apuratório para investigar a conduta do médico, que é militar da corporação desde 2005. O inquérito que apura a violência doméstica segue em andamento.

Em outro caso, que ocorreu em abril de 2022, Elinete da Silva Sousa Ângelo, vereadora do município de Prata, no Cariri do estado, assistia um jogo de futebol com a família quando foi assassinada pelo ex-marido, Manoel de Ângelo, que fugiu após o crime. Cerca de 20 dias depois, o acusado se entregou, foi preso e hoje aguarda o julgamento pelo crime de feminicídio. De acordo com informações da Polícia Civil da Paraíba à época do crime, o casal passava pelo processo de divórcio e Manoel de Ângelo não aceitava a separação.

Assim como Elinete, outras 24 mulheres paraibanas foram vítimas de feminicídio em 2022, de acordo com dados da Secretaria de Estado de Segurança e Defesa Social. Um estudo realizado pelo Ministério Público do Estado de São Paulo mos-

tra que a principal motivação para o crime é o inconformismo com a separação (45%), seguida de ciúmes, posse e machismo (30%), sendo esta apontada como a última fase do ciclo de violência.

O sentimento de posse que ex-companheiros, sejam maridos ou namorados das vítimas apresentam, possui raízes profundas que estão entrelaçadas com o próprio conceito do machismo, que enxerga a mulher como uma propriedade. De acordo com a publicação “Diretrizes para investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres”, da ONU Mulheres, as principais causas de violência e assassinato de mulheres são o sentimento de posse, o controle sobre o corpo e autonomia da mulher, seu tratamento como objeto sexual e a manifestação de desprezo e ódio pela mulher, a limitação da emancipação profissional, econômica, social e intelectual da mulher.

Psicóloga do Programa Integrado Patrulha Maria da Penha em Campina Grande, Glória Tamires Maciel, concorda que o sentimento de posse possui raízes no machismo e, consequentemente, na desigualdade de gênero que é gerada por ele. “Isto faz com que os homens tenham uma compreensão de que são superiores e que as mulheres devem ser submissas às suas vontades e pensamentos. Dessa forma, as mulheres passam a ocupar o lugar de mero objeto na relação. Há uma visível relação de poder, na qual o homem é o domina-

Proteção

Mulheres que se sentirem ameaçadas podem buscar ajuda na rede de proteção à mulher ou nas delegacias especializadas

dor”, diz a especialista. Sobre as relações de poder, a delegada Paula Monalisa, sub-coordenadora das Delegacias Especiais da Mulher na Paraíba, e que coordena a investigação contra o médico João Paulo Casado, afirma que a dependência financeira e emocional ainda são os grandes empecilhos para que uma mulher consiga sair de um relacionamento abusivo, sendo a questão emocional a mais difícil de se lidar. “A dependência financeira é real, mas é controlável. A mulher pode fazer um curso, voltar a estudar, fazer bolo, voltar a morar com os pais... em resumo, ela pode ‘dar um jeito’. Mas a dependência emocional é mais grave porque só ‘depende’ da mulher, e sabemos como isso é complicado, não é tão simples.”, afirma a delegada.



Antes da violência física, mulheres são submetidas a situações contínuas de ciúmes

Ciclo de violência começa com críticas para rebaixar parceira

Glória Tamires Maciel afirma que é importante estar atenta a alguns sinais e saber que estes se iniciam, na maioria das vezes, de forma sutil, o que dificulta a identificação. “Então, é importante estar alerta à presença de críticas constantes que têm como objetivo desmerecer ou minar os gostos e vontades da mulher; comportamento de controle a respeito de suas roupas, amizades, trabalho, família; a solicitação de atenção constante e com isso ir gerando o afastamento da mulher de seus familiares e amigos, ciúmes excessivo, comentários ofensivos; a necessidade de solicitar provas de amor, chantagens emocionais, descontroles seguidos de pedidos de desculpas, bem como culpar a mulher por perder o controle”.

Para a delegada Paula Monalisa, a mulher precisa se enxergar em um ciclo de violência. “O que geralmente ocorre é que os homens começam com comportamentos de ciúmes exagerados, questionam as roupas, comportamentos e as amizades. Essas atitudes são confundidas com atenção e cuidado. Mas, isso é controle, violência e as mulheres não se enxergam como vítimas”.

“A mulher naturaliza a agressão verbal e eu vejo isso rotineiramente quando chega na delegacia e acha que foi a primeira vez que foi agredida, perguntamos sobre agressão verbal e ela diz que isso tem desde



A mulher que sofre violência doméstica pode procurar atendimento especializado disponível

sempre. Então, é normal ser xingada, ser chamada por termos pejorativos? Isso é naturalizado, mas é sim uma violência e ela só consegue enxergar essa violência quando é atípica. Tem que haver respeito entre o casal”, finaliza a delegada.

Outra vida é possível

A psicóloga Glória Tamires aponta que “os padrões machistas, por muito tempo, legitimaram a violência contra a mulher e, por isso, a urgência de desatualizá-los, e de introduzir ou

fortalecer a igualdade de gênero”. A delegada Paula Monalisa reforça a importância das denúncias (pelo 180 ou 190), que podem ser anônimas. “A mulher que quer se libertar pode procurar a delegacia, a Rede de Apoio e Proteção, ou a ajuda de um psicólogo”.

Larissa Bonifácio de Melo, assistente social do Programa Integrado Patrulha Maria da Penha - Núcleo Campina Grande, elenca os traumas e danos físicos e psicológicos das mulheres que são vítimas de violência

de gênero. “Esses traumas podem levar a doenças cardiovasculares, transtornos de ansiedade, depressão, estresse, impacto na saúde reprodutiva, incapacidades, dificuldade de permanecer em outros relacionamentos, julgamentos da sociedade, falta de apoio familiar, diminuição da inserção ou permanência no mercado de trabalho, por isso, é necessário que os órgãos deem suporte para essas mulheres vítimas da violência”.

A assistente social indica que esse suporte pode se fazer pre-

sente nos mais variados serviços a exemplo dos Centros de Referências da Mulher, delegacias especializadas, Programa Integrado Patrulha Maria da Penha, Casas Abrigo, Centros de Referências Especializados de Assistência Social-Creas, redes de serviços de saúde como Caps, Unidade Básica de Saúde, policlínicas. Na Paraíba, o atendimento às vítimas de violência doméstica é realizado nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher ou pelo Disque 180. Para casos de emer-



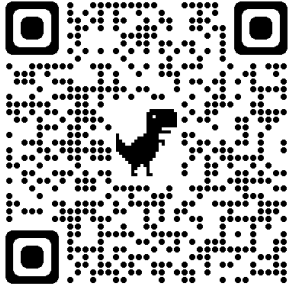
Os traumas podem levar a doenças cardiovasculares, depressão, impacto na saúde reprodutiva e diminuição da inserção ou permanência no mercado de trabalho

Larissa Bonifácio



É importante que as mulheres estejam atentas às críticas constantes, que têm como objetivo desmerecer ou minar os gostos e vontades da mulher

Glória Tamires



Pelo QR Code as vítimas de violência doméstica podem fazer o Boletim de Ocorrência

NA BORBOREMA

Livramento mantém tradições religiosas e vocação econômica

Turistas e visitantes podem encontrar na cidade, a 240 km da capital, cruzeiro, museu, igrejas e sítios

Aleksandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Desde o início do século 20, quando surgiram os primeiros moradores do município paraibano de Livramento, logo se percebeu que a fertilidade da terra era propícia à criação de gado e à lavoura. Segundo o prefeito, Ernandes Barboza Nóbrega, conhecido como Nananda, atualmente, o forte da economia local é a agricultura e a pecuária, especificamente, a criação de caprinos e bovinos.

Quem vai à cidade, também pode apreciar diversos pontos de visitação. “O turista pode visitar locais como o Cruzeiro, que é um ponto de reflexão; a Praça Tona Leite, local de encontro dos livramentenses e turistas; o Museu do Homem do Cariri, no Sítio Carneiro, e a Igreja Matriz Nossa Senhora do Livramento, padroeira da cidade, cuja festa em sua homenagem acontece no mês de novembro”, citou o prefeito.

A história da igreja remonta desde a época do estabelecimento dos primeiros moradores na região. Antes de se tornar município, as terras onde hoje está Livramento faziam parte da Fazenda Livramento Velho, que

pertencia a José Marinheiro de Brito. Nessa propriedade, foi erguida a capela dedicada a Nossa Senhora do Livramento, padroeira do lugarejo. “Em 1913, o senhor José Marinheiro de Brito doou um terreno para a construção da capela”, contou Nananda.

A edificação da capela está relacionada à promessa feita por um morador da região. Segundo o gestor municipal, nos primeiros anos do século passado, um jovem chamado Manoel Guilherme da Nóbrega, morador do Sítio Batalha, caiu do cavalo em uma das montarias que costumava fazer. Ele perdeu os sentidos e, ao despertar, fez uma súplica à santa ao qual era devoto - Nossa Senhora do Livramento. O jovem teria dito que, se ficasse sem nenhuma seqüela iria, como agradecimento, construir uma capela em homenagem à santa. O pedido dele foi atendido e a capela foi erguida.

A primeira moradia do povoado foi construída por Antônio Marinheiro, pai de José Marinheiro de Brito. Segundo dados da prefeitura, pouco tempo depois, o senhor Ildefonso de Almeida Filho fixou-se no local, construiu várias casas e até uma indústria de beneficiamento de algodão.

Os investimentos contribuíram para a vinda de novos moradores, dando início à formação de uma aglomeração de moradias e também do comércio, nas primeiras décadas do século 20. No ano de 1914, realizou-se a primeira feira pública da região, que, de acordo com a prefeitura, se apresenta em intenso movimento ainda hoje.

O prefeito Nananda explicou que a origem do nome da cidade foi adotado em devoção a Nossa Senhora do Livramento, porém, o município havia recebido, anteriormente, outros nomes. “Foi chamada de Livramento Velho, de Carnaubal, Sarapó. No ano de 1948, por força da Lei Nº 213, após um movimento popular, que resultou em um abaixo-assinado, o distrito passou a ser chamado, oficialmente, de Livramento”, disse o prefeito.

Atualmente, Livramento possui 6.877 habitantes, segundo o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além da tranquilidade típica das pequenas cidades do interior, Nananda declarou que o lugar se destaca também pela cultura da sanfona, pelo zelo ao patrimônio público, pelo povo hospitaleiro e por ser uma cidade limpa.



Devoção à Nossa Senhora do Livramento resultou no nome da igreja e do próprio município



A Praça Tona Leite é um dos atrativos turísticos e espaço de diversão dos moradores e visitantes. O logradouro também é palco para grandes eventos da cidade como o do Desfile Cívico de 7 de Setembro



Sobre Livramento

Filha ilustre

O município de Livramento fica distante cerca de 240 quilômetros da capital paraibana, João Pessoa, e está situado na mesorregião da Borborema. Tem como filha ilustre, a saudosa cantora Eliza Clívia, vocalista da banda Cavaleiros do Forró, que faleceu em 2017, vítima de um acidente automobilístico, aos 37 anos. Eliza Clívia passou dez anos na banda e gravou sucessos como “Mar de Doçura”, “A Vontade Que Eu Tenho”, “Cadê Você”, “Minha Rainha”, “Brinquedo de Amor”, “Sonho de Vaquejada”, Não Pegue Esse Avião”, “Que Rei Sou Eu” entre outras canções. Em 2013, foi anunciado o seu desligamento da banda, juntamente com seu marido, Jailson Santos, com quem foi casada até 2016. Ainda em 2013, Eliza e Jailson passou a integrar a banda Forró Cavalos de Aço, onde permaneceram por cinco anos, até que em 2017 a cantora seguiu carreira solo. O acidente que resultou na morte da cantora - e mais quatro integrantes do seu grupo de trabalho, ocorreu em Aracaju (SE), no mês de junho de 2017, quando a artista havia acabado de sair de uma gravação para um programa de TV.

Festividades

O município de Livramento é um lugar festeiro e costuma comemorar várias datas fixas ao longo do ano. Entre os grandes eventos estão o São João, a Festa da Cabra, a Vaquejada, a Festa de São José, do Sagrado Coração de Jesus, o Desfile Cívico de 7 de Setembro e a Festa da Padroeira.

Emancipação política

No período que compreende os anos de 1936 e 1937, Livramento era um distrito da cidade de Taperoá. Em 1938, o lugar passou a ser denominado de Carnaubal, matendo ainda o mesmo vínculo territorial. Por meio do Decreto-lei Estadual Nº 520, de 31 de dezembro de 1943, o distrito de Carnaubal passou a denominar-se Sarapó, ao mesmo tempo em que o município de Taperoá foi chamado de Batalhão. Em 1948, o distrito de Sarapó voltou a receber a nomenclatura de Livramento e, no ano seguinte, o município de Batalhão passou a ser chamado, novamente, de Taperoá, por meio da Lei Estadual nº 318, de janeiro de 1949. Registros de 1950 mostram que o distrito de Li-

vramento (ex-Sarapó) figura como pertencente ao município de Taperoá (ex-Batalhão). Essa divisão territorial se prolongou até 1960. Em 15 de dezembro de 1961, com a denominação de Livramento, o lugar foi elevado à categoria de município, sendo desmembrado de Taperoá. A separação ocorreu por meio da Lei Estadual Nº 2625, de 15-12-1961 e a instalação ocorreu em 11 de novembro de 1962.

Investimentos estaduais

Nos últimos anos, o município de Livramento recebeu investimentos e melhorias por parte do Governo do Estado. Segundo dados da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan) foram obras na área de educação. Confira algumas delas: Em 2021, o Governo do Estado aplicou R\$712.175,84 na construção de um ginásio coberto com vestiário, no terreno remanescente na Escola ECI João Lelys. Está em processo de licitação a reforma e ampliação do Complexo Educacional E.C.I. João Lelys. Os recursos são da ordem de R\$ 3.901.916,06.



Foto: Henrique Machado/Divulgação

LITERATURA

Descobertas do mundo

Em entrevista ao Jornal A União, premiada escritora carioca Ana Maria Machado conta sobre seus mais recentes lançamentos, incluindo seu primeiro livro infantil após a crise sanitária

Além da obra infantil, a renomada escritora de 81 anos também apresentou a coletânea de contos 'Vestígios' (Alfaguara), e 'Rastros e Riscos' (Ática), uma edição com as suas memórias sobre os leitores

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

A veterana escritora carioca Ana Maria Machado, aos 81 anos de idade, permanece em plena atividade. No início deste mês, ela lançou dentro da programação da Bienal do Livro Rio 2023, a obra inédita *A Festa da Lua* (Global Editora, 32 páginas, R\$ 65), seu primeiro livro infantil publicado após o isolamento social causada pela crise sanitária. “Participar de bienais e feiras de livros fez parte de minha vida profissional sempre, pelo Brasil todo e pelo mundo afora, porque tive a sorte de ser premiada e traduzida em diversos países. Participei da primeira Bienal do Rio. Esta foi mais uma”, afirmou a autora, em entrevista ao Jornal A União.

Ana Maria Machado comentou sobre a disposição de continuar trabalhando, apesar da idade. “Talvez seja porque eu nunca parei. Escrevo todo dia, mas isso não significa que aproveite tudo o que escrevo...”, alertou ela. “Durante a pandemia, ficaram prontos dois livros meus para adultos, que foram distribuídos às livrarias, mas não fizemos festa de lançamento: uma coletânea de contos, *Vestígios*, pela Alfaguara, e um com minhas memórias de leitores, *Rastros e Riscos*, pela Ática. Passaram meio despercebidos na ocasião, com todos os olhares voltados para a Covid-19, vacinas, lockdown, essas coisas. Mas agora eu tenho notado que vão sendo descobertos pelos leitores que me escrevem sobre eles, co-

mentam, pedem autógrafos”, informou a escritora.

Na mesma situação de não lançamento estiveram três infantis, todos editados pela Moderna: *O mesmo sonho*, *A história que eu queria* e *Igualzinho a mim*. “Esses três foram escritos durante o isolamento, ainda que eu já viesse, há algum tempo, pensando e rascunhando em torno das ideias que os geraram: – Como sonhamos coisas tão diversas uns dos outros, mas tão semelhantes... como somos tão parecidos... como, no fundo, somos tão iguais, apesar de nossas diferenças... Enfim, nossa humanidade comum”, acrescentou Ana Maria.

A Festa da Lua contém ilustrações de Simone Matias e foi lançado em comemoração aos 50 anos da Global Editora, que é a casa editorial do paraibano José Lins do Rego (1901-1957). “É uma história simples, sobre o maravilhamento de uma criança pequena ao descobrir o mundo. Celebra a poesia que a infância encontra nas coisas miúdas da vida e, ao mesmo tempo, chama a atenção para elementos de observação científica do que encontramos a nossa volta. A história também ensina os pequenos sobre as diferentes formas e fases do satélite do nosso planeta. Junto a seus pais, Caê acompanha cada

fase, compreendendo e festejando essa maravilhosa força da natureza”, explicou a escritora.

“De certa forma, esse livro partiu de uma observação durante a pandemia. Nasceu diretamente de uma curiosidade de meu sobrinho-neto, Caetano, isolado com os pais numa casa na praia, e reparando nas coisas da natureza. E principalmente prestando atenção na Lua. Eu passei esse tempo isolada em casa, mas me comunicando pela internet com os amigos e toda minha família, que é enorme”, disse Ana Maria Machado.

A autora também falou sobre se encontra mais dificuldades em escrever para crianças ou para adultos. “Não tem isso de mais fácil ou mais difícil. São experiências diferentes, apenas, cada uma com seus próprios desafios, a exigir seus próprios cuidados”, declarou ela.

Da Paraíba até a China

Referindo-se à Paraíba, uma das passagens da autora Ana Maria pelo estado foi em 2001, no centenário de nascimento de José Lins do Rego, quando esteve

João Pessoa para lançar o livro O

menino que virou escritor, uma história romaneada da vida do autor paraibano. “Eu lembro vagamente de algumas coisas. Da alegria de estar com as filhas do Zé Lins, muito simpáticas. E de reencontrar o Ciro, artista que admiro e ótima pessoa. Encontrar o Zé Altino, grande artista que eu adoro e que veio ao lançamento do romance que eu também estava apresentando na ocasião (acho que era o *Para Sempre*)”, relembrou ela.

A autora não soube explicar a que se deve a sua exitosa carreira literária. “Foi um presente que a vida me deu, me habilitando a atingir leitores em tantos lugares diferentes, de culturas variadas, ao longo de tanto tempo. Talvez por eu ter conquistado prêmios internacionais significativos isso tenha chamado a atenção dos editores estrangeiros para me traduzirem, não sei. Mas isso só se manteve porque os leitores me aceitaram e me aprovaram. Isso, para mim, é um mistério. Quando os correios da China lançaram selos celebrando dois de meus livros publicados lá (*Bisa Bia, Bisa Bel* e *Procura-se Lobo*), devido ao sucesso que me fizeram, eu nem acreditei. Só mesmo quando recebi as folhas dos selos, que o editor me entregou da

Feira do Livro de Bologna, na Itália, é que me convenci de que era verdade”, comentou ela.

“Por outro lado, nos meios acadêmicos, posso arriscar algumas hipóteses, porque também houve um tempo em que trabalhei na universidade, com uma carreira nos meios universitários, tenho títulos e obras publicadas. E sei que nesse meio eu aprendi que obras que se constroem com originalidade e uma certa estabilidade na qualidade acabam chamando a atenção, mesmo que leve tempo. Pode ser que considerem que a minha apresenta isso...”, acrescentou a premiada Ana Maria Machado.

A autora ainda revelou o que está planejando realizar no campo literário. “Não faço projetos (ou não os anuncio...). Mas quando acho que algum texto pode ser publicado, encaminho a algum editor. No momento, tenho dois outros livros infantis que devem sair nos próximos meses, até o fim do ano. Também, de alguma forma, refletem vivências observadas em crianças pequenas de minha família diante de fatos do noticiário recente ou de pensamentos que ocorrem a elas, diante dos grandes mistérios de estar no mundo. É o caso do livro *De muito longe*, a sair pela Tribos, refletindo sobre migrações em geral, refugiados, animais que se deslocam de seu habitat costumeiro. E também é o caso de *Sem Fim, Joaquim*, a sair pela Moderna, que mergulha com delicadeza nas perplexidades infantis diante do tamanho e da profusão das coisas do mundo”, revelou Ana Maria Machado.

■ ‘A Festa da Lua’ conta com as ilustrações de Simone Matias e foi lançado em comemoração aos 50 anos da Global, que é também a casa editorial do paraibano José Lins do Rego



No novo livro infantil, acompanhamos o garoto Caê e seu maravilhamento ao descobrir o mundo, celebrando a poesia nas coisas miúdas da vida e ao mesmo tempo em que chama a atenção para os elementos de observação científica do que encontramos à nossa volta

Artigo

Neoliberalismo e problemas globais

O capitalismo é um sistema de abrangência global que redesenhou a paisagem do mundo e forçou países, produtores e comerciantes locais a se adaptarem, sob pena de serem “varridos do mapa”, às transformações.

A dinâmica de acumulação capitalista afetou radicalmente o equilíbrio do planeta e estabeleceu uma relação destrutiva com o meio ambiente. A exploração da natureza vem levando a um esgotamento da Terra. Ela está apoiada na racionalidade científica e sua lógica instrumental. A crise do modelo de produção capitalista e a crise ecológica estão, portanto, interligadas, na medida em que o sistema transforma todas as coisas em mercadorias, seja o ar, a terra, os alimentos e a água, estabelecendo, assim, a expansão dos lucros como princípio fundamental.

É com base nessas ideias que o ecossocialista Michel Löwy fala de uma crise mais geral, “a crise da civilização capitalista industrial moderna”. Em outras palavras, a crise de um estilo de vida. Um fenômeno que em sua forma atual opera a partir da globalização neoliberal. Segundo ele, o neoliberalismo funciona como um motor desse processo destrutivo e estimula uma acumulação desenfreada e predatória.

Estamos vivenciando um aumento gradativo na instabilidade do sistema planetário. A questão central é que as

transformações possuem uma dimensão imensurável que coloca em risco o futuro da humanidade, inaugurando o que alguns pesquisadores chamam de era do antropoceno. Isso traz desafios novos e a necessidade de construção de outras chaves de leitura da realidade que redefina as noções de ameaça e segurança. Muitos acreditam que a ameaça à segurança sistêmica é a questão mais importante a ser enfrentada pela humanidade. As guerras mundiais que assolaram o século passado não representariam mais um problema, desde que as bombas atômicas deixaram esse tipo de guerra inviável.

Oneoliberalismo se imbuíu da tarefa da retirada de direitos trabalhistas por meio da “flexibilização” – o que significaria a redução real dos salários – do ataque a políticas redistributivas e dos sistemas de seguridade social. Na esteira do neoliberalismo nasceria um novo sistema de acumulação baseado no sistema financeiro. Isso fez multiplicar a circulação de ativos financeiros no mundo, gerando uma série de novos instrumentos e uma intensa securitização.

Assistimos em 2008 a maior crise capitalista desde 1929, com o estouro da bolha imobiliária dos EUA, o que em última instância é um efeito do excesso de moedas ou de meios de pagamento. Essas crises estruturais são combatidas pelos Estados Nacionais

e seus Bancos Centrais com a compra de dívidas do setor privado para enxugar as bolhas. O resultado é que os lucros dos capitalistas são salvos, mas, em contrapartida, esse capital fictício tem custo para o sistema. Toda vez que o Estado socorre esses grupos monopolistas, ele cria mais desigualdade e pobreza relativa. É um processo excludente que protege o capital, deixando os trabalhadores de fora. A “economia real” seria definitivamente separada da “economia financeira”.

No campo cultural contemporâneo, o neoliberalismo também deixou marcas profundas. Mark Fisher dizia que o neoliberalismo não deve ser entendido como *laissez-faire*. A marca distintiva do neoliberalismo é a construção de um tipo de individualismo no qual trabalhadores têm de ser vigiados e se autorregular, numa tentativa de impedir que se organizem. O neoliberalismo sabotaria a coletividade e os valores comunitários, como o altruísmo e a empatia.

As grandes questões da civilização contemporânea precisam ser pensadas a partir da perspectiva da totalidade que considere os processos históricos, os modos de produção e a reprodução da vida material, o papel desempenhado pela ciência e a tecnologia, a questão ambiental, as desigualdades sociais e as novas formas de criação de subjetividades.

Estevam Dedalus

Sociólogo | colaborador

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O gato de Nelsinho

Lembrei-me na hora da canção de Chet Baker, ‘I fall in love too easily’, quando vi a postagem de Nelsinho Motta sobre seu gato Max, que morreu a semana passada. Como está na letra, eu também me apaixono muito facilmente, é do homem, não é dos gatos, talvez dos cachorros, que quando a gente chama pelo nome, eles atendem com o rabo abanando, mas o amor anda devagar.

A música de Chet Baker nos acalma. É uma coisa bonita se imaginar dançando numa festa, se é que alguém dança ouvindo ‘I fall in love too easily’. Talvez, coladinho. Melhor seria Fred Astaire e Ginger Rogers dançando ‘Cheek to Cheek’ – o Fred que dança e canta numa elegância pura. Majestoso, comovente, emocionante, lindamente realizado.

Imagino que Nelsinho Motta deve ter dançado com seu gato Max, tamanha intimidade entre eles, como na cena do filme *Revelações*, em que Anthony Hopkins dança ‘Cheek to Cheek’, com o vizinho Gary Alan. É um delírio.

O seu amor pelo gato Max, quase amarelo, o peito branco, tinha, tem, teve muita amabilidade dentro, do que o animal possa oferecer, já que os gatos não dão muita bola para os donos.

O Max viveu 16 anos. Pela postagem do jornalista, parecia um amor da adolescência, cujos passeios de mãos dadas são nervosos, até no falar. Não, amor de Nelsinho Motta por Max era amadurecido. Lembro-me de um texto na *Folha de S.Paulo*, do poeta Ferreira Gullar, dizendo que quando ele chegava em casa, sua gatinha se escondia.

A vida avança em espera elástica, sem a paciência com a agonia da gente, por isso mesmo, a vida nos trai, mas o espanto poético é de Manuel Bandeira.

Nelsinho disse que é duro de chorar, mas que “nunca chorou tanto na vida” e adiante revelou que “raras pessoas” lhe deram tanto amor como ele, o gato Max. “Amor de verdade, sincero e intenso”. O leitor pode achar que estou inventando, que não existe essa relação entre o homem e um animal, muito embora não somos chineses, somos todos iguais, “na certeza de um sonho acabado”. Eu não invento nada, apenas acrescento, como faço agora.

Nelsinho lembrou que, em 2007, quando voltou do hospital para casa, depois de duas cirurgias “punk na medula”, teve que ficar um mês na cama, mas o Max chegou na hora, se deitou na beirada e “não saiu mais dali”.

“Gato de caráter”, escreveu Motta. Gato tem caráter, Nelsinho? Tem sim. Caráter, meu pai dizia, é uma coisa biológica, perdeu, fudeu.

Gatos e histórias, dos amores que viveram antes de nós. Tem estradas e casas e aromas, e até dizem que eles são donos das casas, seus territórios, como um ribeiro ali ao fundo, uma janela a dar para os telhados, uma noite de fogo, têm o sono o dia todo e fome e sede e têm o silêncio e o som, as árvores e plantas, a lua a nascer num céu ainda claro e a dor de ser tanta coisa ao mesmo tempo. Os gatos são donos da gente.

Eu fiquei comovido com o que Nelsinho Motta escreveu – a despedida dele com Max, um último abraço, para além do que poderemos ser, a companhia de um gato fica acima do encanado ou o encantador, feito um quadro pendurado na parede da casa, que está ali com muitos significados.

Fiz um comentário em sua postagem, falando que temos aqui em casa, nos trópicos paraibanos, um gato amarelo: o nome dele é Nito, um corruptela de “bonito”, que veio morar conosco ainda bebê, dos escombros de uma construção. Já tivemos outros gatos, nenhum como Nito, que a gente chama e ele vem.

Nito é como a música de Chet Baker, ‘I fall in love too easily’, um silêncio e uma paixão sem fim, de gostar de ficar em cima da gente e poucos sabem o significado disso.

Grandes escritores escreveram sobre gatos: os gatos de Guimarães Rosa, de Hemingway, de Borges, de Nelsinho Motta. Fazia tempo que eu não via uma declaração de amor tão viva e dolorida, como a perda do Max, o gato de Nelsinho.

Kapetadas

1 - ‘Mulheres e gatos agem como bem entendem. Homens e cães deveriam relaxar e acostumar-se com isso.’ (Robert A. Heinlein);

2 - ‘De todas as criaturas de Deus, somente uma não pode ser castigada. Essa é o gato. Se fosse possível cruzar o homem com o gato, melhoraria o homem, mas pioraria o gato.’ (Mark Twain).

Colunista colaborador

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

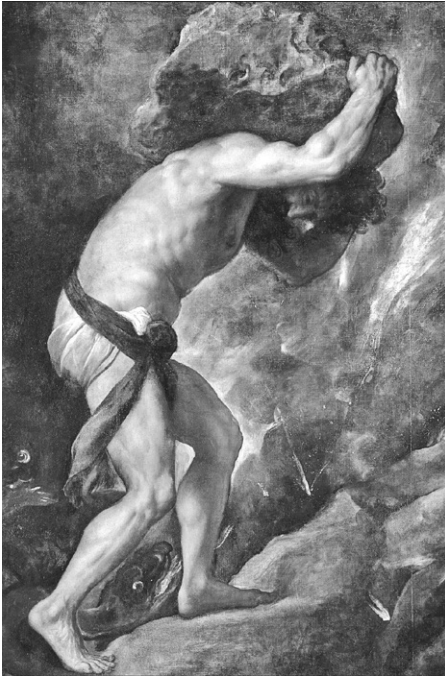
klebmaux@gmail.com | colaborador

Absurdo da existência

Sísifo é um personagem da mitologia grega. Ele foi rei e fundador de um território que hoje se chama Corinto, localizado na região do Peloponeso. Sísifo viu a bela Egina ser sequestrada por uma águia a mando de Zeus. Ela era filha de Asopo, deus dos rios, que estava muito abalado com o sumiço da sua amada menina. Sísifo pensou que poderia tirar vantagem da informação que tinha e contou-lhe que Zeus havia sequestrado a jovem. Em troca, pediu que Asopo criasse uma nascente em seu reino, pedido que foi atendido. Zeus, ao saber que Sísifo havia lhe denunciado, enviou Tânatos, o deus da morte, para levá-lo para o mundo subterrâneo. Mas, Sísifo enganou Tânatos ao dizer que gostaria de presenteá-lo com um colar, que era uma corrente que o manteve preso e permitiu que o rei perspicaz escapasse.

Com o deus da morte aprisionado, houve um tempo em que mais nenhum mortal morria. Assim, Ares, o deus da guerra, também se enfureceu, pois a guerra necessitava de mortos. Ele então vai até Corinto e liberta Tânatos para que conclua sua missão e leve Sísifo para o submundo. Desconfiado que isso pudesse ocorrer, instrui sua esposa Mérope a não lhe prestar as homenagens fúnebres, caso ele morra. Assim foi feito. Ao chegar ao mundo subterrâneo, Sísifo se depara com Hades, o deus dos mortos, e lhe conta que sua esposa não lhe havia enterrado da maneira adequada. Então, ele pede a Hades que volte ao mundo dos vivos apenas para repreender a esposa. Depois de muito insistir, Hades permite essa visita rápida. Entretanto, ao chegar ao mundo dos vivos, Sísifo não retorna e, mais uma vez, enganou os deuses. Sísifo fugiu com sua esposa e teve uma vida longa, chegando à velhice. Mas, como era mortal, um dia foi preciso retornar ao mundo dos mortos. Lá chegando, se deparou com os deuses que havia enganado e então recebeu uma punição pior do que a própria morte. Ele foi condenado a realizar um trabalho exaustivo e sem propósito. Teria que rolar uma enorme pedra montanha acima. Mas quando chegasse ao topo, devido ao cansaço, a pedra rolaria morro abaixo. Então, Sísifo de-

Imagem: Reprodução



Obra de Tiziano representando Sísifo (1549)

veria novamente levá-la para o alto. Esse trabalho teria que ser feito todos os dias, por toda a eternidade.

Albert Camus (1913-1960) nasceu na Argélia. Foi escritor, filósofo, romancista, dramaturgo, jornalista, ensaísta e recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1957. O conjunto de sua obra analisa questões existenciais, como a falta de sentido à própria existência, as contradições, as banalidades, o terror da guerra, as perversas relações de trabalho que destroem a saúde física e mental, e o esforço de exercer as atividades profissionais para conseguir sobreviver. O seu livro *O mito de Sísifo* (1942) compara o terrível castigo do personagem mitológico ao trabalhador que está condenado e aprisionado a fazer a mesma coisa dia após dia e, geralmente, sem consciência de sua condição absurda. A tese afirma que o mito só é trágico porque seu herói é consciente da própria miséria. Por exemplo: o operário de hoje trabalha exaustivamente todos os dias na mesma tarefa, e seu destino se apresenta como absurdo.

Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua miserável condição absurda: pensa nela durante a descida. Observa-se que o tormento psicológico o consome, ao mesmo tempo, resistir é o seu triunfo, porque não existe destino que não possa ser superado com o desprezo, por isso

Camus afirma que cada ser humano deve aceitar a condição humana da própria existência e a necessidade de criar o sentido da sua vida. Essa intenção deve ser vivenciada em todo o seu esforço, a fim de torná-lo livre dos seus sofrimentos.

As produções literárias de Camus são escritas no período de guerras, de conflitos sociais na Europa e nas Américas. Em *O Homem Revoltado* (1951), a obra discorre sobre o absurdo camusiano ao encontro com a alegria e com o significado da vida. Apresenta a solução do absurdo da existência apenas na presença da morte. Ele trata desse tema em *O Estrangeiro* (1942), onde um cidadão argelino-francês assassina um homem árabe e se confronta com a sentença de morte. Para Camus, o absurdo é um confronto, que é a oposição entre a necessidade de encontrar o significado da vida e o universo, individualizado por uma sensação de estranheza e de mistério. O personagem assume a inconciliabilidade como parte integrante da realidade para construir a sua liberdade, a partir de um conjunto de ideais. Em *A Peste* (1947), a obra apresenta uma epidemia que devasta a cidade de Oran, na Argélia. Os indivíduos se veem impotentes em relação à morte generalizada; *A Morte Feliz* (1971, póstuma), Camus se debruça sobre a sua intenção de criar, de forma consciente, a própria felicidade; *A Queda* (1956) apresenta monólogos de um juiz que se confessa a um estranho. O tema dessa obra é semelhante àquela que, na Bíblia, os homens não obedecem a Deus e assumem a própria condição de desgraçados. Essa desobediência ascende os humanos ao estado de graça. E por mais absurda que seja a existência, Camus deu esta resposta: apenas viver e, na vida, encontrar a felicidade.

Sinta-se convidado à audição do 436º Domingo Sinfônico, deste dia 17, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei algumas peças do compositor alemão Wilhelm Richard Wagner (1813-1883). Suas composições valorizam a cultura para gerar o sentido estético da existência humana.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

‘Nada de Novo no Front’: plot chocante da guerra

Agora em setembro faz um ano do seu lançamento. Já a partir de então, como se esperava, o filme ganhou plateias e aplausos da crítica especializada por onde passou. Repercutiu, inclusive, para as indicações do Oscar 2023, merecidamente.

Assistindo ao *Nada de Novo no Front*, lembrei bem e pude então compará-lo a duas outras obras do gênero de guerra que conheci. A primeira, de uma fase glamorosa do cinema sonoro ainda engatinhando, que assisti na sessão noturna em um dos cinemas de meu pai, lá pelos idos de 1960, em Santa Rita, que foi *Tudo quieto na frente ocidental* (*All quiet on the western front*), e outra que foi *Glória Feita de Sangue* (1957), com Kirk Douglas e dirigido por Stanley Kubrick (de *2001- Uma Odisseia no Espaço*).

Pois bem. Iniciemos com *Tudo quieto na frente ocidental*, termo usado para titular o primeiro filme baseado em romance homônimo de Erich Paul Remark, escritor, dramaturgo e roteirista alemão. Uma produção canadense, igualmente premiada com os Oscars de Melhor Filme e Melhor Direção, em 1931, dirigida por Lewis Milestone, que realizou outras grandes obras, como *Os Bravos Morrem de Pé*, em 1958, também sobre a guerra, e *O Grande Motim*, com Marlon Branco, que trata de um conflito dentro de um navio em águas do Atlântico, rumo ao Taiti, no século 18, e tantos outros filmes.



Felix Kammerer em ‘Nada de Novo no Front’, baseado no livro do alemão Erich Remark

Tudo quieto na frente ocidental, também baseado no livro de Erich Paul Remark, e que trata justamente dos horrores da Primeira Guerra, quando jovens alemães nacionalistas são cooptados a se alistarem aos campos de batalhas, e lá assistem as tragédias e mortes de seus próprios companheiros. Tema que originou também *Nada de Novo no Front*.

Já *Glória Feita de Sangue*, com Kirk Douglas, dirigido por Stanley Kubrick, é um filme também sobre a Primeira Guerra Mundial, mais puxado ao ritmo de Hollywood. Quero dizer, é uma obra mais espetaculosa, justo, em razão de dois nomes emblemáticos daquele cinema, que são o diretor Kubrick e o ator Kirk Douglas, protagonizando o Coronel Dax. É um drama mais de bastidores da guerra, que, propriamente, do *front*.

Agora, falando mesmo do atual *Nada de Novo no Front*, que ainda pode ser encontrado na Netflix, foi o segundo filme vencedor do Oscar também baseado no livro do alemão Erich Paul Remark. Este ano, levou quatro estatuetas para casa: Melhor Filme Internacional, Direção de Arte, Trilha Sonora e Fotografia.

Destaco no filme do diretor Edward Berger, dois pontos de relevância: a fotografia e, sobretudo, a direção de arte, seriamente realizada pela dupla Ernestine Hipper e Christian M. Goldbeck. Um verdadeiro show de detalhes, na tragédia dos soldados abatidos. Além, claro, dos efeitos especiais contidos no filme, que inflama ainda mais o *plot* chocante das batalhas. Bom filme de guerra. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexssantos.com.br.



APC: atrizes paraibanas são homenageadas

A presidente da Academia Paraibana de Cinema, a atriz Zezita Matos, e a atriz Marcélia Cartaxo, cadeira 33 da APC, foram homenageadas na terça-feira passada (dia 12) pela Academia Paraibana de Letras, em solenidade que ocorreu às 18h, na Igreja de São Francisco, Centro da capital, para celebrar os 82 anos de fundação da APL. As artistas paraibanas Zezita Matos e Marcélia Cartaxo, na ocasião, foram saudadas pelos acadêmicos da APL, o professor Damião Ramos Cavalcanti e o escritor Rui Leitão, respectivamente.

Em cartaz

ESTREIAS

AFTER - PARA SEMPRE (After Everything. EUA. Dir.: Castille Landon. Romance. 14 anos). Hardin (Hero Fiennes Tiffin) tem um bloqueio criativo e não consegue escrever, já que tudo o faz lembrar de Tessa (Josephine Langford). Será que os dois terão um final feliz? **CENTERPLEX MAG 4**: 16h40 (dub.) - 18h45 (dub.) - 21h (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 1** (dub.): 17h15 - 19h40; **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 16h35 - 18h25 - 20h15; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 16h35 - 18h25 - 20h15.

ANOITE DAS BRUXAS (A Haunting in Venice. EUA, Reino Unido e Itália. Dir.: Kenneth Branagh. Policial. 14 anos). Em Veneza, o detetive Hercule Poirot (Branagh) investiga um assassinato ocorrido em uma festa enquanto participa de uma sessão espírita de Halloween em um palazzo assombrado. Baseado no livro homônimo de Agatha Christie. **CENTERPLEX MAG 1**: 18h15 (dub.) - 20h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP** (leg.): 15h45 - 18h15; **CINEPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 19h30 (exceto seg.) - 22h (exceto seg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 20h15 (seg.); **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 16h45 - 18h45 - 20h45; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 16h45 - 18h45 - 20h45.

SEMAR (The Dive. Alemanha. Dir.: Maximilian Erlenwein. Suspense. 12 anos). Duas irmãs (Louisa Krause e Sophie Lowe) decidem fazer mergulho – uma prática comum para ambas – em um lugar remoto. Todavia, uma delas fica presa em uma rocha 28 metros abaixo da superfície e, sem poder se mover, fica totalmente dependente. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2** (dub.): 15h15 - 21h45.

TIRE CINCO CARTAS (Brasil. Dir.: Diego Freitas. Comédia. 12 anos). Fátima (Lília Cabral) é uma mulher de 60 anos que decidiu deixar São Luís e mudar-se para o Rio de Janeiro em busca de um grande sonho: ser cantora. Porém, a carreira na música não foi bem-sucedida, e ela resolveu trocar os palcos pelo trambique. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8**: 16h10 - 20h40.

CONTINUAÇÃO

BESOURO AZUL (Blue Beetle. EUA. Dir.: Angel Manuel Soto. Aventura. 12 anos). Jovem mexicano Jaime Reyes (Xolo Maridueña), recém-formado, volta para casa cheio de aspirações para o futuro. Em meio a uma busca por seu propósito no mundo, ele acha uma antiga relíquia de biotecnologia alienígena, que o escolhe para ser seu hospedeiro simbótico. **CENTERPLEX MAG 2** (dub.): 20h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 2** (dub.): 14h15 - 17h20 - 20h15; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 15h15 (exceto seg. e ter.) - 18h15 (exceto seg. e ter.) - 21h15 (exceto seg. e ter.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 17h15 (seg.); **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 16h15 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 16h15 - 20h30.

ELEMENTOS (Elemental. EUA. Dir.: Peter Sohn. Animação. Livre). Em uma cidade onde os habitantes de fogo,

água, terra e ar convivem, uma jovem mulher flamejante e um rapaz que vive seguindo o fluxo descobrem o quanto eles têm em comum. **CENTERPLEX MAG 1** (dub.): 16h; **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 14h40 (sáb. e dom.); **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 14h40 (sáb. e dom.).

A FADA DO DENTE (My Fairy Troublemaker. EUA. Dir.: Caroline Origer. Animação. Livre). Violetta é uma fada do dente perdida no lugar desconhecido. Ela encontra uma luz no fim do túnel quando conhece uma garota de 12 anos. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1** (dub.): 13h30 (sáb. e dom.); **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 14h45 (sáb. e dom.); **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 14h45 (sáb. e dom.).

A FREIRA 2 (The Nun II. EUA. Dir.: Michael Chaves. Terror. 18 anos). Em 1956, na França, um padre é assassinado e parece que um mal está se espalhando. Determinada a deter o maligno, irmã Irene mais uma vez fica cara a cara com uma força demoníaca. **CENTERPLEX MAG 3**: 19h (dub.) - 21h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 4** (dub.): 14h30 - 17h - 19h30 - 22h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 5** (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 7** (leg.): 15h - 17h30 - 20h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - Macro-XE**: 16h (dub.) - 18h30 (dub.) - 21h (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP** (leg.): 16h30 - 19h - 21h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1** (dub.): 16h30 - 19h - 21h45; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 15h30 (exceto seg.) - 18h (exceto seg.) - 20h45 (exceto seg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5** (dub.): 14h30 - 17h - 19h45; **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 20h; **CINE SERCLA TAMBIA 6** (dub.): 14h30 - 16h40 - 18h50 - 21h; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 14h30 - 16h40 - 18h50 - 21h; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 20h.

GOLDA - A MULHER DE UMA NAÇÃO (Golda. EUA. Dir.: Guy Nattiv. Drama. 12 anos). Biografia da primeira-ministra israelense Golda Meir (Helen Mirren), também conhecida como a “Dama de Ferro de Israel”. **CENTERPLEX MAG 2** (leg.): 17h45.

GRAN TURISMO: DE JOGADOR A CORREDOR (Gran Turismo: Based On a True Story. EUA e Japão. Dir.: Neill Blomkamp. Aventura. 12 anos). Um jovem (Archie Madekwe) vence uma série de competições do videogame, promovidas por uma grande empresa automobilística, e ganha a oportunidade de se tornar um piloto profissional. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3** (dub.): 21h15.

OPPENHEIMER (EUA. Dir.: Christopher Nolan. Drama histórico. 16 anos). Durante a Segunda Guerra Mundial, J. Robert Oppenheimer (Cillian Murphy) é um físico teórico que tinha a missão de desenvolver e construir as primeiras bombas atômicas. **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP** (leg.): 20h45; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 16h45.

O PORTEIRO (Brasil. Dir.: Paulo Fontenelle. Comédia. 14 anos). Confusão é o que não falta no prédio onde Wal-disney (Alexandre Lino) trabalha como porteiro. **CINEPOLIS MANAÍRA 8**: 14h - 18h20.

AS TARTARUGAS NINJA: CAOS MUTANTE (Teenage Mutant Ninja Turtles: Mutant Mayhem. EUA. Dir.: Jeff Rowe. Animação. 10 anos). Os irmãos Tartarugas enfrentam um misterioso crime. **CENTERPLEX MAG 3** (dub.): 17h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 3** (dub.): 13h45 (sáb. e dom.) - 16h15 - 18h45; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 14h45 (exceto seg. e ter.) - 17h15 (exceto seg. e ter.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 14h45 (seg.); **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 14h20 - 18h35; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 14h20 - 18h35.

CINE BANGUÊ (JP) - SETEMBRO

O ALECRIM E O SONHO (Brasil. Dir.: Valerio Fonseca. Drama. 12 anos). Professor aposentado (o paraibano Fernando Teixeira) que mora em Natal (RN) vive entre sonhos lúcidos e realidade cruel. **CINE BANGUÊ**: 18/9 - 20h30; 20/9 - 18h30; 26/9 - 20h30.

O CRIME É MEU (Mon Crime. França. Dir.: François Ozon. Comédia. 14 anos). Paris, 1930. Uma atriz jovem, pobre e sem talento, é acusada de assassinar um famoso produtor. **CINE BANGUÊ**: 23/9 - 15h; 24/9 - 18h; 26/9 - 18h30.

DIGA O QUE QUISER! EU VOU ESTAR FELIZ À BEÇA (Brasil. Dir.: Renato Candido. Documentário. 14 anos). Vida e morte do poeta preto periférico Daniel Marques. **CINE BANGUÊ**: 18/9 - 18h30; 20/9 - 20h30; 28/9 - 20h30.

A ILHA DOS ILUS (Brasil. Dir.: Paulo G. C. Miranda. Animação. Livre). Póco está pronto para nascer e viver o melhor dia da sua vida de cachorro. **CINE BANGUÊ**: 24/9 - 16h; 30/9 - 15h.

LUZ DOS TRÓPICOS (Brasil. Dir.: Paula Gaitán. Documentário. 16 anos). Cosmogonias indígenas, cadernos de viagem e literatura antropológica. **CINE BANGUÊ**: 22/9 - 15h30.

MÁQUINA DO DESEJO (Brasil. Dir.: Joaquim Castro e Lucas Weglinski. Documentário. 16 anos). Um mergulho no acervo audiovisual da Associação Teatro Oficina Uzy-na Uzona. **CINE BANGUÊ**: 17/9 - 16h; 19/9 - 20h30; 21/9 - 18h30; 23/9 - 19h; 27/9 - 18h30.

OLDBOY (Coreia do Sul. Dir.: Park Chan-wook. Drama. 18 anos). Mantido em cativeiro por 15 anos e uma razão desconhecida, homem (Choi Min-sik) parte para a vingança. Filme de 2003 remasterizado. **CINE BANGUÊ**: 21/9 - 20h30; 23/9 - 17h; 25/9 - 18h30; 27/9 - 20h30; 28/9 - 18h30; 30/9 - 19h.

RETRATOS FANTASMAS (Brasil. Dir.: Kleber Mendonça Filho. Documentário. 12 anos). Centro do Recife é revisitado através dos grandes cinemas que serviram como espaços de convívio durante o século 20. **CINE BANGUÊ**: 17/9 - 18h; 19/9 - 18h30; 25/9 - 20h30; 30/9 - 17h.

Letra
Lúdica
Hildeberto
Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Fuba, música e poesia

Gosto destes versos do poeta Alberto da Cunha Melo, pernambucano de Jaboatão dos Guararapes: “Viver, simplesmente viver, / meu cão faz isso muito bem”. Extraio deles uma curiosa e, decerto existencialista, tipologia da criatura humana. Para mim, há o homem fático e há o homem transcendente. O homem fático se estreita no determinismo da facticidade, nos limites fisiológicos do viver. No fosso sufocante da química e da biologia. O homem fático come, dorme, respira, trabalha, faz sexo, sua. Será, no entanto, sempre o mesmo, animal como a zebra, o hipopótamo, a raposa e o gato. Seu universo é fechado. Programado. Fatal. Pelo menos é assim que pensa a ciência. O homem transcendente, por sua vez, se espalha na tentativa de apalpar a alquimia de existir. De não naufragar na recusa de ser, ultrapassando, assim, os vocativos da necessidade, para se jogar na beleza da liberdade, sem medo do acaso e do imponderável. O homem transcendente também come, também dorme, também trabalha, também respira, também sua, mas, já não faz sexo, e se o faz, o faz deixando-se irrigar pelas águas mágicas do erotismo. O homem transcendente é ele mesmo e é, ainda, o outro, ambos animais sagrados, diferente, portanto, do cão, do gato, do boi e da zebra. Seu mundo é aberto, e, nele, experimenta o difícil licor das escolhas. Pelo menos é assim que nos ensina a filosofia.

Loucos, crianças, místicos, santos, revolucionários, bêbados, amantes, artistas, poetas, todos abraçam os vapores do possível, os ardores da criação, a insatisfação contra o *status quo*, o desejo de reinventar o mundo e reinventar a vida, melhorar, enfim, o metabolismo da espécie humana na edificação de convívio social. Vejo Flávio Eduardo Maroja Ribeiro, nosso querido Fuba, nessa frei de iluminados. Ser simples, plural e poliédrico, aureolado, transitivo, sempre atento ao fluxo das coisas que movimentam as veias e as artérias da cidade. Sobremaneira, as coisas culturais. Fuba é político, é pesquisador, é carnavalesco, é musical, é pedagógico, é poético. Fuba transita pelos espaços da convivência fraterna, dialogando com a alegria e a generosidade em qualquer ambiente que frequenta.

Tem interesse pela história dos anos 30, de que resultou a obra *Parahyba 1930: a verdade omitida*, de 2021; vale-se do idioma midiático para elasticar o corpo da meditação crítica e informativa; brinca o Carnaval, sobretudo, na sua irradiação humana e transgressora; compõe, canta, interpreta canções leves e fecundas, incorporando o lírico DNA das terras tabajaras. Bom filho, bom pai, bom amigo. Espécie rara de gente aglutinadora, bafejado por talentos diversos e cruzados, portanto, pertencente a uma família de criadores paraibanos do melhor quilate. Observando a presença e a intervenção culturais, mediadas principalmente pelo encontro e tensão entre estética e política, Fuba me parece um parente próximo de Bráulio Tavares, de Walter Galvão, de Carlos Aranha, de Pedro Osmar, de W. J. Solha, de Jomard Muniz de Britto. Todos, adeptos apaixonados do debate crítico, da militância via palavra.

O seu livro *Hipotálamo* (João Pessoa: Editora A União, 2023), ora lançado, traz o testemunho do poeta da palavra impressa, com seus poemas verbais e todas as propriedades de sua retórica expressiva, modelada pela tradição do verso metrificado, dos jogos rimáticos e, em especial, pelo privilégio acentuado da camada acústica dos textos. Talvez isto se deva à presença incontornável do letrista e compositor, intrometendo-se, com sua voz e ritmo, na medula silenciosa do poema. Por isso mesmo, seus poemas, nas diversas seções em que a coletânea se subdivide (*Reflexões do hipotálamo*, *Versos do hipocampo*, *Encefaloversos*, *Universo em nove foras* e *Inverso universo*), e os assuntos, motivos e temáticas, como que pedem a prática gestual da leitura em voz alta, dentro dos critérios melódicos da oralidade. Tome-se um poema qualquer, por exemplo, *Zé Limeirando o mundo*, em sua primeira estrofe, de 12 versos em redondilha maior, e ateste-se a veracidade do que estou dizendo: “Uma porta sem fechadura / caiu de uma caçamba escura / quase que fez um estrago / num carro que tava parado / ao lado do bar Singapura / daí começou a loucura / quiseram fazer confusão / a porta não fez um arranhão / mas mesmo assim um machista / armado de ódio fascista / matou o infeliz motorista / e o dono do caminhão”.

Colunista colaborador

MÚSICA

Maria Rita na cadência do samba

Hoje, a cantora paulistana leva o ‘Samba de Maria’ ao palco do Teatro A Pedra do Reino, na capital paraibana

Foto: Daryan Dornelles/Divulgação



Celebrando 20 anos de carreira, Maria Rita traz sucessos como ‘Tá Perdoado’, ‘Maltratar Não é Direito’ e ‘Corpo Só’, além de vários clássicos da MPB

Da Redação

Desde que lançou o álbum *Samba Meu*, há duas décadas, Maria Rita transita com desenvoltura no universo do samba. A partir desta ligação afetiva, ela criou *Samba da Maria*, projeto que vem percorrendo diversas cidades do Brasil e mundo afora desde 2015.

O show que reverencia o gênero que a consagrou será apresentado hoje, no palco do Teatro A Pedra do Reino, em João Pessoa, a partir das 19h. Os ingressos podem ser adquiridos através da plataforma do Sympla (www.sympla.com.br), com valores que variam entre R\$ 110 e R\$ 280 (mais as taxas administrativas do site).

O repertório traz sucessos de sua discografia, como ‘Tá Perdoado’, ‘Maltratar Não é Direito’ e ‘Corpo Só’, além de clássicos imortalizados nas vozes de grandes nomes da música brasileira, como Beth Carvalho (‘Vou Festejar’), Jorge Aragão (‘Coisa de Pele’, ‘Lucidez’), Clara Nunes (‘Juízo Final’), Gonzaguinha (‘É’, ‘O Ho-

mem Falou’), Elis Regina (‘O Bêbado e a Equilibrista’) e Arlindo Cruz (‘O Meu Lugar’), dentre outros.

Os músicos Leandro Pereira (violão 7 cordas), Fred Camacho (banjo e cavaquinho), Vinicius Feijão (pandeiro), Jorge Quinho (percussão) e Adilson Didão (percussão) acompanham Maria Rita no palco.

No começo do ano, em fevereiro, o projeto ganhou a sua versão em formato de álbum: *Samba da Maria ao Vivo* (Som Livre) transita pelos sucessos de nomes como Beth Carvalho, Jorge Aragão e Jovelina Pérola Negra, como também resgata canções de seus trabalhos anteriores, como ‘Cara Valente’ e ‘Desse Jeito’. Com foco no *pot-pourri* ‘O Bêbado e a Equilibrista’/‘O Show Tem Que Continuar’, ao todo são 24 músicas que passeiam entre os sucessos de sua discografia. O show foi gravado em São Paulo e estará em formato audiovisual no YouTube e como disco nas principais plataformas de *streaming*.

Trajetória premiada

Atualmente com 46 anos (completados no último dia 9), Maria Rita começou a cantar profissionalmente aos 24 anos, atingindo um milhão

de cópias já no seu disco de estreia, *Maria Rita* (2003), que rendeu a ela três Grammy Latino, nas categorias Melhor Álbum de MPB, Melhor Canção em Português (‘A festa’) e Revelação do Ano, sendo ela a única artista do país até hoje a vencer nessa categoria da premiação.

Somou mais cinco troféus do Grammy Latino ao longo dos seus 20 anos de carreira, o mais recente em 2018, como Melhor Álbum de Samba, com *Amor e Música* (cuja turnê passou pelo mesmo A Pedra do Reino, no dia 21 de abril daquele ano), além de acumular uma coleção de prêmios em outras cerimônias, a exemplo do Multishow, TIM e da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA), dentre outros.

Através do QR Code acima, acesse o site do Sympla para os ingressos

Livraria

A UNIÃO

Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:

www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/

GOVERNO DA PARAÍBA

marketing epc

COTAS DE GÊNERO

Boqueirão aguarda novas eleições

Pleito suplementar está marcado para o mesmo dia de realização da prova do Enem 2023, em 12 de novembro

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Os vereadores e a população da cidade de Boqueirão aguardam novas decisões do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) sobre uma nova data para as eleições suplementares no município. O pleito está previsto para acontecer no dia 12 de novembro, mesma data marcada para a segunda prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem 2023) em todo o Brasil.

Tanto a prova como as urnas eletrônicas utilizam o espaço das escolas dos municípios, o que segundo os moradores e políticos inviabiliza uma votação na cidade. “As unidades escolares de Boqueirão já estão disponíveis para o Enem. E Boqueirão ainda não tem estrutura para comportar as eleições e as provas ao mesmo tempo. As quatro maiores escolas da cidade, que devem ter entre 60 e 70% das sessões, também já estão comprometidas com o Enem. Isso é visto com muita preocupação e incerteza”, declarou o vereador Izamario Monteiro (conhecido como Báro).

De acordo com a assessoria de imprensa do TRE-PB, o problema foi comunicado ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), órgão que define as datas das eleições suplementares. Este último órgão elabora um calendário definindo que as eleições suplementares neste segundo semestre podem ocorrer nas seguintes datas válidas para



TRE-PB comunicou ao TSE a coincidência de datas da eleição e do Enem

todos os Tribunais Regionais, incluindo a Paraíba: 6 de agosto, 3 de setembro, 1º de outubro, 12 de novembro e 3 de dezembro. Por isso, a data

até agora segue mantida. No dia 3 de julho, o TRE-PB julgou um processo pelo provimento do recurso, em harmonia com o Ministério Público,

no sentido de reconhecer a prática de fraude à cota de gênero prevista na Lei nº 9.504/1997, tornando sem efeito o Demonstrativo de Regula-

ridade dos Atos Partidários (DRAP) do Partido Progressista (PP) e do Partido Social Democrata (PSD) do município de Boqueirão, determinando a anulação dos eleitos e dos suplentes daquelas agremiações, cassando os diplomas no sistema proporcional nas eleições 2020, para a realização de novo pleito. Também foi aplicada a sanção de inelegibilidade por oito anos às candidatas Adjalma de Lacerda Brito, Alaide Maria Ramos e Jaquelynne Cássia de Amorim. No entanto, a Corte, considerando os prejuízos inerentes ao afastamento imediato, determinou que o afastamento dos atuais vereadores seja adiado, até que ocorra a diplomação dos novos eleitos. Já no dia 27 de julho, o

TRE-PB aprovou, à unanimidade, a proposta de resolução que trata da instrução para realização de nova eleição para os cargos de vereador dos municípios de Boqueirão e Mãe D’Água, pertencentes à 62ª Zona Eleitoral e 30ª Zona Eleitoral, respectivamente. Assim, ficou estabelecido que as novas eleições seriam realizadas no dia 12 de novembro de 2023 (domingo), e utilizarão o sistema eletrônico de votação e apuração. Pode participar das eleições o partido que até seis meses antes do pleito tenha registrado o seu estatuto no Tribunal Superior Eleitoral e possua até a data da convenção órgão de direção constituído no município de acordo com respectivo estatuto.

Partidos lançaram candidaturas fictícias

A burla à cota de gênero representa a candidatura de mulheres apenas para cumprir a cota dos partidos políticos. Ou seja, os partidos em Boqueirão lançaram candidaturas fictícias para o cargo de vereadores nas eleições municipais apenas para atingir o percentual mínimo de candidaturas femininas determinado pela legislação eleitoral. No entanto, elas não chegaram a fazer campanhas e sequer votaram nelas mesmas. No entanto, após as Eleições 2020 na cidade, a oposição entrou com uma ação na Jus-

tiça alegando fraude à cota de gênero. O processo se estendeu até 2023 quando foi julgado procedente pelo TRE, culminando com a cassação dos diplomas de oito vereadores, sendo cinco do PSD e quatro do PP. Portanto, dos 11 vereadores eleitos para a Câmara da cidade, oito foram cassados e três foram atingidos porque vão ter que concorrer nas eleições suplementares de qualquer maneira. O PSD teve uma candidatura fictícia e o Progressista teve duas mulheres que se candidataram apenas para cumprir a cota de seu partido.

Vereadores discordam do novo pleito por gerar mais dúvidas

O vereador Izamario Monteiro integra o PTB, partido que tem três parlamentares e, apesar de não estar envolvido com a fraude à cota de gênero, foi atingido porque todos os seus vereadores perderam os cargos. Para ele, as eleições suplementares são vistas com dúvidas pelos vereadores e, por isso, ainda aguarda a posição do TRE-PB sobre a possibilidade de defesa e uma possível permanência do PTB na Câmara até o final do mandato. “Estamos atentos para que o Tribunal se manifeste quanto a essas dúvidas, principalmente observando o não comprometimento dos serviços públicos. Ainda não há clareza, inclusive sobre a minha candidatura em um novo processo eleitoral e precisamos entrar nesse jogo sabendo das regras”, defendeu. Para ele, a vontade do povo tem que ser soberana, principalmente quando não existem fraudes. “No caso dos três vereadores do PTB, vamos ser atingidos pela decisão que vai punir os parlamentares que fazem parte de uma coligação onde houve a fraude. O sentimento é de preocupação porque é

preciso respeitar o processo democrático”, opinou. Izamario Monteiro discorda do fato de apenas as mulheres se tornarem inelegíveis, porque o ideal era também penalizar as pessoas que estimularam essa fraude, ou seja os presidentes dos partidos e todos aqueles que coagiram essas mulheres a serem candidatas fictícias. Por isso, destacou sua tristeza com os acontecimentos na Câmara Municipal, principalmente porque os políticos beneficiados com a fraude terão a mesma punição de quem não foi beneficiado e nem participou da prática. Paulo César, por sua vez, é vereador pelo PSD e presidente da Câmara Municipal. Seu partido teve uma candidatura fictícia, situação que, segundo ele, prejudicou todos os eleitos e até a oposição que entrou na Justiça pleiteando a cassação dos vereadores tendo em vista à fraude à cota de gênero. “Os candidatos que na época concorreram não se envolveram nas escolhas das candidaturas femininas porque cada um foi cuidar de sua campanha. Porém, a oposição não imaginava que

com mais de 50% da Câmara sendo cassada, teria novas eleições. Então deram um tiro no pé, prejudicando os oito que perderam o mandato e os que estão com mandato vão também para as eleições suplementares, que são os três vereadores do PTB”, explicou. Segundo Paulo, diante da decisão do Tribunal, os vereadores entraram com alguns embargos e recursos especiais no TSE. Inclusive, mesmo sendo autora da ação, a oposição também entrou com embargo já que esta também foi atingida e terá que concorrer em uma nova eleição, alegando que não tiveram direito de defesa no processo. “Estamos aguardando esse resultado desses embargos e ações especiais que estão com o TSE. Mas, vou estar com os cinco vereadores do meu partido. Da mesma forma o Progressistas, com exceção de um que já declarou que não deseja participar”. O presidente da Câmara, por sua vez, acrescenta que a data das eleições pode ser alterada por causa do Enem, mas os vereadores seguirão trabalhando até que a situação seja definida.

Tribunal registrou 27 processos relativos a fraudes contra cota

O TRE-PB registrou 27 procedimentos relativos a fraudes à cota de gênero que já foram julgados envolvendo as eleições municipais. As decisões que reconheceram essas irregularidades e determinaram novas eleições atingiram, desde 2019, cinco cidades e em três delas o novo pleito já foi realizado: Monte Horebe (nove vereadores); Gado Bravo (prefeito e vice-prefeito) e Boa Ventura (nove vereadores). Nas outras duas cidades, as eleições ainda vão ocorrer, mas a fraude já foi reconhecida pelo TRE-PB: Boqueirão (11 vereadores) e Mãe D’Água (nove vereadores). Assim, ao todo foram 40 perdas de mandato, sendo 38 vereadores cassados, além de prefeito e vice-prefeito. Este número não inclui os suplentes. O estímulo à participação feminina através da cota de gênero está previsto na legislação brasileira desde 1997, na Lei das Eleições: Lei nº 9.504/1997. Ela define que cada partido ou coligação deve preencher o mínimo de 30% e o máximo de 70% para candidaturas de cada sexo, nas eleições para Câmara dos Deputados, Câ-

mara Legislativa do Distrito Federal, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais. Subentende-se, portanto, que os partidos precisam lançar 30% de candidaturas femininas, regra que passou a ser obrigatória a partir de 2009. A fraude é constatada a partir de certas características: mulheres que se candidatam, mas que têm uma votação zerada ou com um ou dois votos; que não gastam recursos com propaganda; que têm um membro da família muito próximo que está sendo candidato adversário, mas é do gênero masculino e que está fazendo campanha como se fosse “adversário”; a contabilidade da campanha é um pouco “maquiada”, dentre outros aspectos. Desde 2019, quando foi julgado o caso de candidaturas fictícias nas eleições de Valença (PI), relativas às eleições de 2016, o TSE fez algumas definições, entre elas a de que a comprovação da fraude derruba toda a coligação ou partido, ou seja, compromete todo o DRAP (Demonstrativo de Regularidade de Atos Partidários) do par-

tido naquela localidade. Se a fraude à cota de gênero for comprovada e os candidatos comprometidos tiverem mais do que 50% dos votos válidos, os candidatos são cassados em plenário e a eleição suplementar deve ser realizada. Mas, se o partido envolvido na fraude elegeu políticos cujos votos receberam menos do que 50% dos votos válidos, esses votos são anulados e os Tribunais fazem o reprocessamento da eleição. Sobre as novas eleições em Boqueirão, a desembargadora e presidente do TRE-PB, Fátima Maranhão destacou que o Tribunal tem se empenhado para realizar o pleito da forma mais rápida possível, cumprindo todas as determinações legais.

■ O estímulo à participação feminina através da cota de gênero está previsto na legislação brasileira desde 1997

José Nunes

Paixão pelo jornalismo nasceu há 40 anos e começou no amor pela leitura

Uma história que teve início com um texto não aprovado, mas que acabou se desenvolvendo a partir de amizades que incentivaram uma paixão pela Literatura e despertaram o prazer da escrita em busca dos fatos e da verdade

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

José Nunes da Costa é um daqueles casos de amor à primeira vista. Se apaixonou pelo livro ainda criança quando descobriu que o pai tinha revistas sobre agricultura. Daí conheceu uma biblioteca, fez amizade com o jornalista Nathanael Alves e passou a seguir conselhos. Começou em jornal como muitos colegas de seu tempo na tradução de telegramas. Escreveu crônicas, biografias de personagens da história da Paraíba, participou do suplemento Jornal da Terra, escreveu livros, e hoje é imortal da Academia Paraibana de Letras. Ao *Memórias A União*, José Nunes conta como foi toda a saga, fala das amizades, dos desafios e faz uma revelação: não gosta muito de tecnologia, prefere o papel e acredita que o livro e o jornal impresso não desaparecerão. Também enaltece o papel de **A União** na história da Paraíba de forma convicta: “É um patrimônio inestimável”.

Entrevista

■ Como é que começou a sua história com **A União**?

Meu namoro e o casamento com **A União** tiveram duas partes, dois momentos: primeiro, lá pelo ano de 1975, um amigo de minha irmã, que trabalhava no Departamento de Pessoal e sabia que eu gostava de ler, essa coisa toda, perguntou se eu queria fazer um teste para trabalhar na **A União**? Conversou com o chefe de Reportagem da época, que era Frutuoso Chaves. Esse foi um momento muito importante na minha vida, que deu impulso na minha decisão de ser jornalista. Eu fui numa tarde na Redação, lá na Praça 1817, em um dia chuvoso. Cheguei lá, me apresentei e ele disse: “Senta aí na máquina, escreva um texto sobre esse momento que a gente está vivendo agora da chuva”. Fiz o texto e deixei com ele, mas ele não aprovou. Mas isso não me deixou triste, de modo algum. Eu tinha dito a Nathanael Alves que ia fazer essa experiência, a gente sempre se encontrava no sábado.

■ Você era próximo de Nathanael Alves?

Eu conheci Nathanael quando vim morar em João Pessoa, em 1972. Ele era ligado à nossa cidade e tinha uma certa aproximação com a nossa família. Eu comecei a frequentar a casa de Nathanael. Um grande jornalista e um grande articulista. Então, eu já tinha esse relacionamento com ele, era raro um sábado que eu não ia na casa dele. Ele começou a me dar livros, e disse: “Zé, não se preocupe com esse episódio lá de **A União**. É isso que você quer?” Eu disse: eu acho que sim, porque eu gosto de ler. Passou algo como meses a um ano e ele disse: “Eu vou fazer uma experiência. Você vai para a Redação de O Norte. Fui e comecei a copiar telegramas à noite. Trabalhava durante o dia e à noite ia para lá. Ele mandou um bilhete para Teócrito Leal: “Receba esse caboclo

Agnaldo Almeida meu grande mestre. Tinham os redatores que pegavam os textos da gente e copidescavam. Ele dizia: “Vamos fazer o seguinte: a matéria que você fez hoje, veja como ela sai amanhã no jornal, faça a comparação que você vai ver o que você não deveria ter colocado no texto e o que deveria colocar”. Isso foi uma lição maravilhosa. É a vocação de **A União** para a escola, por isso que **A União** é uma grande escola e sempre será. Eu não passei pela Universidade de Jornalismo nem de coisa nenhuma, porque sempre fui preguiçoso para estudar, minha vocação era ser agricultor, até hoje a minha vontade é ser agricultor. Como eu gostava de ler, ainda gosto, só ajudou. Então, **A União** foi essa minha Universidade. Agnaldo Almeida foi o meu professor.

■ Como é que você desenvolveu o gosto pela literatura, o gosto pelas letras?

O livro sempre esteve na nossa vida. Na minha vida no sítio não tinha uma biblioteca. Mas eu encontrava alguns livros em algumas gavetas. Meu pai gostava, não que ele fosse um leitor, mas meu pai tinha uma revista sobre agropecuária, sobre criação de porcos e criação de gado. Eu tinha livros dentro de casa, fora o livro dos livros, como diz Rui Barbosa, que era a Bíblia. Eu já estudava em Serraria, no grupo escolar. Mas quando eu fui morar em Arara, que eu conheci seu Mariz, o moreno, que tinha uma biblioteca, foi a primeira biblioteca que eu vi na minha vida. Aí quando eu vim morar em João Pessoa, me aproximando de Na-



Segundo Nunes, o namoro e o casamento com o jornal **A União** tiveram dois momentos



José Nunes revelou ao *Memórias A União* que publicou a primeira crônica em 1974 e nunca mais parou de escrever

thanael, as portas se abriram, os livros se abriram às descobertas. Nathanael ia me dando livros, ele disse: “Vamos começar pela leitura dos livros da Paraíba, para você conhecer a sua terra”. Quais foram os livros que ele me deu? José Lins do Rego, foi quando eu li pela primeira vez *Menino de Engenho*. Eu nasci dentro de Engenho. Então eu vivia na bagaceira quase diariamente, estava por lá como moleque de 9, 10 anos. Ele não me deu **A Bagaceira** para ler, que é um livro mais sofisticado, não tinha a linguagem de José Lins do Rêgo. A partir daí veio Graciliano Ramos, para conhecer a realidade do nosso Nordeste, da nossa Paraíba. E foi aí que eu fui tomando gosto. Depois ele foi me dando uns clássicos, aquela coleção Os Imortais da Literatura Universal. Foi me dando um livro de filosofia, Platão, Aristóteles, essas coisas.

■ Isso foi uma fase pré **A União**?

N**A União** eu comecei em geral. Trabalhei com Zé Carlos dos Anjos, Gisa Veiga. Nesse período, entre 1980, 1985, foi quando assumiu Petrônio Souto. Para ver como Nathanael era uma pessoa tão simples e tão precavida. Ele não assinou a minha carteira. Quem assinou minha carteira foi Petrônio. Ele faleceu em 1981, eu estava como serviço prestado, para não dizerem que ele estava trazendo alguém que tinha uma grande ligação com ele para dentro do jornal. No dia que viemos aqui n**A União** para conversar quem estava junto? Naná Garcez, que hoje é presidente da EPC. Nós entramos na sala de Nathanael para conversar e estávamos Naná Garcez e eu. Hoje, Naná é

superintendente, mesmo cargo que Nathanael assumiu.

■ Quanto tempo você ficou na reportagem?

Depois desse período foi criado o suplemento do Jornal de Domingo, que eu participava das entrevistas. Eu passei a ajudar na transcrição das entrevistas - depois que você pega a prática, fica tranquilo. Aquelas longas entrevistas. A gente fazia lá na João Amorim, a gente ia lá para aquele primeiro andar, Zé Otávio levava muitos entrevistadores. Acho que foi Gregório Bezerra que a Redação parou, foi todo mundo, não tinha onde sentar.

■ Você também migrou para outras editorias, inclusive uma delas foi pioneira, com o *Jornal da Terra*?

A primeira edição foi colorida, a capa era um pé de algaroba. Essa seleção de cores foi feita em Recife, uma coisa maravilhosa. Então, eu comecei a participar desse primeiro grupo que fundou o Jornal da Terra. Se não me engano, esse nome foi criado por Gonzaga Rodrigues. O primeiro grupo tinha Deoclécio Moura, que era diretor-presidente; diretor-administrativo, Ivan; diretor-técnico, Milton Nóbrega e Dijaci Araújo, diretor comercial. O editor era Antônio Barreto Neto. Os redatores: Martinho Moreira Franco; Gonzaga Rodrigues, eu e Celina Moura. Essa foi a primeira equipe que começou a fazer o suplemento. Eu trabalhava mais como repórter, viajando para fazer matérias. Foi um marco na história. Foi logo depois que a Globo lançou o Globo Rural. Então acho que por conta disso **A União** começou a fazer.

■ Qual foi a primeira reportagem do *Jornal da Terra*?

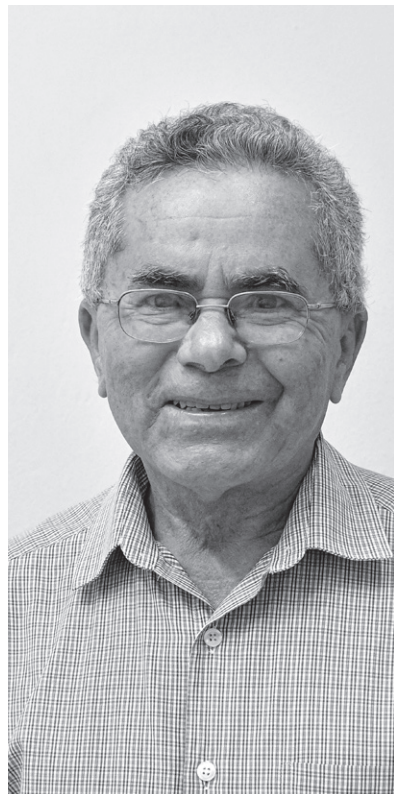
Foi justamente sobre o cultivo de algaroba. Inclusive a foto foi feita em Taperoá, onde fizeram um experimento. Hoje tem em todo canto. Mas não é mais recomendado plantar, porque ela consome muita água, tem a raiz muito profunda e vai buscar água. Essa foi a reportagem principal e daí trazia o noticiário. Era sempre levando reportagens que estimulavam a agricultura. Naquela época não se chamava agricultura familiar, mas sim o pequeno produtor rural. É um suplemento que faz falta hoje. A gente vê o nosso governo atual, dos tempos para cá, como eles têm algumas ações voltadas para o homem do campo. Hoje a demanda que vem de programas sociais e de programas governamentais de apoio ao homem do campo são bem maiores do que há 30, 40 anos. Naquela época, a irrigação era a grande sacada para levar água, para garantir a sobrevivência das plantas e das criações.

■ Do *Jornal da Terra*, você enveredou para crônica, para os artigos? Eu fui trabalhar no Banco do Estado da Paraíba - Paraiban. E houve um episódio interessante: quando eu fui para o Banco do Estado, um funcionário, que era dos Recursos Humanos no jornal, não aceitava que eu ficasse no banco. Conversando, ele disse. Mas quando eu cheguei com uma proposta para o superintendente da época, que era Aluísio Moura, disse que não podia. Então eu escolhi o banco porque o salário era melhor. Eu passei quase nove anos, até o fechamento. O

banco me deu uma oportunidade de comprar a minha casa. Tinha um salário que era compatível para eu pagar a prestação da minha casa, isso foi bom, o que o jornal talvez não tivesse dado, porque pagava pouco, você tem que ter um outro trabalho, outra atividade. Aí fui para o Banco do Estado, mas já no banco, eu não me afastei da redação, voltei para O Norte. E aí já é outra história, mas depois sempre de volta para **A União**, de onde nunca me afastei definitivamente. Foi aí que eu comecei a trabalhar e me interessar pela crônica. Desde os anos 1980, desde quando eu comecei, porque eu publiquei minha primeira crônica em 1974. Quando eu fui para O Norte, nessa segunda vez, aí sim, eu passei a escrever mais, quase toda semana. Lá, eu passei cinco anos. Você pode multiplicar quantas foram, sendo uma crônica por semana. Teve um momento em que eu fiquei escrevendo no lugar de Martinho Moreira Franco, aí era todo dia. Tive um tempo que eu passei no jornal Momento, com Gorette Zenaide e a editoria de Walter Santos. Eu escrevia dois, três contos por semana.

■ Mas você nunca perdeu a relação com **A União**? Lembro que você participou do projeto especial de produção de plaquetes da Paraíba.

Eu escrevi sobre Ariano Suassuna. Foi uma experiência bacana. Quando ele me apresentou os nomes eu toquei logo em cima do de Ariano. Estive lá em Recife, peguei algumas informações, porque era uma plaquete, não uma biografia profunda. O trabalho era nessa perspectiva de



Apesar de reconhecer a importância da tecnologia, Nunes acredita que o livro não vai desaparecer

levar para a juventude, quem foi a pessoa. Então a minha proposta foi essa, queria fazer com que chegasse para os jovens quem é Ariano. E escrevi sobre Padre Zé Coutinho. Mas eu nunca me afastei do jornal. Mesmo trabalhando no Banco do Estado quando ele fechou eu vim para o Estado. Foi Agnaldo que me trouxe para o Estado para trabalhar como repórter, cobrindo o Palácio do Governo, quer dizer, eu nunca me afastei de **A União**. Foi um casamento que vai durar para sempre.

■ Você é personagem da história de **A União**. Como você contou só o fato de ter trabalhado, editado, produzido o *Jornal da Terra*, que foi o marco na especialização do jornalismo, você testemunhou várias mudanças. Como é hoje ver que aquele trabalho, com a máquina de dactilografia, aquele trabalho de apuração, que, no máximo, permitia um telefonema, mas ninguém confiava nisso. O ideal era que a gente fosse até a fonte colher pessoalmente a informação. Aí de repente hoje a internet. Como você avalia a mudança? Como ajuda. Demais. Porque facilita o acesso, facilita para você checar uma matéria, uma informação, ter uma versão diferenciada. Você pode estar onde você estiver. E você está resolvendo seus problemas. Eu vejo se está distante e o personagem lá o que eu fiz, a entrevista. O repórter fez uma entrevista e está com uma dúvida naquela informação, faz contato com a fonte. A checagem de informações hoje está muito fácil, você pode cometer uma bariga se quiser, né? Porque você tem como checar as informações.

■ E ao mesmo tempo, Nunes, a gente também sabe que não pode confiar em tudo que a internet diz, porque se aquela premissa do jornalismo de fazer a notícia, de apurar, continua valendo, não é porque tá na internet que é válido, tem que checar?

Eu posso dizer com certeza, sem querer me vangloriar, mas poucas matérias minhas foram contestadas. Por quê? Por causa da fidelidade às informações, saber apurar, saber transcrever, saber colocar na matéria. Isso é interessante, porque tem gente que não vai bem por aí, se empolga demais e você tem que ter fidelidade às informações que a fonte deu, se a pessoa botou para você, se você fizer isso eu tenho que colocar como ele disse. [...] Eu acho que o jornalismo mudou muito. Hoje, o repórter não vai mais para a rua, ele faz tudo da Redação e o bom repórter tem que estar na rua. Mas mudou muito, o jornal mudou. O papel de **A União** é na cultura, na história da Paraíba.

ba. E isso é muito importante. ■ Como você avalia o papel de **A União** na história?

A União dispõe de um acervo, que eu diria, ser de valor incalculável para a história da Paraíba. Você vê desde quantos séculos, quantas décadas **A União** vem registrando a história da Paraíba e a história do Brasil. A gente vai olhar pelo prisma do governo. Mas não deixa de estar documentando o dia a dia. O papel d**A União** é esse: documentar para a sociedade, repassar para a sociedade o dia a dia. O governo precisa prestar conta do que faz, do que diz, do que executa, não é isso que é o papel do governo? E há um papel cultural também. **A União** se destaca não só com essa questão de noticiar o dia a dia das ações do governo, mas também prima pela cultura, por valorizar a nossa cultura. Se for olhar a história de **A União**, quantos grandes livros não foram publicados a partir de **A União** e quantos personagens passaram por aqui, quantas grandes entrevistas de escritores, de autores, de intelectuais, cientistas e políticos, **A União** registrou tudo isso e eu ainda fico imaginando porque **A União** ainda não resgatou aquelas grandes entrevistas dos jornais do domingo. Grandes entrevistas que hoje já são parte da história. Muitos daqueles personagens que deram entrevistas, grandes entrevistas. Eles falavam do momento político que o país estava vivendo, o momento cultural. Então, deve prosseguir com isso. Se a gente falar do momento atual de **A União**, a gente vai ver como **A União** está prestando um grande serviço à cultura da Paraíba. Um patrimônio. Nunca se publicou tanto livro como agora na Editora **A União**.

■ O que é que você imagina que vem pela frente com tanta tecnologia?

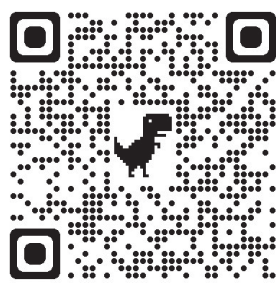
Eu não sou muito ligado a tecnologia, essas coisas, sou muito do papel. Ainda sou muito da enxada tradicional. Mas acredito que o papel, o livro impresso, continuará para sempre.

■ Você gostaria de fazer um registro específico de uma lembrança que a gente não tocou, fica à vontade aí para as suas considerações finais.

Só fazer um registro da minha paixão. Nesse casamento que eu tenho com **A União**, casamento que dura já mais de 40 anos. **A União**, não somente faz parte da minha vida, porque foi n**A União** onde eu encontrei grandes amigos, construí grandes amizades, foi **A União** que me deu casa e comida, foi no meu trabalho n**A União** onde eu pude criar e educar minha família, onde eu pude acessar as informações, o conteúdo da literatura. E foi aqui onde eu publiquei o meu primeiro livro. Por iniciativa de Nonato Guedes, quando eu completei 40 anos. Me proporcionou esse momento de alegria, a levar minha filha a também enveredar por isso, porque ela viu que o pai dela sempre teve esse contato, esse acesso, esse amor pelo jornal. Eu sou apaixonado por jornal e **A União** é uma paixão à parte.

■ As vezes há uma discussão sobre a necessidade de um órgão desse se manter do Estado e não enveredar por uma opção de tecnologia mais moderna e de deixar de imprimir o jornal, que deveria privatizar, sempre tem essas discussões. Como é que você vê isso?

Eu acho que isso é uma discussão que passa pela mente de pessoas com o olhar pequeno, sabe? Não só dimensão histórica, mas a dimensão do papel que **A União** pode oferecer para a sociedade da Paraíba, sempre ofereceu e vai continuar oferecendo. Eu acho que hoje o jornal deveria chegar junto das escolas. Documentar e levar a literatura. Como já tem sido feito atualmente, a gente vê que **A União** está chegando ainda mais na sociedade. Agora pensar que **A União** deveria mudar, deixar de existir,



Aponte a câmera do celular e veja a entrevista na íntegra





Ana Luiza Mendonça, Evanísio Arruda, Valéria Lisboa, Samir Palmeira Melo, Belinha Cabral, Simone Mesquita, Satyro, Waldir Porfírio, Elizabeth Marinheiro e Basa Abrantes são os aniversariantes da semana.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA
PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

SÃO BRAZ
produtos de qualidade

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS.
EXPERIMENTE.

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz



A Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba promoveu evento especial para realizar o lançamento do livro “A Constituinte e a Constituição da Paraíba-1989”, ocorrido na Academia Paraibana de Letras (APL). Na solenidade, o autor, que foi saudado pelo presidente da APL, jornalista Severino Ramalho Leite, declarou em seu interessante e rico discurso: “Neste meu trabalho, resultante de minha tese de doutorado, em São Paulo, resolvi não me deter, apenas, no Direito Constitucional, e sim me nortear nos diversos segmentos de muitas das ciências sociais, porque quem faz Direito conhece história, geografia, filosofia...”. Confira alguns momentos deste concorrido evento.

A Academia Paraibana de Letras (APL) realizou, na semana passada, em sua sede, no Centro Histórico da capital paraibana, evento histórico para festejar seus 82 anos de fundação. Na ocasião, a APL homenageou com a Medalha Oscar de Castro as seguintes personalidades: Waldemar Solha, Marcélia Cartaxo, Zezita Matos e Oliveira de Panelas. Na mesma oportunidade, e também em razão de suas contribuições com a cultura do Estado da Paraíba, a tradicional Casa de Coriolano de Medeiros concedeu diploma à Editora A União, à Livraria do Luiz e à Ideia Editora.



O governador João Azevêdo, durante evento no Holanda’s Prime, em João Pessoa, participou do lançamento do Holanda’s Gold Resort Club, o mais novo empreendimento do Polo Turístico Cabo Branco.



A empresária Evaní Ramalho recebeu o carinho da secretária Rosália Lucas e da amiga Hercília Nóbrega

Para celebrar o Brasil, o Outback Steakhouse apresenta sua mais nova campanha “Brasilidades Outback”, estrelada pelo cantor Thiaguinho. O lançamento traz produtos inspirados nos sabores preferidos dos brasileiros quando o assunto é celebração, agora em versões únicas e por tempo limitado que incluem churrasco, sobremesa de brigadeiro e drinks de cachaça em versões inovadoras.

A sommelier Fernanda Melo, presidente da Confraria da Lapada, vai realizar mais uma edição do Brasil Cachaça, evento que vai acontecer no Espaço Cultural, em João Pessoa, de 3 a 5 de novembro próximo. Para maiores informações sobre o Brasil Cachaça, que conta com o apoio do Governo do Estado da Paraíba, da Prefeitura Municipal de João Pessoa, do Sebrae-PB, da Fecomércio-PB e da Abrasel/PB, entre outros, acesse o www.brasilcachacas.com.

As comemorações alusivas aos 118 anos de fundação do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), entidade cultural presidida pelo historiador Jean Patrício, serão iniciadas com sessão solene na cidade de Cajazeiras, na noite dessa segunda-feira (18). No lançamento do projeto, que homenageia o saudoso escritor Deusdedit Leitão, será entregue o título de Sócia Honorária do IHGP à professora Janáina Valéria Pinto Camilo.

A Abrajat paraibana, liderada pelo presidente Abelardo Jurema, promoveu mais uma edição do Café com Turismo, na manhã da quinta-feira (14), no Hotel Caiçara. Desta vez, a entrevistada foi a secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico, Rosália Lucas.

Uma comitiva de jornalistas de nosso Estado, a convite do presidente da PBTur, Ferdinando Lucena, e capitaneados pela assessora de imprensa, Cibelly Correia, registrou a abertura da ação turística Raízes do Brejo, em Guarabira. No evento registrei a presença da atuante e competente secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico, Rosália Lucas.

A tradicional Classic Turismo, empresa dirigida pelo casal Hélio Augusto e Welânia Guedes, fechou importante parceria com a TAP Partner. Neste momento histórico, registrei os empresários anfitriões com o vice-governador Lucas Ribeiro, a secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico, Rosália Lucas e o executivo da TAP.

O jornalista Ewerton Vieira vai festejar seu aniversário e 15 anos de carreira, em ritmo de adesão, com mega evento no SkayResto, no próximo dia 21 de setembro. Claro que marcarei presença.



Os empreendedores Carlos Frederico e Rodrigo Farias realizaram evento, na noite da quarta-feira (13), para apresentarem nomes de importantes marcas que já compõem o mix de empresas no arrojado e novo centro comercial e empresarial do bairro do Bessa, em João Pessoa, o Parahyba Mall. Confira alguns dos melhores momentos.

Selic Fixado em 2 de agosto de 2023 13,25%	Salário mínimo R\$ 1.320	Dólar \$ Comercial -0,03% R\$ 4,871	Euro € Comercial +0,15% R\$ 5,194	Libra £ Esterlina -0,34% R\$ 6,031	Inflação IPCA do IBGE (em %) Agosto/2023 0,23 Julho/2023 0,12 Junho/2023 -0,08 Maio/2023 0,23 Abril/2023 0,61	Ibovespa 118.757 pts -0,53%
--	---	--	--	---	--	--

AGENDA ESG

Empresas implantam ações estratégicas e sustentáveis

Negócios paraibanos promovem cuidados ambientais, sociais e de governança

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguesz@gmail.com

Empresas paraibanas desenvolvem ações de implementação da agenda ESG (Ambiental, Social e Governança, traduzido da sigla em inglês). Levantamento da multinacional de consultoria, KPMG, aponta que 76% das empresas brasileiras utilizam as estratégias de negócios. Para incentivar as práticas, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) criou a rede ESG para que todos os estados tenham acesso às melhores metodologias.

O engenheiro ambiental, Ícaro Santiago é o representante da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep) na rede ESG da CNI. Ele destaca que a entidade está totalmente comprometida com a agenda e que não é difícil aos empresários dar os primeiros passos. Ícaro Santiago também é o coordenador da Casa Fiep, espaço de educa-

ção, cultura e tecnologia.

“O empresário deve começar a partir do conhecimento, obtido com capacitação e qualificação, podendo delegar a função a alguém da empresa ou contratar uma consultoria especializada para implantar as práticas e despertar a cultura entre os colaboradores. A evolução vai acontecer conforme a realidade de cada empreendimento”, orienta o gestor.

Ícaro Santiago afirma que a governança corporativa deve vir em primeiro lugar, já que envolve a gestão e o planejamento do negócio. “As práticas de melhoria da governança desencadeiam os outros dois pilares. O componente social pode ser interno, envolvendo a gestão dos colaboradores, ou externo, no que diz respeito à comunidade. Por último, há a questão ambiental”.

Ele opina que as empresas de maior porte, com atuação em âmbito nacional po-

dem liderar essa adaptação.

“São empresas que possuem maior flexibilidade de investimentos, com mais recursos para contratar mão de obra qualificada. Por outro lado, as empresas de micro e pequeno porte têm vantagens no que se refere ao controle, com mais facilidade de expandir as metodologias de mudança por todo o negócio”.

O representante da Fiep afirma que muitas empresas já adotam algumas práticas até mesmo sem se darem conta que estão se adequando a uma tendência de mercado. É o caso da Real Marcenaria, localizada em Santa Rita. O diretor-administrativo João Paulo Ferreira viu na produção de energia solar um investimento de retorno a médio prazo, no ano de 2018. Naquela época, ainda não havia essa preocupação empresarial com a agenda ESG, como nos últimos anos.

“Pensamos no viés ambiental e econômico. Insta-

■ **Empresas adotam práticas mesmo sem saber que estão se adequando a uma tendência de mercado**

lamos os painéis solares no teto da fábrica, com um investimento em torno de R\$ 90 mil, que terminamos de pagar neste ano. Agora, iremos ampliar porque o negócio está crescendo e precisamos produzir mais energia”, comenta. De acordo com ele, houve uma grande economia para a empresa com a troca da conta de energia pela parcela do financiamento para compra dos equipamentos.

Maior preocupação com descarte de resíduos

A Real Marcenaria também tem responsabilidade no descarte de resíduos sólidos provenientes dos projetos realizados. As sobras são doadas a uma indústria também de Santa Rita, que possui o licenciamento para queimar o material e transformar em energia para sua produção. “Nós somos comprometidos com a destinação corre-

ta dos resíduos, apesar de que há empresas que não seguem o que determina a legislação”, pontua o empresário.

Outra parte dos resíduos, que são peças descartadas da produção, como material com avaria, é destinada a dois projetos sociais da cidade. “Um deles forma mão de obra que procura o primeiro emprego e o outro resgata homens em

situação de dependência química, também por meio da capacitação”.

Ícaro Santiago ressalta que não é difícil a adequação das empresas. Ele cita a implantação das normas da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e *compliance*, no que se refere à governança do negócio. Já na área social, pode ser a adoção da política de

equidade no pagamento de homens e mulheres, ou a inclusão da diversidade no quadro de colaboradores, com a contratação de membros da comunidade formada por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros, queer, intersexuais, assexuados e demais identidades de gênero e orientações sexuais (LGBTQIA+).

Empreendedores investem em tecnologias

Foto: Roberto Guedes



Tratáguas emprega recursos nas questões ambientais

O engenheiro ambiental Ícaro Santiago comenta que até alguns anos atrás, as empresas estavam apenas preocupadas em cumprir o que determinava a legislação ambiental. Hoje, elas vão além, ao desenvolver uma responsabilidade efetiva, o que também pode garantir a geração de negócios. O grupo paraibano Tratáguas é especialista no tratamento, dessalinização e descalcificação da água, além da desinfecção para consumo humano. Ao fazer um curso sobre cultivo de camarão, o empresário e químico industrial, José Fonseca, viu que a carcinicultura seria um mercado promissor para a empresa.

“O camarão cultivado na nossa região vem do Oceano Pacífico e, para que a produção seja desenvolvida adequadamente, nós fazemos uma análise da água dos tanques dos criadores para elaborar uma fórmula para correção

do ideal perfil iônico da água, garantindo uma composição físico-química semelhante à água do Oceano Pacífico”, explica o especialista.

Segundo ele, a partir desta composição, há aumento da produção, bem como do ganho de peso do camarão e redução da mortalidade. O serviço também é realizado para criação de peixes, algas e microalgas.

Investimento

“Já fizemos mais de duas mil análises em nosso laboratório. Temos clientes de todos os estados do Brasil e também estamos recebendo demanda da Colômbia e, possivelmente, da Espanha e da Malásia”, comenta José Fonseca. Ele afirma que a empresa é de pequeno porte, mas que no que se refere à tecnologia aliada às questões ambientais, “a ousadia é de uma empresa de grande porte”.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

A Inteligência Artificial e a economia mundial

A Inteligência Artificial (IA) desempenha um papel cada vez mais crucial na economia, oferecendo ferramentas e insights que podem ajudar economistas a compreender melhor os complexos fenômenos econômicos e a tomar decisões embasadas. À medida que a IA evolui, suas aplicações na economia global se ampliam, proporcionando benefícios significativos. Neste texto, exploraremos como a IA auxilia economistas e impacta diversos setores.

Previsão Econômica Precisa. A IA analisa grandes volumes de dados em tempo real, identificando tendências e padrões que economistas podem perder. Isso é crucial na previsão econômica, permitindo prever eventos como recessões, crescimento do PIB, taxas de desemprego e inflação com maior precisão. Modelos de IA incorporam variáveis complexas, gerando previsões robustas que facilitam medidas preventivas.

A IA analisa o **sentimento de mercado em tempo real**, monitorando notícias e mídias sociais para avaliar o impacto das emoções dos investidores. Isso ajuda a compreender a volatilidade do mercado e as reações dos investidores, informando políticas e estratégias de investimento.

A IA desenvolve **sistemas de detecção de fraudes avançados** que identificam atividades suspeitas em transações financeiras, protegendo consumidores e a integridade dos mercados globais.

Otimização de Políticas Monetárias e Fiscais. A IA permite análise do impacto de políticas econômicas, sugerindo estratégias para impulsionar o crescimento, controlar a inflação e gerenciar o desemprego, resultando em políticas mais eficazes.

A IA adapta produtos financeiros às necessidades dos clientes, melhorando a experiência e a eficiência dos serviços financeiros e automatiza tarefas de coleta e processamento de dados, economizando tempo e recursos, e permitindo análises mais complexas.

Comércio e Mercados Financeiros Automatizados. Algoritmos de negociação automatizada usam IA para decisões baseadas em análises de mercado em tempo real, aumentando a eficiência das negociações.

A IA também encontra aplicação em empresas e setores que extrapolam o âmbito financeiro. Varejistas e empresas de manufatura, por exemplo, utilizam modelos de IA para prever a demanda do consumidor, otimizar os estoques e ajustar as estratégias de produção. Essa capacidade de antecipar o comportamento do consumidor tem implicações diretas na economia global, afetando a oferta e a demanda de produtos e serviços.

Entretanto, é essencial reconhecer que a ampla adoção da IA na economia global traz consigo desafios e preocupações.

Questões éticas, como a proteção de dados, o viés algorítmico e o impacto potencial na força de trabalho humana, precisam ser tratados com cautela e responsabilidade.

Em resumo, a Inteligência Artificial possui o potencial de revolucionar a economia global, disponibilizando avançadas ferramentas de análise, previsão e automação. Economistas podem se beneficiar enormemente da IA permitindo-lhes tomar decisões embasadas, otimizar políticas econômicas e aprofundar a compreensão dos mercados financeiros. No entanto, a utilização responsável e ética dessa tecnologia é fundamental para garantir que seus benefícios sejam distribuídos de maneira justa e equitativa. Parafraseando o famoso personagem da ficção científica, Isaac Asimov: “A IA é uma ferramenta poderosa, e é nosso dever usá-la para o bem de toda a humanidade.”

SEMANA DE QUATRO DIAS

Jornada menor testa produtividade

Empresas que aderiram ao “4 Day Week Global” esperam melhorar a vida de colaboradores sem ter prejuízos

Redação
Com Agências

Trabalhar de forma leve, feliz e produtiva é o desejo de milhares de profissionais, ainda mais conciliando a vida pessoal com a vida profissional. O conceito de um ambiente de trabalho mais saudável vem ganhando força junto com a discussão da “semana de quaro dias”, na qual a jornada de trabalho é reduzida sem afetar os salários recebidos pelos trabalhadores.

Apesar de parecer uma ideia nova, ela surgiu no início do século 20. Em 1926, quando o industrial britânico Sidney Webb propôs uma semana de trabalho de 30 horas para reduzir o desemprego. Tempos depois, o governo da Islândia implementou uma semana de trabalho de quatro dias de 35 horas como uma forma de economizar energia. A iniciativa vem sendo estimulada pelo estilo de vida contemporâneo, em que há uma intensidade digital que impede a separação da vida ‘profissional’ e ‘pessoal’ dos colaboradores.

No Reino Unido, por exemplo, cerca de 60 empresas testaram uma semana de trabalho de quatro dias em 2022 e os resultados foram positivos, os funcionários relatam aumento na produtividade, satisfação no trabalho e bem-estar mental. Um estudo da Universidade de Oxford descobriu que uma semana de trabalho reduzida poderia reduzir as emissões de carbono em até 22%.

Para Fernanda Mourão, especialista em novos modelos de trabalho e CEO Spacein, empresa de tecnologia para gestão de espaços, é importante enfatizar o equilíbrio entre vida pessoal e profissional. “Com a constante conectividade, tornou-se comum levar tarefas do trabalho para casa, e isso ocupa o tempo de descanso. A introdução da semana de trabalho de quatro dias tem sido uma maneira das empresas combaterem o estresse e o *burnout*, permitindo que os colaboradores tenham um dia adicional para se dedicar a questões pessoais e assim, aproveitarem verdadeiramente o fim de semana para descanso”, detalha a executiva.

Tendência mundial

A empresária acrescenta que a semana de quatro dias passou a ser vista como uma tendência relevante para o mundo empresarial e, fora do Brasil, já começa a ganhar escala, uma vez que as empresas têm percebido que essa é uma forma de melhorar a produtividade, a satisfação dos funcionários e também a sustentabilidade do planeta. “Sem dúvidas é um modelo que irá agregar aos formatos de trabalho que já existem: presencial, remoto, híbrido e flexível, o desafio das empresas será de organizar o modelo operacional e o trabalho de cultura corporativa”, salienta Fernanda.



Foto: Freepik

Conceito de um ambiente de trabalho mais saudável e menos focado nas pressões do dia a dia vem ganhando força entre instituições de vários países

Experiência piloto atrai 21 organizações no Brasil

No Brasil, desde o início deste mês, 21 organizações aderiram ao experimento da “4 Day Week Global”, uma comunidade sem fins lucrativos que realiza projetos-piloto como esse em diversos países do mundo, e pela parceira do projeto no Brasil, a Reconnect Happiness at Work. Entre elas, há empresas de consultoria, um hospital, produtoras de vídeo e conteúdo, editoras, um escritório de advocacia e um de arquitetura.

Ao todo, 400 funcionários serão impactados pelo teste, de cidades como Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Campinas e Porto Alegre.

A universidade americana Boston College elaborou a metodologia da iniciativa e cuidou das pesquisas antes do início do experimento, assim como de análises após três meses da implementação e ao fim do piloto. Segundo pesquisa da We-Work feita em parceria com

a Page Outsourcing, cerca de 73% dos brasileiros acreditam que ao trabalhar um dia a menos na semana é possível melhorar a produtividade e sua lealdade à companhia, especialmente pela redução do estresse.

Menos estresse

Com base nos textos já realizados ao redor do mundo, a “4 Day Week Global” mostra que as empresas participantes tiveram 68% de redução no esgotamento (fí-

sico e mental) dos colaboradores, um aumento de 36% em suas receitas, 42% de redução nas demissões, 54% no aumento na capacidade para o trabalho e 63% de facilidade para atrair talentos. Deives Rezende Filho, especialista em ética, diversidade, equidade e inclusão, e CEO da Condurú Consultoria, destaca que esse é o momento ideal para reimaginar o trabalho.

“É necessário que as empresas mudem o olhar

e adotem alternativas que atendam aos dois lados, tanto da organização quanto do colaborador. É importante que essa adaptação aconteça, pois somente desta forma é possível lidar com as novas expectativas dos trabalhadores. As empresas precisam parar de definir tudo por conta própria, sem ouvir seus colaboradores, pois regimes autoritários e inflexíveis não fazem parte do século 21 pós-pandemia”, diz.

Rendimento de funcionários é principal expectativa

Jayanne Rodrigues
Agência Estado

Para as empresas que aderiam à inicitiva a expectativa é que não haja redução da produtividade. O período de testes deve durar nove meses com divisão em três meses de planejamento e outros seis dedicados à execução. Durante esse período, as empresas vão ter acesso a cursos, treinamentos, palestras sobre produti-

vidade, diagnóstico organizacional das equipes e também acompanhamento individualizado.

Apesar de inédita no Brasil, a mudança já foi testada em países como África do Sul, Nova Zelândia, Portugal e Reino Unido. Neste último, com mesma carga horária de trabalho do Brasil, de até 44 horas por semana, os resultados do projeto-piloto se mostraram promissores.

Segundo os organi-

zadores, 39% dos participantes se sentiram menos estressados, e 54% consideraram mais fácil conciliar vida pessoal e profissional. Cerca de 15% dos empregados disseram ainda que não voltariam a uma semana de cinco dias, mesmo se houvesse aumento salarial. “Esse é um projeto de negócios. A grande questão aqui é trabalhar melhor e de forma mais inteligente. Temos um desafio no Brasil porque estamos falando

de um país em desenvolvimento”, afirma Gabriela Brasil, *head* de comunidade da “4 Day Week Global”.

Participantes

Das 21 organizações que aderiram ao projeto - a maioria de pequeno e médio portes -, apenas sete autorizaram divulgar seus nomes. Entre essas empresas, está a Haze Shift. A consultoria de inovação, que adota o modelo 100% remo-

to, vai testar a redução de 20% da jornada para todos os funcionários, um total de 20. “Não temos medo de mudar. Em termos de propósito, queremos nos conectar com quem está chegando ao mercado ou com quem está há muito tempo e está buscando essa carreira mais direcionada para a felicidade”, argumenta Maria Raicoski, *head* de operações da empresa.

Já o Hospital Indianópolis, em São Paulo, vai começar a testar a semana de quatro dias pelo departamento administrativo, com 20 funcionários, para depois avaliar se expande a experiência a outras áreas do hospital. Desde 2022, o hospital tem passado por um processo de modernização, incluindo a inserção de novas formas de trabalho.

A proposta inicial é eliminar a sexta-feira. Porém, é possível que aconteçam mudanças ao longo do experimento, segundo Eduardo Hagiwara, diretor-geral do Indianópolis. “Temos desafios para conseguir migrar para o departamento assistencial, que tem contato com o paciente e que trabalha com o corpo clínico. Então, vai demandar bastante estudo, discutindo para propor algo depois ao hospital inteiro”, diz Hagiwara.



Foto: Freepik

Para 54% dos participantes de iniciativas similares em outros países, ficou mais fácil conciliar vida pessoal e profissional

NA PARAÍBA

Radiotelescópio Bingo é ampliado

Projeto, liderado por pesquisadores brasileiros, vai tornar o país reconhecido mundialmente na pesquisa científica

Márcia Dementshuk
AscomSecties

A recente viagem à China da comitiva paraibana, liderada pelo governador João Azevêdo, com a presença do secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, além de secretários de outras pastas, reitores, cientistas e diretores de instituições de ensino e pesquisa da Paraíba e de São Paulo, abriu caminhos para a ampliação do radiotelescópio Bingo (Baryon Acoustic Oscillations from Integrated Neutral Gas Observations), que estará sediado em Aguiar, na Paraíba.

O Bingo é um projeto de colaboração internacional liderado por pesquisadores brasileiros, que vem apresentando impactos positivos em diversas áreas, e vai tornar o país reconhecido mundialmente na pesquisa científica. Após acordos firmados na viagem à China, o projeto foi ampliado e agora estará associado a trabalhos desenvolvidos por cientistas a partir do maior radiotelescópio do mundo, o Fast, e o TianLai, ambos chineses.

A nova fase do Bingo se chama Abdus, sigla para ‘Advanced Bingo Dark Universe Studies’ (“estudos avançados do universo escuro pelo Bingo”, em tradução literal). O projeto propõe uma extensão para o Bingo a partir do uso de tecnologias avançadas e da pesquisa científica, em conjunto com cientistas que trabalham nos radiotelescópios situados na China.

O coordenador-geral do projeto para a construção do radiotelescópio Bingo, o físico Élcio Abdala, da Universidade de São Paulo (USP), declara que este será o maior esforço científico na área de radioastronomia do planeta.

O Governo da Paraíba aportou R\$ 13 milhões no projeto, até o momento. O Bingo já obteve investimentos totais de cerca de R\$ 35 milhões advindos também do Governo de São Paulo, por meio da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo), do Governo Federal, por meio do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI/FINEP) e da China.

Ganhando características de um projeto Brasil-China, o Bingo/Abdus firma a colaboração internacional e poderá trazer respostas astronômicas desconhecidas da humanidade, até o momento. Élcio Abdala esclarece estes e outros pontos nesta entrevista. com o *trade* turístico, da participação em feiras e eventos nacionais, e do potencial turístico da Paraíba com a interiorização das ações.



Físico Élcio Abdala é coordenador-geral do projeto para a construção do radiotelescópio Bingo

Entrevista

■ *Após a viagem à China acompanhando a comitiva paraibana, quais as novidades para o projeto Bingo?*

Estamos trabalhando num projeto comum entre três radiotelescópios. O Bingo será estendido para observação de uma área maior dos céus e com maior profundidade e maior acurácia. Terá uma ação conjunta entre o Bingo, o Fast, o maior radiotelescópio do mundo, que nós visitamos, ao Sul da China, e o TianLai - o chamado “Som Celestial” - um observatório com uma técnica diferente, situado próximo da Mongólia interna o Fast. E o Bingo ou Abdus. Assinamos documentos de cooperação e, com isso, fazemos parte do maior observatório de radioastronomia do planeta.

■ *Em que fase está a construção do Bingo?*

A construção do Bingo está com partes avançadas, esperando apenas o resqúício de verbas por meio do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) para que seja colocada a fundação. Provavelmente, nos primeiros meses do próximo ano serão colocados os espelhos, o arcabouço metálico e as cornetas, que já estão prontas, e a parte eletrônica. E aí vamos partir para a parte científica dura nesse caso de observação.

■ *Como o senhor abreviaria a importância social do projeto Bingo/Abdus?*

Às vezes, um problema que parece restrito a uma área científica e que para a população não faz sentido, acaba sendo algo que agrega profundamente os empreendimentos humanos. Como explicar esses 95% de universo que nós não conhecemos e que é muito, né? Seria essa energia escura, vinte vezes mais do que nós sabemos hoje. Então a gente olha para os céus e podemos dizer: nós temos 20 vezes mais do que tudo isso que vemos de estrelas, cometas, galáxias, gases etc., etc., e não sabemos o que é.

■ *Os três telescópios vão estar tam-*

bém voltados para identificação das rajadas rápidas de rádio? (Eventos no cosmos que disparam enorme quantidade de energia).

Esta é a ideia, o que vai ser importante na cosmologia. Com o Abdus, que é o Bingo avançado, de alta resolução, nós vamos poder observar ao mesmo tempo que os outros telescópios, em uma zona comum e incomum dos três telescópios, então nós vamos poder dizer exatamente qual é a origem da rajada. Isso tem um impacto muito grande, da sua descrição astrofísica. Vamos entender melhor o que está formando esta quantidade tão grande de energia que sai pelo espaço e também as consequências cosmológicas. Poderemos determinar a estrutura do cosmos nesta região intermediária entre nós e a origem das rajadas.

■ *Mais profundamente, quais as consequências científicas desses estudos?*

Isso tem consequências nos parâmetros cosmológicos, nas equações de Einstein, na própria origem da matéria do universo. Esses estudos deverão não só confirmar a teoria de Einstein, mas também vai falar do outro lado da equação de Einstein que são a origem material da gravitação. Hoje, o material da gravitação nos dá um interplay, uma comunicação entre as equações de Einstein, portanto a gravitação, e a teoria das partículas elementares. Esse é um dos maiores problemas científicos hoje, na explicação da ciência fundamental: o que é, do que é feita a energia escura.

■ *E o que é o Abdus? Ou, o Bingo/Abdus?*

O Abdus é uma extensão do Bingo, o Bingo avançado. Nós teremos uma técnica mais avançada em termos de eletrônica, em termos de antenas para suplementar as observações do Bingo. Atualmente, as observações do Bingo são através de cornetas muito grandes. O Abdus terá observatórios menores,

“
O Bingo será estendido para observação de uma área maior dos céus e com maior profundidade e maior acurácia

Élcio Abdala

mais potentes e mais precisos. É um projeto do qual somos coproprietários, em colaboração com cientistas da Holanda.

■ *Pode falar brevemente sobre essa tecnologia?*

São pequenas antenas em fase, umas com as outras, chamadas “phasedarray”. São grades em fase usadas, nesse caso, para olhar o universo. Como elas estão em fase, têm uma informação mais detalhada, mas precisam também de uma eletrônica muito mais sofisticada que está sendo desenvolvida em colaboração com um laboratório da Holanda e outro da França. Como isso vai estar em justaposição com o Bingo atual, nós resolvemos dar um nome ao conjunto inteiro, ou seja, o Bingo mais os adicionais avançados de Abdus que seriam o “Advanced Bingo Dark Universe Studies”.

■ *De que forma esses radiotelescópios se complementam?*

Da Paraíba, o Bingo/Abdus está olhando numa determinada faixa para o céu, entre 15 ou 22 graus, próximo da linha do Equador. O Tianlai olha para outra área, a partir do norte da China, próximo à Mongólia, e alcança uma faixa de cerca de 40 graus. E o Fast, ao su-

doeste da China, complementa com outra visão também com amplitude de 40 graus, mais ou menos, para os céus. Com o Bingo alta resolução nós abrimos a nossa observação que aumentará para mais 40 graus de cada lado; então nós abrimos para o Sul, onde não há a captação por nenhum equipamento, e vamos ao Norte numa região que se sobrepõe ao Fast e ao TianLai.

■ *Então, os equipamentos vão captar regiões em comum e outras singulares?*

Eles são suplementares no momento. Assim como TianLai, que vai olhar uma região em comum e outra singular. Os três ao mesmo tempo vão ser capazes de olhar quase todo o céu disponível e com uma região em comum, o que é importante na pesquisa.

■ *Por que é importante ter uma região em comum?*

Porque eles olham com acurácias e com profundidades diferentes. O Bingo/Abdus, principalmente o Abdus, vai ser capaz de dizer exatamente de onde veio a informação dos céus. O Fast vai ter mais precisão que vai olhar essas mesmas coisas com uma outra técnica. Então eles vão se suplementar. Com isso, nós vamos ter uma informação científica muito mais precisa e muito mais abrangente, com um grau e uma força de observação muito maiores.

■ *E isso torna o projeto o maior esforço científico de observação por meio de radiotelescópio?*

Assim que estivermos prontos será o maior do planeta. Só como Bingo/Abdus nós já estamos ao mesmo nível científico do SKA (“Square Kilometre Array”), um projeto bilionário que tem 30 anos e ainda não foi pronto. Nós vamos terminar primeiro. Com o TianLai e o Fast nós esperamos ser os primeiros a obter e trabalhar informações astronômicas sem resposta na humanidade, até o momento.

■ *De onde veio a inspiração para o nome “Abdus”?*

Vem da atuação do professor Abdus Salam, uma pessoa que eu admirei muito na minha vida científica, ele já é falecido. Ele foi ganhador do prêmio paragens Nobel, fundou instituições de pesquisa e foi uma pessoa que trabalhou para divulgação da ciência em outras regiões. Ele era paquistanês, foi para a Inglaterra e fez a sua carreira ali, mas espargiu a ciência para aquilo que se chamava “Terceiro Mundo”. Ele formou gerações fora do eixo Europa-Estados Unidos.

■ *Quais as instituições científicas parceiras no projeto?*

A Universidade Jiao Tong é a parceira em Xangai, Universidade Yang Zhou - Universidade de Ciência e Tecnologia da China (em Hefei), 200 km ao norte de Xangai. A CETC 54, empresa chinesa que está construindo uma parte das cornetas (antenas) e na Holanda, a nova tecnologia está sendo trabalhada pela Astron. E no Brasil trabalhamos com cientistas da USP, Inpe, UFCC e o IFPB está sendo agregado.

■ *Como esse processo está impactando o crescimento das universidades?*

Na USP estou tratando para termos um “espaço mental” um pouquinho maior (mais pesquisadores), estamos fazendo pedido de continuidade do projeto à Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa de SP). Temos um grupo muito bom de pesquisadores entre estudantes e professores; o grupo do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisa Espacial), um grupo enorme na Paraíba. Na Paraíba o impacto foi muito grande, o acolhimento ao projeto foi bastante maiúsculo. Há planos, pela USP e pela Paraíba, de enviar estudantes à Holanda para aprender a tecnologia e que retornem para ensinar. Virão os protótipos para o Brasil e teremos que ter especialistas aqui que saibam operar os equipamentos. São equipamentos que terão múltiplos usos, não só para o uso em radioastronomia.

COMPENSAÇÃO

Controle do impacto ambiental na PB

Com base na legislação, diversas ações são implantadas para promover o equilíbrio nas cidades e na natureza

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

O controle de impactos ambientais é um requisito previsto na legislação brasileira e que se torna cada vez mais necessária a fiscalização eficiente, devido ao número crescente da construção de fábricas, indústrias, condomínios e outros empreendimentos em áreas ambientais ou próxima delas, que causam preocupação aos diversos órgãos e autoridades. Para tentar amenizar esses impactos, a compensação ambiental, prevista em lei, se coloca como meio profícuo. Ela visa imprimir um benefício proporcional ao dano que já foi causado ou que poderá vir a acontecer dentro do planejamento da edificação e funcionamento do estabelecimento. Atualmente, na Paraíba, segundo a Superintendência de Administração do Meio Ambiente–Sudema, existem 15 Unidades de Conservação (UC) sob gestão do Estado, um exemplo de compensação previsto em lei, imposto aos que provocam os impactos ambientais.

Hoje, na Sudema, existem duas execuções de compensações: as reformas no Jardim Botânico Benajmin Maranhão e no Monumento Natural do Vale dos Dinossauros. Elas estão passando por cuidados com recursos provenientes de compensações ambientais.

“Há ainda, em fase de projeto, com Termo de Compromisso de Compensação Ambiental assinado, o plano de sinalização para a APA de Tambaba, e previsão do aporte de recursos de compensação para a construção da sede, sinalização e estruturação do Parque Estadual da Pedra da Boca e sinalização para a Área de Proteção Ambiental do Cariri”, explicou a presidente da Câmara de Compensação Ambiental da Sudema, Natália Pessoa.

Ela destacou também que no órgão estão outros processos abertos, nos mais diversos status, como em fase de análise do valor de investimento para o cálculo do valor de compensação; em elaboração de Termo de Compromisso de Compensação Ambiental (TCCA); e em fase de elaboração de plano de trabalho para a aplicação desses recursos segundo a necessidade da gestão das unidades.

De acordo com a Sudema, o processo para mitigar os danos se inicia com o enquadramento do empreendimento, verificando se ele é de grande potencial poluidor ou de porte extraordinário, o qual terá necessidade de elaboração de Estudo de Impacto Ambiental, para seu licenciamento. Depois disso, os empreendimentos assim enquadrados terão a obrigatoriedade de cumprimento de equivalência ecossistêmica.



No conjunto habitacional Aluizio Campos, no bairro de Ligeiro, em CG, 250 mudas de árvores foram plantadas para mitigar o impacto da obra com 4,1 mil casas e apartamentos

Proteção

A compensação ambiental foi instituída por lei em 2000 e é um importante instrumento para o fortalecimento e preservação das Unidades de Conservação

Compensações em áreas públicas de CG

Em Campina Grande a Coordenaria de Meio Ambiente informou que, em 2022, foram realizados 197 procedimentos de compensação ambiental. Todavia, este ano o quantitativo já é de 258. “Essas compensações não são apenas para quem já cometeu algum crime ambiental. Mas, por exemplo, a quem retirou árvores sem autorização”, disse a coordenadora do município, Lilian Arruda.

Aos que promoveram danos ou precisam dessa documentação, o órgão em Campina Grande tem atuado solicitando contrapartida para reduzir os prejuízos. Entre os pedidos feitos, estão grades de madeira para árvores, mudas de plantas nativas ou recuperação/criação de áreas verdes, ração para gatos e cachorros com tabela nutricional. “Tudo depende da área a ser compensada ou que foi degradada e quais espécies vegetais foram suprimidas”, acrescentou Lilian.

Na Rainha da Borborema, uma das áreas beneficiadas com a compensação ambiental foi o conjunto habitacional Aluizio Campos, no bairro do Ligeiro, às margens da BR-104. No local foram construídos a partir de 2018, 4,1 mil casas e apartamentos, além de equipamentos comunitários, ocupando cerca de 110 hectares. Para mitigar os impactos no espaço, foram plantadas cerca de 250 árvores e o compromisso da continuidade de um projeto de arborização.

Ação do Ministério Público

Em 2022, um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado pela Promotoria de Justiça de Catolé do Rocha, Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) e a empresa Cril Empreendimento Ambiental LTDA propiciou a entrega de computadores que vão beneficiar alunos da rede pública de Belém de Brejo do Cruz.

O objetivo do acordo foi a regularização do funcionamento do aterro sanitário da Cril Empreendimento, localizado em Belém de Brejo do Cruz. De acordo com o promotor Italo Macio de Oliveira Sousa, a empresa fez a entrega dos 25 computadores à Prefeitura de Belém do Brejo do Cruz, que serão distribuídos entre as escolas públicas do município. Essa entrega serviu de compensação civil ambiental pelos danos causados em razão do recebimento dos resíduos sólidos domiciliares sem a licença correspondente da Sudema.

Já em 2021, o Ministério Público da Paraíba celebrou, um Termo de Compromisso Ambiental (TCA) com a produtora de cimento InterCement Brasil S/A, visando também compensar integralmente os impactos materiais e morais difusos imputados às atividades da cimenteira, estabelecida no bairro da Ilha do Bispo, na capital, bem como sua adequação à legislação vigente.

A Intercement se comprometeu a fazer um investimento de R\$ 4,5 milhões, que inclui a doação de dois terrenos ao município e a construir e equipar um galpão de reciclagem para catadores. O acordo contou com interveniência e anuência do município de João Pessoa.

Conforme o promotor de Justiça, em 2007, foram instaurados os inquéritos civis

depois que o órgão recebeu um abaixo-assinado com mais de 300 assinaturas, noticiando a poluição ambiental por parte da atividade industrial na Ilha do Bispo, que estaria causando grandes transtornos aos moradores e comerciantes circunvizinhos.

Lei de compensação

A compensação ambiental instituída na forma do art. 36 da Lei Nº 9.985, de 18 de julho de 2000, e regulamentada pelos artigos 31 a 34 do Decreto Nº 4.340, de 22 de agosto de 2002, é um importante instrumento para o fortalecimento do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

Esse mecanismo não tem por objetivo compensar impactos do empreendimento que a originou em determinada localidade, mas sim compensar a sociedade e o meio ambiente como um todo, pelo uso autorizado de recursos naturais por empreendimento de significativo impacto ambiental, “assim considerado pelo órgão ambiental competente, com fundamento em estudo de impacto ambiental e respectivo relatório - EIA/RIMA” (Brasil, 2000).

Essa contrapartida de compensação consiste na obrigação de apoiar a implantação ou a manutenção de unidades de conservação do Grupo de Proteção Integral ou, no caso de ser afetada ou em virtude do interesse público, também daquelas do Grupo de Uso Sustentável, sendo que neste último caso, a Unidade de Conservação (UC) beneficiária deve ser de posse e domínio público.



Belo busca a reação em Belém

Botafogo volta a jogar fora de seus domínios contra o Paysandu e com obrigação de pontuar no quadrangular



Foto: Cristiano Santos/Botafogo



Registro de treinamento durante a semana na Maravilha do Contorno para o jogo contra o Paysandu, neste domingo, pela terceira rodada do quadrangular decisivo da Série C

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O Botafogo entra em campo, hoje, para enfrentar o Paysandu-PA, a partir das 16h, no Estádio Mangueirão, em Belém, em duelo válido pelo complemento da 3ª rodada do Grupo C no quadrangular final da Série C. O Belo terá de pontuar fora de casa para não se distanciar da zona de classificação para o acesso à Série B na próxima temporada.

Num confronto marcado pelo equilíbrio, as equipes entram em campo em situações opostas. Tanto o Paysandu-PA quanto o Botafogo disputaram seus jogos como visitantes na última rodada, com o Papão da Curuzu vencendo o Amazonas-AM e o Botafogo sendo derrotado por 2 a 1 para o Volta Redonda-RJ.

O alvinegro iniciou a rodada na 3ª colocação com três pontos conquistados. Em 15 partidas disputadas na história do duelo, todas por competições nacionais, o Belo venceu, empatou e perdeu cinco vezes contra o Paysandu-PA. Em duelo marcado pelo equilíbrio, o Botafogo terá de buscar pontos fora de casa para não se distanciar da zona de acesso à Série B.

“Faltam quatro jogos para definirmos a nossa situação e o próximo foco passa a ser esse confronto contra o Paysandu-PA. São poucos jogos, então, temos que minimizar as margens de erros, sabemos da importância da partida e temos de colocar em prática tudo que o grupo propôs, para buscar um resultado positivo”, destacou o meia Renatinho.

Para encarar os paraenses, o clube terá pelo menos dois desfalques cer-

tos. O atacante Bismarck sofreu uma lesão ligamentar no joelho esquerdo na partida contra o Volta Redonda-RJ, com isso o atleta deve desfalcar o clube para o restante da temporada. A outra baixa é o técnico Felipe Surian que estará ausente após expulsão após o confronto contra o Volta Redonda-RJ. Quem vai comandar o grupo é o auxiliar técnico, Vinícius Xavier.

O confronto pode definir o futuro do Paysandu na temporada de 2024, isso porque uma vitória contra os paraibanos fará o Papão chegar aos sete pontos, abrir vantagem e ficar muito próximo do acesso à Série B. O técnico Hélio dos Anjos definiu a partida como uma das mais importantes da carreira. O comandante assumiu o clube às vésperas da 11ª rodada, quando o clube ainda flertava com o rebaixamento. De lá para cá são 11 jogos, sendo seis vitórias, três empa-

tes e duas derrotas. “Sabemos o que o Botafogo-PB representa para a nossa preocupação. Temos que ter maior concentração e tranquilidade, pois vamos enfrentar realmente um adversário que deu liga. Mas tenho confiança que com 45, 50 mil pessoas e nós envolvidos com o objetivo do clube, vamos fazer uma grande atuação. Emocionalmente, o jogo é lá em cima, vejo com um dos jogos mais importantes da minha vida”, disse.

Quem vai comandar o 16º confronto entre cearenses e paraibanos será o quarteto paulista tendo João Vitor Gobi na arbitragem central, Anderson José de Moraes Coelho e Diego Morelli de Oliveira nas assistências, além de Ilbert Estevam da Silva na arbitragem reserva. O também paulista José Cláudio Rocha Filho ficará responsável pela arbitragem de vídeo.

Foto: Cristiano Santos/Botafogo



No primeiro turno do Brasileiro da Série C, o Botafogo venceu por 3 a 2, no Almeidão

Na primeira fase, o Botafogo levou a melhor sobre o Papão

No dia 27 de junho deste ano, no Almeidão, Botafogo e Paysandu fizeram um jogo eletrizante e decidido nos acréscimos da partida, numa virada espetacular do time paraibano. O Papão esteve à frente do placar em duas oportunidades com Bruno Alves, que fez 1 a 0 e Mário Sérgio no 2 a 1, gols em tempos de jogo diferente, mas o Botafogo estava numa noite inspirada e primeiro empatou com Gabriel(contra), e depois com Pedro Carrerete e chegou ao terceiro gol aos 50 minutos do segundo tempo com Rogerinho.

Agora as equipes vão se enfrentar em mais duas oportunidades, a primeira neste domingo, em Belém, e a segunda no dia 24, agora no Es-

tádio Almeidão, confrontos que podem definir a situação dos dois clubes na briga pelo acesso.. Segundo o conselheiro e historiador do Botafogo, Raimundo Nóbrega, o primeiro jogo entre as equipes aconteceu em 17 de outubro de 1979 quando o Paysandu derrotou o Botafogo por 4 a 2, pela Série A do Campeonato Brasileiro, no Estádio Alacid Nunes, em Belém com Noé Silva e Cabral marcando para o Belo e Roberto Bacuri, três vezes e André para o Papão.

Pela Série C do Campeonato Brasileiro, Botafogo e Paysandu já se enfrentaram 10 vezes a partir de 2014. Há um grande equilíbrio, com quatro vitórias para o Botafogo, três empates e três vitórias para o Paysandu.

FUTEBOL FEMININO

Equipes intensificam os treinamentos

Paraibano começa no dia 7 de outubro com 13 clubes, e o VF4 vai em busca de conquistar o terceiro título consecutivo

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Com a proximidade do início do Campeonato Paraibano Feminino, as equipes intensificam os treinos focando no melhor desempenho. A competição, que tem início no dia 7 de outubro, vai contar com 13 equipes, três a mais que no ano passado. Os times, divididos em grupos A e B, farão jogos só de ida dentro do grupo, com os dois melhores colocados de cada seguindo para a semifinal. Assim como no ano passado, as semifinais e a final serão disputadas em jogo único, sendo o mandante o time que tiver a melhor fase, somadas todas as demais. O Campeonato Paraibano Feminino 2023 assegura vaga na Série A3 do Campeonato Brasileiro.

Guilherme Paiva, treinador do VF4, tem a missão de conquistar o tricampeonato. Manter a hegemonia conquistada pela equipe não é fácil, inclusive quando os recursos são limitados. “Este ano temos um grupo mais reduzido, com uma folha salarial mais baixa, realmente ainda mais um desafio de seguir com a hegemonia do futebol paraibano com um investimento menor”.

Desafio que não desanima, muito pelo contrário, as atletas do VF4 estão focadas, como assegura Guilherme Paiva. “Um time também muito qualificado, assim como os outros, e a gente tá animado pra competição, trabalhando forte e firme”. O retorno de Laura, artilheira do Paraibano do ano passado com 10 gols, é uma das cartas na manga da equipe. A jogadora, que estava no Bahia, já está treinando para o Estadual.

No Kashima, os treinos estão acontecendo duas vezes ao dia. “Treino físico e também com a bola, dentro de campo”, destaca Marcos Lima, presidente da equipe. A expectativa é de estreiar bem no campeonato e para isso a equipe está contando com reforços. “São 28 jogadoras ao todo. Temos 11 jogadoras de fora alojadas e outras cinco vindo de Bahia, Sergipe e Ceará. Nos preparativos para uma boa estreia”, ponderou.

No Grupo A estão o VF4, Kashima, Marretinha, Desportiva Guarabira, Liga de Guarabira, Serrano e 13 de Maio. No B estão as equipes do Mixto, Botafogo-PB, Guará, Femar, Atlético Pessoense e Liga de Santa Rita.

Kashima

Clube já montou o elenco com 28 jogadoras e elas estão treinando duas vezes por dia com atividade física num período e com bola no outro para fazer bonito no Paraibano



Com elenco reduzido e dificuldades financeiras, o VF4 já iniciou os treinamentos com o objetivo de manter a hegemonia no futebol feminino na Paraíba

Foto: Divulgação/VF4

PARATAEKWONDO

Silvana Fernandes vai disputar o Mundial, no México

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

A paraibana Silvana Fernandes, 24 anos, embarcou, ontem, para o México onde disputa um Grand Prix, além do Mundial de Taekwondo Paralímpico. A atleta, primeira do ranking na classe K44 (para atletas com amputação unilateral) compete na categoria -57 quilos. As disputas acontecem entre 19 e 24 de setembro, na cidade de Vera Cruz.

“Mesmo com o primeiro semestre tendo poucas competições, a gente manteve o foco no treinamento intensivo. A gente manteve o trabalho pra chegar ao Mundial mais forte ainda e tentar esse bicampeonato”, comentou a atleta que foi campeã mundial em 2021 e bronze nas Paralimpíadas de Tóquio 2020. Até o mês de dezembro serão disputadas mais duas etapas de Grand Prix, passando por China e Inglaterra. Todos os torneios distribuem pontos para o ranking sendo fundamentais para a obtenção



Foto:Reprodução/Instagram

da vaga para os Jogos Paralímpicos de Paris 2024.

Silvana acabou de conquistar um ouro no Grand Prix da França, realizado no início do mês. A Seleção Brasileira de Taekwondo conquistou ao todo sete medalhas, sendo dois ouros e cinco bronzes.

Natural do município de São Bento, no Sertão do estado, e residente em João Pessoa, Silvana começou no paradesporto de alto rendimento aos 15 anos, praticando atletismo e lançamento de dardo. O taekwondo teve início em 2018 e a primeira convocação para a Seleção Brasileira aconteceu no ano seguinte.

■ Silvana Fernandes aprimorando a forma física antes de viajar para a competição no México

THE BEST FIFA

Lista de indicados tem só um brasileiro

Apenas o goleiro Ederson, do Manchester City, concorre ao prêmio cuja votação se encerra no dia 6 de outubro

A Fifa está mais uma vez se preparando para coroar os principais jogadores do futebol feminino e masculino na cerimônia The Best Fifa Football Awards 2023, com uma lista de indicados repleta de estrelas. Torcedores de todo o mundo podem votar para os destaques da temporada: The Best Fifa - Melhor Jogador e Jogadora, The Best Fifa - Melhores Treinadores no masculino e no feminino, The Best Fifa - Melhores Goleiro e Prêmio Torcedor da Fifa. A votação será encerrada à meia-noite (CET) do dia 6 de outubro (19h de Brasília no dia 5). A cerimônia de entrega dos prêmios ainda não tem data.

As estrelas de uma Copa do Mundo Feminina da Fifa 2023 que quebrou recordes estão no páreo pelo prêmio The Best Fifa - Melhor Jogadora. Vencedora da Bola de Ouro adidas em Sydney, Aitana Bonmati é uma das quatro jogadoras espanholas na disputa. Quatro da vice-cam-



Foto: Lucas Figueiredo/CBF

Ederson concorre ao prêmio, que ainda tem Courtois, Bounou, Andre Onana e Ter Stegen na disputa pelo título de melhor goleiro

peã Inglaterra e três Matildas – que quase chegaram à final em casa – também fazem parte de uma lista de 16 jogadoras. Seis dos 12 indicados ao prêmio The Best Fifa - Melhor Jogador fizeram parte elenco do Manchester City que conquistou a Tríplice Coroa. Da mesma forma, Pep Guardiola concorre a The Best Fifa - Melhor Técnico no masculino e Ederson concorre a The Best Fifa - Melhor Goleiro.

Na categoria The Best Fifa - Melhor Treinador(a) no feminino, as vencedoras de 2021 e 2022 – Emma Hayes e Sarina Wiegman – estão novamente indicadas em meio a um quinteto.

As indicações para The Best Fifa - Melhor Goleira são dominadas por aquelas que brilharam na Austrália e na Nova Zelândia durante julho e agosto. A vencedora da Luva de Ouro, Mary Earps, é acompanhada pela medalhista de ouro Catalina Coll, entre sete nomes.

Veja a relação dos jogadores, técnicos e torcedores que estão concorrendo ao prêmio da Fifa

■ Melhor Jogadora

- Aitana Bonmati
- Linda Caicedo
- Rachel Daly
- Kadidiatou Diani
- Caitlin Foord
- Mary Fowler
- Alex Greenwood
- Jennifer Hermoso
- Lindsey Horan
- Amanda Ilestedt
- Lauren James
- Sam Kerr
- Mapi Leon
- Hinata Miyazawa
- Salma Paralluelo
- Keira Walsh

■ Melhor Jogador

- Julian Álvarez
- Marcelo Brozovic
- Kevin De Bruyne
- Ilkay Gundogan
- Erling Haaland
- Rodri
- Khvicha Kvaratskhelia
- Kylian Mbappé
- Lionel Messi
- Victor Osimhen
- Declan Rice
- Bernardo Silva

■ Melhor Treinadora

- Peter Gerhardsson
- Jonatan Giraldez
- Tony Gustavsson
- Emma Hayes

Sarina Wiegman

■ Melhor Treinador

- Pep Guardiola
- Simone Inzaghi
- Ángel Postecoglou
- Luciano Spalletti
- Xavi
- Melhor Goleira
- Mackenzie Arnold
- Ann-Katrin Berger
- Catalina Coll
- Mary Earps
- Christiane Endler
- Zecira Musovic
- Sandra Panos Garcia-Villami

■ Melhor Goleiro

- Yassine Bounou

Thibaut Courtois

- Ederson
- Andre Onana
- Marc-Andre ter Stegen

■ Prêmio Torcedor FIFA

- Torcedor do Club Atlético Colón
- Fran Hurdall
- Miguel Ángel, torcedor do Millonarios

O período de avaliação dos indicados nas categorias do futebol feminino foi de 1º de agosto de 2022 a 20 de agosto 2023, a data da final da Copa do Mundo Feminina da FIFA. No futebol masculino, o período de avaliação foi de 19 de dezembro de 2022 a 20 de agosto de 2023. A votação para o Prêmio FIFA Puskás, que será entregue ao marcador do melhor gol entre 19 de dezembro de 2022 e 20 de agosto de 2023, vai começar em 21 de setembro.

‘CINGAPURAGATE’

Nelsinho não vê mais motivos para falar sobre o acidente

Agência Estado

Nelsinho Piquet ganhou destaque no noticiário recentemente por um motivo indigesto. A volta da discussão sobre o "Cingapuragate", acidente proposital que beneficiou o então companheiro de Renault na Fórmula 1, o espanhol Fernando Alonso, é pauta judicial levantada por Felipe Massa, prejudicado na temporada 2008 por isso. Entretanto, Nelsinho assume postura alheia à discussão, reiterando que a história "não tem a ver com ele".

Em entrevista ao Estadão, o piloto da Crown Racing, da Stock Car, evitou entrar a fundo no caso. Nelsinho repetiu que não julga Felipe Massa por ser uma "questão pessoal". "Não tem muito o que eu falar. Não vou julgá-lo. Nunca fui próximo, nunca fui amigo dele (Massa). Porém, não posso julgar o que está passando na cabeça dele. O que falaram para ele. Se ele sabe alguma coisa que os outros não sabem... Isso é pessoal dele. Se ele sente que tem que fazer, que faça. Não estou na pele dele para sentir o que ele está passando", disse o piloto.

Ainda não há uma ação formal correndo na Justiça. A Federação Internacional de Automobilismo (FIA) e a F-1 pediram um prazo maior para responderem uma demanda inicial dos advogados de Massa, o que foi aceito pela equipe do piloto brasileiro. O retorno deve acontecer em outubro. Um acordo não está descartado entre as partes.

Historicamente, tanto a federação quanto a própria F-1

evitam batalhas desgastantes nos tribunais e optam por acordos, geralmente sigilosos. Se a FIA e a F-1 não derem um retorno no novo prazo, ou não sugerirem um acordo, a equipe de Massa formalizará a ação na Justiça.

Questionado sobre depor a favor do compatriota, Nelsinho acredita que não seria necessário: "Eu não tenho muito por quê. Tudo foi dito. Foi uma audiência pública. Todo mun-

do sabe exatamente o que aconteceu. Não foi uma coisa fechada, secreta. Tenho certeza que os advogados dele têm os relatos com tudo que foi dito na época. Não teve nada que ficou para trás. Não tem o que adicionar sobre isso".

O piloto também classificou o caso como algo "resolvido". "É uma coisa que passou, 15 anos atrás. Foi resolvida. Para ele (Massa), ele acha que não. Mas, para mim, passou.

Tive que botar para trás isso. Mudou minha vida, mas não tem muito o que fazer." Em uma última frase, Nelsinho afirmou não ter "nada a ver com a história". "Aí o problema é entre o Felipe e ele (Flávio Briatore, ex-chefe da equipe Renault)."

Briatore foi quem ordenou a Nelsinho que ele batesse de forma intencional a fim de beneficiar o companheiro de equipe com a entrada do safety car.

O que é o "cingapuragate"?

Na 12ª volta do GP de Cingapura, em 2008, Fernando Alonso, na época na Renault, entrou nos boxes para a primeira parada. O piloto espanhol havia saído em 15º lugar e parou de modo prematuro. Duas voltas depois, Nelson Piquet Jr., também da Renault, escorregou a traseira do carro na saída de uma curva e chocou-se com a lateral da pista. A batida foi em um ponto em que era necessária a intervenção do safety car para a remoção da Renault de Nelsinho.

Enquanto os rivais faziam seus pit stops, Alonso, que já havia parado, ganhou a liderança. O espanhol conseguiu uma vitória para a Renault depois de dois anos na seca. Somado a isso, a Ferrari fez uma parada desastrosa com Felipe Massa, que saiu do box com a mangueira de abastecimento ainda no carro. O brasileiro, que havia feito a pole, foi punido por quase atingir Adrian Sutil e ainda teve de parar com um pneu furado, o que lhe deixou em 13º no fim da corrida. Hamilton, campeão daquele ano, ficou em terceiro, somando seis pontos.

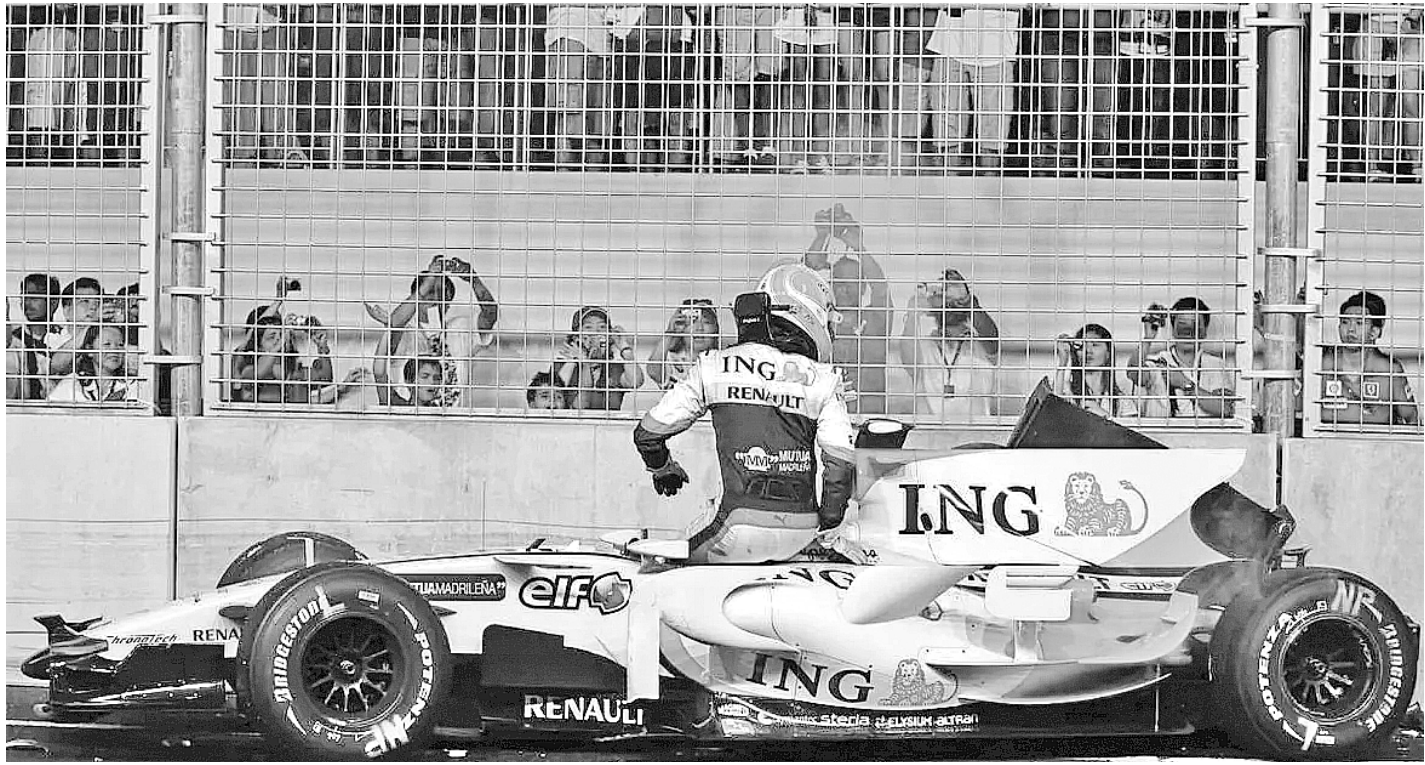


Foto: Reprodução/Motor1.com

Nelson Piquet., da Renault, escorregou a traseira do carro na saída de uma curva e chocou-se com a lateral propositalmente

FLAMENGO X SÃO PAULO

Começa a decisão da Copa do Brasil

Primeiro jogo acontece, hoje, às 16h, no Maracanã, e a volta está programada para o dia 24, no Morumbi

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Foto: Rubens Chiri/São Paulo FC

Flamengo-RJ e São Paulo-SP iniciam, hoje, a partir das 16h, no Estádio Maracanã, no Rio de Janeiro-RJ, o primeiro duelo da final da Copa do Brasil de 2023. As equipes chegam como donas das duas melhores campanhas entre todos os 92 clubes que iniciaram a disputa da competição, com o rubro-negro buscando o quinto título e o tricolor correndo em busca de sua primeira taça do torneio. O duelo vai marcar a sexta final disputada entre os clubes.

De acordo com o site de estatísticas ogol.com.br, Flamengo-RJ e São Paulo-SP já se enfrentaram 113 vezes, sendo 43 vitórias são paulinas, 32 empates contra 38 vitórias flamenguistas. No entanto, em se tratando de confrontos por competições oficiais, é o Flamengo-RJ quem leva a vantagem.

Em 1993, o São Paulo-SP levou a melhor na final da Supercopa da Libertadores, na temporada de 1996, os clubes disputaram duas finais com o título para cada. O Flamengo-RJ venceu a Copa Ouro e o São Paulo-SP ficou com a Copa dos Campeões Mundiais. Em 1997, o Rubro-negro deu troco e venceu o Tricolor pela final da mesma competição. Na última final disputada pelos clubes, melhor para o Flamengo-RJ, a equipe carioca conquistou o título da Copa dos Campeões, em 2021, com o primeiro jogo da final sendo disputado no Estádio Almeidão, em João Pessoa. Dessa forma, o Rubro-negro leva a vantagem de três vitórias contra duas do Tricolor em confrontos por competições oficiais.

Pela Copa do Brasil as equipes já se enfrentaram em dois mata-mata, estando o confronto empatado em 1 a 1. Em 2020, o São Paulo-SP venceu os dois confrontos das quartas de final, mas acabou eliminado para o Grêmio-RS na semifinal. Em 2022 foi a vez do Flamengo-RJ vencer os dois jogos do confronto da semifinal para conquistar a competição em cima do Corinthians-SP. O terceiro confronto entre as equipes pela competição vai além de uma classificação e nessa edição, em especial, vale o título da competição.

A campanha que trouxe o Flamengo-RJ a sua 9ª final da competição é marcada por um retrospecto de seis vitórias, um empate e uma derrota. O clube iniciou a disputa na 3ª fase e logo sendo surpreendido com uma derrota por 2 a 0 para o Maringá-PR, mas conseguiu reverter o placar no jogo da volta com uma goleada por 8 a 2. Atual campeão da competição, o rubro-negro ainda eliminou o Fluminense-RJ (oitavas de final), Atlético-PR (quartas de final) e Grêmio-RS (semifinal) para buscar o pentacampeonato contra o tri-



color. O Mengão venceu as edições de 1990, 2006, 2013 e 2022, se vencer essa edição vai se igualar ao Grêmio-RS como o segundo maior vencedor da competição.

O São Paulo-SP volta a disputar uma final pela competição após 22 temporadas. Na única decisão disputada contra o Cruzeiro-MG em 2000, as equipes empataram sem gols no Morumbi, em São Paulo-SP. No Mineirão, em Belo Horizonte-MG, o tricolor abriu o placar com um gol de Marcelinho Paraíba, mas sofreu a virada aos 45 minutos do segundo tempo, perdendo o título daquela edição. Agora na temporada de 2023, o clube tem mais uma chance para conquistar o título inédito.

Para chegar à disputa de sua segunda final, o São Paulo-SP eliminou o Ituano-SP na 3ª fase da competição, mas foi nas oitavas de final contra o Sport-PE, o avanço mais dramático. Na primeira partida disputada em Recife-PE, vitória são paulina por 2 a 0. Já em São Paulo-SP, o Rubro-negro pernambucano surpreendeu e venceu por 3 a 1, levando a decisão para os pênaltis, vencida pelo tricolor. O São Paulo-SP ainda deixou pelo caminho os rivais paulistas Palmeiras e Corinthians, nas quartas de final e semifinal, respectivamente.

Quem vai comandar a arbitragem deste primeiro confronto da final da Copa Brasil será o gaúcho Anderson Daronco. Ele vai ser auxiliado por Guilherme Dias

Camilo (MG) e Nailton Junior de Sousa Oliveira (CE). O quarto árbitro será Savio Pereira Sampaio (DF). O duelo final que definirá o grande campeão da edição de 2023 está agendado para o próximo domingo (24), às 16h, no Estádio Morumbi, em São Paulo-SP.

■ O São Paulo ainda não conseguiu ser campeão dessa disputa. Já o Flamengo tem quatro títulos

Michel Araújo, do São Paulo, protege a bola diante da marcação de Ayrton Lucas, do Flamengo, em jogo pelo Brasileirão deste ano

Cruzeiro é o maior vencedor do torneio, com seis conquistas desde a criação em 1989

Disputada desde 1989, a Copa do Brasil é uma das principais competições do calendário do futebol brasileiro. Com 92 participantes por edição em seu atual formato, o torneio é um dos mais democráticos do país, contando com equipes de todos os 26 estados e de todas as divisões do futebol nacional.

Cruzeiro (6) e Grêmio (5) são os principais campeões da Copa do Brasil, que ainda tem Palmeiras e Flamengo empatados com quatro conquistas cada um. A última edição foi conquistada justamente pelo rubro-negro carioca, que bateu o Corinthians na grande decisão.

A Copa do Brasil atualmente é disputada da seguinte forma: nas duas primeiras rodadas, equipes classificadas se enfrentam em partidas únicas e eliminatórias. Na terceira rodada, times com vaga na Libertadores são adicionados à disputa, que é feita em partidas de ida e volta, valendo o avanço até a final.

Galeria dos

Campeões

- **Cruzeiro** - 6 títulos (1993, 1996, 2000, 2003, 2017 e 2018)
- **Grêmio** - 5 títulos (1989, 1994, 1997, 2001 e 2016)
- **Flamengo** - 4 títulos (1990, 2006, 2013 e 2022)
- **Palmeiras** - 4 títulos (1998, 2012, 2015 e 2020)
- **Corinthians** - 3 títulos (1995, 2002 e 2009)
- **Atlético-MG** - 2 títulos (2014 e 2021)
- **Fluminense** - 1 título (2007)
- **Internacional** - 1 título (1992)
- **Athletico-PR** - 1 título (2019)
- **Vasco** - 1 título (2011)
- **Santos** - 1 título (2010)
- **Sport** - 1 título (2008)
- **Criciúma** - 1 título (1991)
- **Juventude** - 1 título (1999)
- **Santo André** - 1 título (2004)
- **Paulista** - 1 título (2005)

Meio século de segredo



Dom Zacarias Rolim de Moura, bispo de Cajazeiras

Nomes dos responsáveis pelo atentado a bomba contra Dom Zacarias, em Cajazeiras, continuam um mistério que já perdura quase 50 anos. Na época, o bispo, alvo do atentado, ouviu um delator em confissão, mas manteve o sigilo sacerdotal

Hilton Gouvêa
araujogouvea74@gmail.com

Pelas leis canônicas, todo segredo revelado nos confes-sionários deve ser mantido em sigilo entre o confessor e o confessando. E é por isso — que Dom Zacarias Rolim, então bispo de Cajazeiras, manteve em segredo o nome — ou os nomes — do autor do atentado contra a sua vida, ocorrido na cidade do Alto Sertão paraibano, em 1975, resultando em duas mortes e dois feridos. Em julho deste ano, os cajazeirenses lembraram os 48 anos do atentado ao religioso, que escapou da explosão, pois tinha viajado a Recife, capital pernambucana. Dom Zacarias Rolim de Moura nasceu a 13 de junho de 1914, em Umari, no Ceará, e morreu na mesma cidade, em 5 de abril de 1992.

Ficaram muitas perguntas sem respostas. Afinal, qual é o nome do atentado, que Dom Zacarias, por uma questão de ética sacerdotal, levou para o túmulo? Por que as autoridades, após promoverem um inquérito, não o concluíram e proibiram qualquer publicação ou comentário sobre o assunto? Por que foi recomendado pelas Forças Armadas da época que o resultado do inquérito não poderia ser divulgado?

“Dom Zacarias era apolítico e não se envolvia em disputas partidárias. De folga, ele se refugiava na sua fazenda, denominada As Pombas, e tranquilamente passava a fumar seu charuto e a tomar seus traguinhos de uísque”, diz o jornalista cajazeirense Jackson Bandeira. “Ele só cuidava das coisas de Cristo e quem visou atingi-lo por vingança ideológica errou o alvo, até porque, para essas coisas, o bispo era muito calado e discreto”.

De acordo com as pesquisas do escritor cajazeirense Francisco Cartaxo, “a cidade de Cajazeiras, no Alto Sertão do estado, distante 482 quilômetros de João Pessoa, foi palco de um dos maiores atentados já registrados na história da Paraíba. “Já passava das 21h, do dia 2 de julho de 1975, quando uma bomba de fabricação caseira explodiu dentro do Cine Teatro Apolo 11. O barulho acordou a população local, que tinha o hábito de dormir cedo. Saldo do delito: duas pessoas mortas e mais duas gravemente feridas”.

Forças Armadas proíbem a divulgação do inquérito

Em pleno ápice da ditadura militar no Brasil, o atentado em Cajazeiras causou grande repercussão e passou a ser investigado pelas Forças Armadas e pela Polícia Federal. Os resultados dos inquéritos nunca foram revelados. Os motivos dos sigilos decretados pelas autoridades policiais em torno do episódio também não. Do ocorrido, surgiu o surpreendente e forte indício de que o atentado teria como alvo o bispo da Diocese, Dom Zacarias Rolim de Moura. As motivações para tirar a vida do religioso, detentor de harmônica convivência com a sociedade e líderes políticos locais, também nunca foram esclarecidas.

Aos que se debruçaram a investigar e pesquisar por iniciativa própria o delito, passou a existir a asseveração, não mais o prenúncio, de que Dom Zacarias era de fato a pessoa a ser vitimada, e o escopo não foi alcançado por uma série de circunstâncias e coincidências que os mais religiosos creditam a um milagre. Um artefato artesanal, colocado em uma pasta tipo 007, explodiu logo



Ilustração: Tônio

após às 21h, causando destruição no Cine Teatro Apolo 11, pertencente à Diocese de Cajazeiras. Com a explosão, morreram, dias depois de serem socorridos para hospitais de João Pessoa, o soldado Altino Soares, conhecido por Didi, e Manuel Conrado. Outras duas pessoas ficaram gravemente feridas: Geraldo Conrado e Geraldo Galvão. As pesquisas do escritor Francisco Cartaxo sobre o caso resultaram nas informações publicadas em seu livro.

O bispo era um aficionado por cinema, frequentador assíduo do local e sentava-se sempre em uma cadeira já costumeiramente reservada para ele. A bomba foi colocada exatamente ao lado do seu acento. “Por uma série de coincidências, as perdas humanas e materiais não foram mais graves. Explicando melhor: nesse dia, a projeção da película foi suspensa cerca de quinze minutos antes de terminar, porque era velha e se partiu várias vezes. Isso fez com que os responsáveis encerrassem a sessão. Portanto, a plateia já se retirara. Na hora da explosão, poucas pessoas ainda estavam no interior

“

Ele só cuidava das coisas de Cristo e quem visou atingi-lo por vingança ideológica errou o alvo, até porque, para essas coisas, o bispo era muito calado e discreto

Jackson Bandeira

do cinema”. “Além disso, nessa data, Dom Zacarias não foi ao cinema. Ele havia viajado ao Recife”, detalha o também escritor Francisco Sales Cartaxo Rolim, sócio efetivo da Academia Cajazeirense de Artes e Letras (Acal) e do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP).

A ida do bispo à capital pernambucana ocorreu justamente com o intuito de procurar distribuidoras e alugar filmes para os cinemas da Diocese, o Cine Teatro que ele próprio fundou. A bomba, antes de detonar, foi encontrada após o encerramento da sessão pelo soldado Didi, que junto com outros auxiliares fazia a arrumação da sala.

Em uma das cadeiras, ele se deparou com a pasta e, dentro dela, um objeto retangular que ele acreditava ser um gravador. Ao pegar foi surpreendido por um grito de Manuel Conrado, alertando que ele estava com uma bomba nas mãos. Assustado, o soldado deixou o objeto cair. Isso foi suficiente para que o artefato explodisse, ferindo a ele e outras três pessoas. “Nunca me dei por satisfeito com a falta de resposta que ficou para ser dada a esse atentado”, diz Francisco Cartaxo Rolim, que detalha o episódio em livro (‘Do bico de pena a urna eletrônica’), destacando a reconstituição do atentado.

Francisco Cartaxo é, até hoje, uma das pessoas mais dedicadas a pesquisar sobre o misterioso delito da cidade sertaneja. Sua dedicação a tentar esclarecer o fato, ou buscar um indício do que levou alguém a ameaçar a vida do religioso, rendeu o capítulo de um livro. Na obra ‘Do bico de pena a urna eletrônica’, escrito em 2006, no capítulo oito, intitulado ‘Atentado contra Dom Zacarias Rolim de Moura’, ele narra fatos do ocorrido, dedicando-se a uma reconstituição do episódio. Ele também questiona o silêncio da imprensa paraibana sobre o assunto.

Atentado causou perplexidade e suspense

A madrugada do crime e os dias subsequentes ao atentado em Cajazeiras, que na época tinha cerca de 40 mil habitantes, foram de absoluta perplexidade e suspense. O medo era de que algo semelhante voltasse a acontecer. A população se perguntava quem poderia ter planejado e executado aquele atentado. À época, o país estava sob o regime da ditadura militar, o que impedia debates ou discussões abertas para que fossem travados com o objetivo de desvendar ou que fornecessem um viés de certeza absoluta para ligar o atentado a uma linha de investigação.

“O Brasil estava sob rigorosa censura aos meios de comunicação. A especulação se fazia à boca pequena, mesmo assim, com reservas. O episódio foi absolutamente inusitado para Cajazeiras e para o Brasil”, diz Cartaxo. A opinião geral que surgiu da desconfiança pública foi a de que, descartando-se que o atentado era contra a vida de Dom Zacarias, aos 60 anos de idade, o episódio tenha tido relação com a política da cidade, confrontos passados ou disputas internas de líderes que dominavam a região. O crime não tem nenhuma raiz em debates políticos ou intrigas locais.

“O acirramento, por ventura, existente na política local, naquela época, era em decorrência da presença na cena política do deputado estadual João Bosco Braga Barreto, do então MDB, cita Cartaxo, revelando que o parlamentar chegou a ser apontado como “suspeito”. Todavia, essa suposição logo foi desfeita, levando em consideração a boa relação que ele tinha com Dom Zacarias.

Em 2018, o escritor Francisco Cartaxo teve acesso às peças do inquérito policial, instaurado logo após o atentado pela Polícia Federal e pelas Forças Armadas. Os poucos documentos ainda existentes repassados ao cajazeirense foram fornecidos pela Comissão da Verdade, instituída na Paraíba. Porém, as informações e dados guardados, até então, pouco acrescentaram. “Pouco se sabe dos resultados”.

O bispo Dom Zacarias morreu 17 anos depois da explosão da bomba. Informações que correm entre os moradores que vivenciaram o episódio na época garantem que o religioso foi o único a saber da autoria do atentado contra sua vida. Entretanto, acabou impedido de revelar por ter conhecido a verdade em segredo de confissão. O sigilo nesses casos é princípio fundamental para a Igreja Católica.

Ronaldo Dinoó

Jornalista e cronista das “perguntas certas” que retratou a vida de CG



Taty Valéria
tatyavalieria@gmail.com

“A obra de Ronaldo Dinoó, com suas crônicas do cotidiano, suas entrevistas, os vários personagens anônimos e famosos, é o registro histórico mais representativo da essência de Campina Grande”. O testemunho, feito pelo jornalista Xico Nóbrega, demonstra apenas uma fração da importância da obra do cronista e memorialista campinense.

Ronaldo de Castro Dinoó nasceu em Campina Grande, em 26 de outubro de 1944. Filho de Raul Albuquerque Dinoó e Odete de Castro Dinoó, aprendeu a ler muito cedo e se mudou para Recife, quando começou a cursar o ensino ginasial. De volta a Campina Gram, foi estudante do Curso de Direito na antiga Furne, atual Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), quando se formou em 1978.

Memorialista e cronista, Ronaldo escreveu para os Diários Associados de 1977 a 1999. Em 1981, se tornou correspondente internacional na Espanha e colaborou com os jornais da Paraíba escrevendo “fragmentos” históricos de Campina Grande. Ainda em 1977, fundou o Cineclube Rui Guerra, do qual participavam os jornalistas Bráulio Tavares, José Nêumanne Pinto, Rômulo e Romero Azevedo, entre outros. Também atuou como diretor da Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo na Paraíba (Abrajet-PB) e do Campinense Clube, em Campina Grande.

Porém, foi em 1977, quando iniciou colaboração no cenário jornalístico de Campina Grande com uma coluna no Diário da Borborema, no suplemento chamado ‘Tudo’ (encarte que circulava aos domingos), que a “grande obra” de Ronaldo Dinoó se tornou referência histórica. As entrevistas realizadas por Dinoó e publicadas no suplemento se tornaram um dos principais repositórios históricos da cidade, com personagens que contemplavam os diversos segmentos culturais, artísticos, políticos e sociais da Rainha da Borborema.

Entrevistas e perfis biográficos das figuras mais emblemáticas da história campinense

■ Ronaldo Dinoó deu voz aos entrevistados e assim construiu a imagem do grande executor da memória de Campina Grande

Em 1990, todo esse material foi transformado em livro, com dois volumes da obra ‘Memórias de Campina Grande’, que comportam mais de 150 entrevistas e perfis biográficos das figuras mais emblemáticas da história de Campina Grande. Considerado por Xico Nóbrega como um dos livros fundamentais para se conhecer a cidade, sua economia histórica, a administração pública, a política, a cultura e outros aspectos da vida social da cidade.

“O livro é a consagração do fô- rasteiro campinense, o personagem marcante no progresso da cidade Rainha da Borborema, já que a maioria dos personagens encetados nele são doutros lugares da Paraíba e do Brasil, mesmo doutros países”, afirma Xico, em artigo recentemente publicado no Jornal A União. Importante destacar que o jornalista Ronaldo Dinoó dedicava o mesmo empenho e importância aos entrevistados, independente de cargo ou posição social.

“Do exportador de algodão ao comerciante, industrial, político, religioso, médico, esportista, educador, radialista, as presenças das famílias Agra, Lauritzen, Capiba”, diz Xico Nóbrega sobre o elenco, incluindo as damas da noite do Cassino Eldorado e os bebados e loucos que se tornaram personagens sociais de destaque na crônica social desenvolvida por Dinoó.

Ao dar voz aos entrevistados, Dinoó construiu a imagem do grande executor da memória de Campina Grande. Num trecho

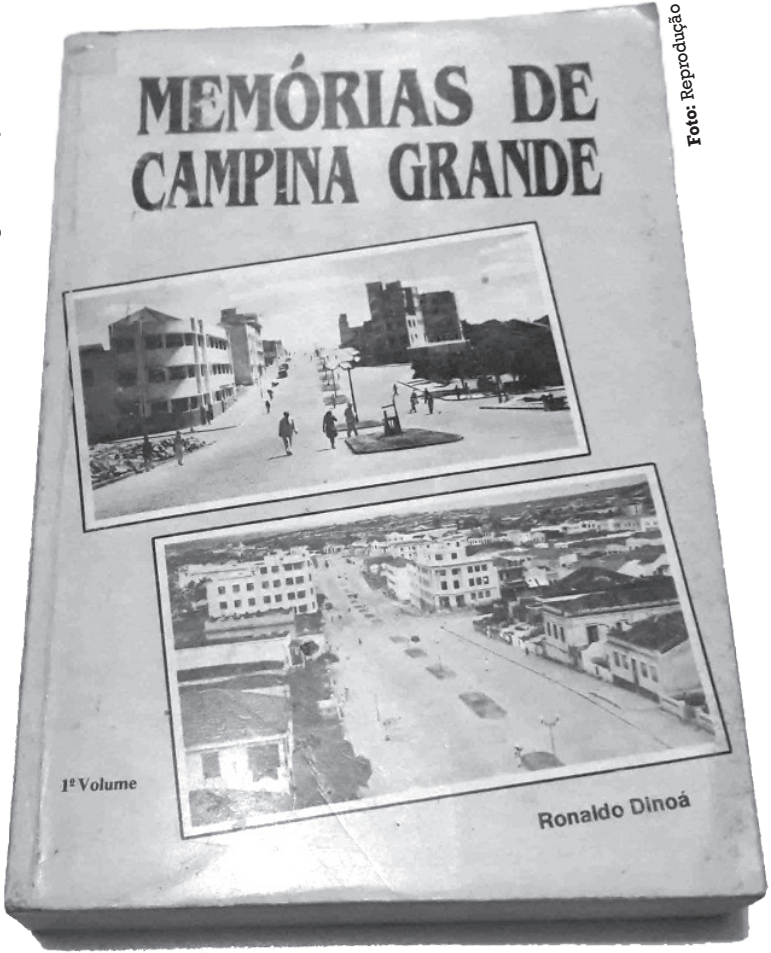
do livro ‘Memórias de Campina Grande’ (volume 1), o autor publicou uma emblemática entrevista com a prostituta Josepha Barbosa de Lima, conhecida por Zefa Tributino, onde ela narra que as mulheres do Cassino Eldorado dançavam ao som do jazz e conta como se formou a zona de meretrício em Campina Grande.

“Com as reformas do centro da cidade a ‘zona’ foi saindo da área residencial e se transferindo aos poucos para as proximidades da Feira Central ou do Bairro da Manchúria. Entre as ruas mais movimentadas estava a Manoel Pereira de Araújo, que congregava os melhores ‘cabarês da cidade’, ficando imediatamente conhecida como ‘Rua Boa’. Algumas memórias construídas em torno daquela rua a descrevem como sendo “um esplendoroso mercado de luxúrias, que sobrevivia graças a um tipo de comércio confiscado pelas leis divinas, mas legalizado pela liberdade inconsciente dos humanos”. E nova casa de espetáculos, o Cassino Eldo-

rado, se tornou o ponto de convergência de todos que mantinham “relações mercantis e amorosas com Campina Grande”.

Dinoó também afirmava que não se podia deixar de falar nos “doídos” da cidade. “Eram pessoas que tinham perturbações mentais e nos enchiam de risos”, destacou ele em suas publicações. De suas lembranças, trazidas em seu material, são descritos alguns personagens da “loucura” que marcaram a época na cidade. Em uma crônica intitulada ‘Os doídos de Campina’, mencionava personagens que, por suas particularidades, atribuíam outros significados às ruas da cidade.

A cultura histórica produzida pelas entrevistas de Dinoó são fonte inesgotável de pesquisas de centenas de trabalhos acadêmicos que ultrapassam as fronteiras da Paraíba. Ainda no artigo do jornalista Xico Nóbrega, cabe citar a fala do escritor, compositor, letrista, poeta, dramaturgo e pesquisador de literatura Bráulio Tavares: “Diz-se que o Brasil é um país sem memória, mas o trabalho de Ronaldo Dinoó mostra que essa memória existe. Havendo um repórter que faça as perguntas certas, respostas certas surgirão: sinceras, às vezes polêmicas, sempre dignas de atenção”.



Em 1990, todo o material produzido por Ronaldo Dinoó foi transformado no livro ‘Memórias de Campina Grande’, em dois volumes; o jornalista tinha uma coluna semanal no suplemento ‘Tudo’, do jornal Diário da Borborema

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

O fazer jornalístico é um exercício contínuo de alteridade

Nunca entendi o jornalismo como um ofício individual, que dispensa o outro. O fazer jornalístico é um trabalho colaborativo, um exercício contínuo de alteridade. Em qualquer função que seja, sempre haverá a necessidade de se recolher à sua insignificância e pensar: o meu trabalho só vai além porque há alguém antes ou depois de mim.

Na maioria das vezes, infelizmente, é a cultura profissional das empresas que fomenta a competição. Mas ter os colegas de trabalho como um rival, algo alimentado por muitas instituições, só prejudica o ambiente de trabalho: gera estresse, inimizade e afeta o clima organizacional.

Para a pesquisadora Sidinéia Gomes Freitas, vivemos uma crise de significados, relacionada a nosso apego inconsciente a padrões de comportamento sociais ultrapassados. “Nas organizações, resultados e produtividade são cobranças constantes porque medimos o progresso pelo bem-estar e pela lucratividade material, mas sabemos o preço que está sendo pago para isso (estresse, sociopatias, degradação ambiental)”.

Quer você trabalhe em veículo de co-



Foto: Pixabay

municação, quer você atue na área de comunicação organizacional, impera o incentivo à competição. Muitas vezes, tal prática está alicerçada em regras de ascensão funcional: para você progredir, é preciso que o outro fique para trás. E você torce e atua para isso. No entanto, bem lá no fundo, você sabe: o seu trabalho só vai além, só se sustenta pelo outro, para o outro e com o outro. Reforço: jornalismo não é mister para a prática do eu-comigo-mesmo. Não funciona assim.

A palavra alteridade vem do latim, alterações: “O fato de ser um outro, caráter ou tra-

ço que é outro”. Segundo Ciro Marcondes Filho, no ‘Dicionário de Comunicação’, da Editora Paulus, a discussão da alteridade começa com Ludwig Feuerbach. “...Eu, enquanto homem, reconheço a existência de outro ser, diferente e complementar a mim, que colabora para me determinar. (...) Sozinho, o homem não é nada, nem ser moral, nem ser pensante; apenas na comunidade, na aliança de um ser humano com outro, está contida a essência desse ser humano. Essa comunidade apoia-se na diferença do Eu e do Tu”, ensina Ciro Marcondes Filho.

O filósofo e pensador italiano Pietro Uboldi (1886-1972) tem uma frase que, para mim, associa-se muito ao conceito de alteridade. E sempre fico reflexiva ao contemplá-la: “O próximo grande salto evolutivo da humanidade será a descoberta de que cooperar é melhor que competir”.

Cooperar é fazer seu trabalho bem-feito, para que outro não tenha de refazê-lo. Cooperar é oferecer ajuda a um colega recém-chegado, ou que está se sentindo meio perdido com alguma atribuição. Cooperar é sugerir um número de telefone, proporcionar acesso a uma fonte difícil, dar uma sugestão para a abertura de uma matéria, estar disponível para ler o trabalho do colega.

Cooperar também é não atrapalhar, saber a diferença entre uma crítica construtiva e um petardo mal-educado, contribuir para o êxito de um projeto, mas sem a necessidade de derrubar alguém para atingir seu propósito. Mais que boa intenção e vontade de ajudar, cooperar exige diálogo. Afinal, o que lhe parece interessante, talvez não seja para o outro. E de boas intenções (você já sabe, pois o ditado é antigo), o inferno está cheio.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A época dos festivais – Parte V – Os FICs

No IV FIC, ocorrido em setembro/outubro de 1969, em face de alguns entevistos acontecidos no FIC anterior, o corpo de jurados resolveu estabelecer algumas prioridades com relação à seleção das futuras concorrentes: buscar a melhoria de melodias e letras, e sugerir uma melhor escolha dos intérpretes.

Com a desistência de vários “nomes já consagrados” em nossa MPB, foram surgindo novos compositores e intérpretes, jovens que logo se afirmariam no nosso universo musical, a partir das respectivas inscrições na fase nacional do IV FIC, cuja vencedora foi a lenta, suave e bela ‘Cantiga por Luciana’, da dupla Edmundo Souto e Paulinho Tapajós, que foi interpretada por Evinha, então com dezoito anos, e que havia deixado o Trio Temura. A dupla, junto com Dani- lo Caymmi, no ano anterior (III FIC, 1968), já havia conquistado o 3º lugar, com ‘Andança’, a 2ª colocação ficou com ‘Juliana’, classificada como uma toada, criação de Antônio Adolfo e Tibério Gaspar, interpretada pelo grupo A Brazuca; o 3º lugar foi conquistado por ‘Visão Geral’, de César Costa Filho, Rui Maurity e Ronaldo Monteiro de Souza,



Foto: Reprodução

defendida pelo primeiro, com apoio do Grupo 004; em 4º e 5º lugares ficaram, respectivamente, ‘Razão de paz pra não cantar’, de Eduardo Lages e Aléssio Barros, apresentada pela vocalista Cláudia, e ‘Minha Maria’, de Fred Falcão e Paulinho Tapajós, com Golden Boys.

Dois fatos a destacar na fase nacional desse IV FIC: o primeiro foi a apresentação do “novato” Jards Macalé que interpretou sua ‘Gotham City’, parceria com Capi-

nam, uma “ousada e transgressora” paródia metafórica política em que criticava o regime militar então vigente. Ao lado disso, o arranjo feito para a música pelo inovador e polêmico maestro Rogério Duprat, além da bizarra performance do cantor no palco, renderam-lhe estrepitosas vaias; o segundo diz respeito à apresentação de Os Mutantes com ‘Ando meio desligado’, dos irmãos Sérgio Dias e Arnaldo Baptista, em cuja letra, feita por Rita Lee com a ajuda de Arnaldo, percebem-se, de início, claras referências às viagens provocadas pelo ácido lisérgico ou pelo uso do “baseado”: “Eu nem sinto meus pés no chão/ Olho e não vejo nada”, embora, por outro lado, a música se converta numa declarada confissão de amor: “Eu só penso se você me quer/ Eu nem vejo a hora de lhe dizer/ aquilo tudo que eu decorei/ E, depois do beijo que eu já sonhei, você vai sentir...”. Apesar do impacto causado, a música d’Os Mutantes logrou apenas o 10º lugar.

Por outro lado, foi nesse evento que Jorge Ben firmou seu lugar da MPB, com o seu ‘Charles, Anjo 45’, que, no entanto, não obteve classificação.

A mídia de então fala da final do evento, enaltecendo sobremaneira o show ocorrido com a apresentação de Wilson Simonal, que foi o presidente do júri, fato que deu um grande impulso à carreira do cantor no início de sua carreira. Pena que episódios futuros o tenham vinculado a fatos políticos, o que o tornou esquecido e/ou banido, por cerca de três décadas, sendo praticamente excluído da constelação dos astros da MPB... Mas isso já seria outra estória.

Dentre os participantes da fase nacional do IV FIC, seja como compositores seja como intérpretes, alguns nomes merecem destaque: Joyce, Alceu Valença, Toninho Horta, Martinho da Vila, Jorge Ben, Capinan, Os Mutantes, Dori Caymmi, Egberto Gismonti, Francis Hime, Paulo César Pinheiro, Taiguara e Danilo Caymmi.

A fase internacional foi vencida pela representante nacional ‘Cantiga por Luciana’ que repetiu a dose do ano anterior, que havia sido vencida por nossa representante, ‘Sabida’ (III FIC, 1968), com cuja interpretação a jovem Evinha, como dito antes, consagrou-se como a vocalista que arrebatou o galardão de cantora revelação do festival.

NO MAPA-MÚNDI

Nem sempre o Norte foi em cima e o Sul, embaixo

Algumas civilizações colocavam no topo do mapa o Leste, que simbolizava luz e felicidade

Da Redação

Em todos os mapas do mundo (Mapa-Múndi) que se conhece nos dias atuais, o Norte sempre está no topo das ilustrações e o Sul está lá para a parte de baixo. Por que motivo se convencionou esta orientação, que é, aliás, uma evolução relativamente recente. Há quem garanta que “os mapas mentem há séculos” e que, um dia no futuro, o Mapa-Múndi poderá até ser no formato vertical.

Pesquisadores no assunto, como registra o Portal Zap, garantem que, na realidade, o posicionamento do Norte no alto dos mapas “não tinha que ser assim” e que, ao longo da história da humanidade, esse formato geográfico nem sempre assim foi. Em um recente vídeo no canal ‘Map Men’, no YouTube, os comediantes Jay Foreman e Mark Cooper-Jones explicam por que razão o Norte é atualmente convencionado como “acima” em quase todos os mapas do mundo.

Por uma questão de legibilidade, qualquer mapa tem que ter um “topo” e um “fundo”. Mas o ponto cardeal que ocupa a posição cimeira não tinha que ser o Norte. Algumas civilizações antigas colocavam tradicionalmente no topo do mapa o Leste, que simbolizava a luz e a felicidade, enquanto o Norte representava a escuridão e o mal.

Os antigos egípcios optaram por colocar o Sul



Mapa-Múndi invertido, com o Norte na parte de baixo e o Sul voltado para cima

no topo dos mapas, uma decisão estranha, dada a sua adoração pelo Sol, que nasce a Leste. Segundo alguns historiadores, os pragmáticos mapas egípcios apontavam para a direção da nascente do Rio Nilo, fonte de vida.

A maioria dos mapas europeus manteve essa orientação com o Leste no topo até o século 15. A “promoção” do Norte para o topo dos mapas começou durante a era dos descobrimentos, quando os navegadores começaram a usar bússolas.

Embora a bússola tenha sido inventada pelos chineses, que originalmente a projetaram para apontar para o Sul, os europeus já usavam a Estrela do Norte para a navegação há muitos anos. Essa familiaridade levou-os a continuar a ter o Norte como prin-

cipal ponto de navegação, ao usar a nova ferramenta. O uso generalizado de bússolas e outras inovações de navegação ajudaram então a propagar globalmente a orientação do mapa com o Norte para cima.

Entretanto, uma evolução tecnológica mudou tudo outra vez. Nos tempos atuais, em que os mapas em papel se “tornaram obsoletos” e o uso do

GPS se popularizou, o que é que se tem agora “para acima”? No “alto” agora, no mundo virtual, os mapas do GPS sempre apontam o destino de quem o está utilizando. Assim, a percepção do Norte como “acima” nos mapas é mais uma construção social do que uma convenção baseada em fatos científicos, e pode mudar com a evolução dos paradigmas ao longo do tempo.

Imagem: Pixabay

?

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: junto a (1) = com + amor exacerbado (2) = paixão. Solução: ato de piedade (3) = compaixão. **Charada de hoje:** retratos (2) são o resumo (3) de um conjunto de processos químicos (5).

Tiras

O Conde



Zé Meiota



Eita!!!



Presente em 96% dos celulares

O Instagram, aplicativo de destaque nas redes sociais, foi criado há 13 anos por colegas de universidade e tinha um objetivo diferente do que se vê hoje. Aplicativo disponível para Android e iPhone (iOS), ele é uma das plataformas mais populares da atualidade. De acordo com a consultoria Mobile Time, a rede social está presente em 96% dos celulares dos brasileiros acima de 16 anos e com acesso à Internet.

Brasileiro é um dos criadores

Essa mídia social foi criada em 2010 por dois colegas de turma, e um deles inclusive é brasileiro. São eles: Kevin Systrom e Mike Krieger, alunos da universidade de Stanford. A princípio, a rede pretendia funcionar como sistema em que as pessoas postariam fotos e opiniões sobre lugares visitados, e inclusive levava até outro nome. Hoje em dia, a plataforma é patrimônio da Meta, empresa dona também do WhatsApp e Facebook, e funciona de forma bem diferente.

Universitários em uma festa

O Instagram foi lançado em 6 de outubro de 2010. Os dois criadores se conheceram em uma festa universitária. Kevin cursou Ciência da Administração e Engenharia e, no primeiro ano de curso, passou um semestre em Florença estudando fotografia, quando teve contato com uma câmera vintage chamada Holga, que se tornou inspiração estética para o Instagram.

Cofundador nasceu em São Paulo

Mike Krieger, o cofundador do Instagram, nasceu em São Paulo. Em 2004, ele se mudou para os Estados Unidos e começou a estudar Sistemas Simbólicos em Stanford. Durante o curso, Krieger foi aprovado no programa de estudos Mayfield Fellows, um projeto de treinamento e experiência em empreendedorismo aos alunos de Stanford.

Homenagem a uísque norte-americano

No início, os criadores do Instagram pretendiam chamá-lo de Burnn, em homenagem ao uísque norte-americano Bourbon, bebida preferida de Kevin Systrom. No entanto, antes do lançamento, em outubro de 2010, o nome da rede foi substituído para Instagram, uma junção das palavras “instant” e “telegram”, em inglês.

Pitaco da esposa na praia

Os filtros do Instagram nasceram em uma visita de Kevin Systrom e sua esposa, Nicole, a uma praia mexicana. Durante o passeio, ela questionou a Kevin do porquê as fotos de Greg, um dos amigos do casal, serem tão boas. Kevin explicou que Greg usava um aplicativo de filtros. Nicole, então, sugeriu que Kevin incluísse filtros no Instagram. Com a ideia, Systrom criou o X-Pro II, o primeiro filtro da rede social, e que está disponível para uso até hoje. Em setembro de 2018, Systrom e Krieger anunciaram a saída do Instagram e dos cargos de CEO e CTO, respectivamente.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – tatuagem no rosto; 2 – cocar; 3 – lacape; 4 – tanga; 5 – colar; 6 – rabo do passarinho; 7 – brinco; 8 – galho; 9 – plantinha

Aos 60 anos, Mestra Penha, que reside no município de Santa Rita, é uma referência na cultura popular e continua, hoje, usando o aboio para contar sua história nas plataformas de streaming

Foto: Renan Martins

Da agricultura à arte digital

Criação de códigos de expressão essenciais para a existência humana

“

Eu escutava ele [seu pai] aboiando, cantando enquanto trabalhava. Foi lá onde eu aprendi a tocar bombo e ganzá com ele. Quando era de meio-dia, a gente trazia de volta para casa o gado para tomar água

Mestra Penha Cirandeira

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Quando Mestra Penha tinha cerca de 10 anos, ela ia trabalhar cortando cana-de-açúcar e via o seu pai do alto de um cavalo conduzir as cabeças de gado para o pasto na fazenda do patrão. Uma rotina diária que começava logo cedo pela manhã, que já vinha quente. Com o nascer do sol, o som que cortava o dia era o da vocalização arrastada e melódica

que seu pai produzia para tanger o boi. Ainda criança, Mestra Penha Cirandeira só podia ouvir aquelas interjeições rústicas feitas de improviso. “A gente morava na Usina Santa Helena [em Sapé]. Eu escutava ele aboiando, cantando enquanto trabalhava. Foi lá onde eu aprendi a tocar bombo e ganzá com ele. Quando era de meio-dia, a gente trazia de volta para casa o gado para tomar água”, lembra a artista paraibana.

Aos 60 anos e sendo uma referência na cultura popular, Mestra Penha mora em Várzea Nova, no município de Santa Rita, e continua aboiando seu canto que, ao invés do gado, hoje conduz, através da música disponível nas plataformas de streaming, os relatos de sua vida com o trabalho no roçado, no manguê, na olaria e nas danças dos terreiros da usina, onde se criou. “Minha vida é um romance/ de tristeza e ilusão/ parece que o

destino veio me trazer traição/ Minha esperança é perdida/ Se eu cantar a minha vida/ Dói em qualquer coração/ Já amei e fui amado/ Já bebi bem satisfeito/ Já perdi a mocidade/ Já tive tudo que eu tinha direito/ Minha esperança é perdida/ Se eu cantar a minha vida/ Vai doer dentro do meu peito”. É como canta o aboio a dona da voz potente enquanto domina com primor o toque de sua zabumba.

Esses aprendizados e he-

ranças ancestrais são as marcas que foram recebidas por Mestra Penha diretamente de seu pai, José Francisco do Nascimento, oriundo do Quilombo de Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande. Já a mãe, Maria Eunice, tem raízes indígenas. Ela ensinou à filha o conhecimento passado de geração em geração sobre o segredo das marés e sobre como pegar marisco, unha-de-velho e sururu. Com esse conhecimento que vem da con-

vivência de antepassados com a natureza e a elaboração criativa disso tudo em arte, Mestra Penha é só um dos melhores exemplos de quem une o sentido do termo cultura como criação de códigos de expressão essenciais para a existência humana, com o seu sentido mais seminal, que está associado à agricultura e ao cultivo da terra e manejo dos bens naturais. Uma origem que deve orgulhar a qualquer artista, popular ou erudito.

Raiz cultural: o plantar, o nutrir e o colher

Os seres humanos, especialistas na arte de sobreviver, evoluíram à Revolução Científica a partir da agricultura

“Conheço da cana, da agricultura, né? Negócio de roçado, conheço tudo”, afirma Mestra Penha. “Eu me sinto feliz cantando, tocando. É, eu tá em cima de um palco, e o pessoal tudo fazendo a roda, cantando. E quando eu termino, o povo me aplaude. É muito lindo,

eu gosto demais. Eu amo a cultura, eu amo o que eu faço”. O plantar, o nutrir e o colher se desenvolveram em seus significados figurativos para se referir também a qualquer tipo de cultivo, não apenas o agrícola. Foi através do cuidado envolvido no trato com as plantas e animais que a acepção chegou a abranger o intelecto humano e até a criação de obras de arte. Uma dança, um poema ou uma sinfonia compartilha dessa mesma ideia primária que foi fundamental para a evolução humana. Há 50 mil anos, os seres humanos eram verdadeiros especialistas na arte da sobrevivência e foi por causa da agricultura e tudo que veio dela que a espécie huma-

na conseguiu promover um salto evolucionista e chegar à Revolução Científica.

É fácil ter uma percepção arrogante para com os ancestrais, mas isso é uma ignorância. Eles possuíam um conhecimento profundo do seu território e estavam completamente sintonizados com o ambiente à sua volta, retendo apenas na memória informações detalhadas sobre plantas e animais. Em termos de aptidão física, seus corpos eram comparáveis aos dos atletas contemporâneos. Seus cérebros possuíam um volume maior que os demais humanos. Coletivamente, o homem detém mais conhecimento atualmente, mas, como indivíduos, os ancestrais eram superiores. Entretanto, cerca de doze mil anos atrás, em várias regiões, os seres humanos deram início à agricultura, o que trouxe uma transformação rápida e abrangente para o desenvolvimento de novas habilidades, inclusive as artísticas.

“De modo geral, na teoria antropológica, a cultura é compreendida como a ‘segunda natureza’ da humanidade. Ou seja, nossa singularidade na existência é dada pelo aspecto tipicamente cultural de nossa organização social. Esse aspecto é nossa capacidade de simbolizar, de atribuírmos sentidos abstratos que interferem no mundo material e no modo como nos relacionamos com ele”, explica o

doutor em Antropologia Estêvão Palitot. Com experiência na área de Antropologia e Sociologia da Cultura, ele dá um exemplo: “Nós e nossos primos chimpanzés somos animais sociais e compartilhamos determinados aspectos de linguagem e cognição. Mas apenas a humanidade consegue distinguir a diferença entre a água do rio, a água benta e a água destilada. Ou seja, essa é a única capacidade que a cultura nos permite enquanto uma natureza específica”.

A formação do entendimento sobre o que é cultura nasce da associação do gesto de afagar a terra, por conhecer os desejos da terra. Como na letra de Chico Buarque: “Cio da terra, a propícia estação/ E fecundar o chão”. Uma relação corporificada em Mestra Penha, e que é muito bem ilustrada pelas palavras poéticas do músico Adeildo Vieira quando fala sobre ela. “Toda essa história de vida é traduzida na crueza da sua voz, como uma foice cega capaz de cortar a cana que faz o melhor mel. Foice feita de aço que não quebra. A voz de Penha ecoa nos ouvidos da nossa existência nordestina. Uma existência bailada no coco de roda”.

O aumento da eficiência na agricultura sinalizou o surgimento da civilização. A oferta confiável e previsível de alimentos permitiu a acumulação desses itens em larga escala, permitindo a fixa-

ção em um território. Quanto mais organizados os homens se tornavam, mais eficazes ficavam. Aldeias deram lugar a cidades, cidades evoluíram para reinos, e reinos se transformaram em impérios. A interconexão entre os seres humanos expandiu-se, criando oportunidades para a troca de conhecimento. Foi só assim que, depois de mais de dez mil anos, que foi possível chegar à transformação no pensamento e na prática científica. Cultivando e gerando cultura.

Cientistas como Galileu Galilei, Johannes Kepler e Isaac Newton introduziram novas abordagens para a investigação científica, baseadas em observação sistemática, experimentação controlada e uso de métodos matemáticos. Essa revolução científica aconteceu em paralelo com o Renascimento, um movimento cultural e intelectual que promoveu a redescoberta dos textos clássicos gregos e romanos e incentivou o pensamento crítico, a criatividade e a exploração do conhecimento em várias áreas. Nos séculos XVI e XVII, esse movimento desafiou crenças tradicionais, incluindo as baseadas em autoridade religiosa, e promoveu uma abordagem mais empírica e racional para entender o mundo natural. Essa mudança cultural levou ao desenvolvimento da ciência moderna como se conhece hoje e uma transformação profunda na arte.



Foto: Divulgação

“

Na teoria antropológica, a cultura é compreendida como a ‘segunda natureza’ da humanidade. Ou seja, nossa singularidade na existência é dada pelo aspecto tipicamente cultural de nossa organização social

Estêvão Palitot

PERPETUAÇÃO E EVOLUÇÃO

Adaptação mais rápida e flexível

Cultura permite que o conhecimento seja transmitido de geração em geração, sem precisar “reinventar a roda”

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Se a agricultura é um marco fundamental para a evolução da espécie humana, é a cultura que permite uma adaptação muito mais rápida e flexível ao ambiente em que vivemos. E desde Charles Darwin que se sabe a importância da adaptação para a perpetuação da espécie. Enquanto a evolução biológica pode levar milhares de anos para produzir mudanças significativas nas características físicas dos seres humanos, a cultura permite que adaptação ao ambiente de forma muito mais rápida. Através da criação de ferramentas, técnicas agrícolas, métodos de sobrevivência e estratégias de cooperação, os seres humanos podem enfrentar com sucesso uma ampla variedade de ambientes e desafios.

É a cultura que permite que o conhecimento acumulado seja transmitido de geração em geração. Isso significa que cada nova geração não precisa “reinventar a roda”, mas pode construir a partir do conhecimento e das experiências das gerações anteriores. Esse acúmulo de conhecimento possibilita avanços significativos em ciência, tecnologia, medicina e outras áreas, levando a uma evolução cultural e tecnológica acelerada. A cultura também contribuiu ao moldar o comportamento social e a organização das sociedades humanas. Através da transmissão de normas, valores, regras sociais e éticas, a cultura estabelece padrões de comportamento que afetam diretamente o modo como as pessoas interagem umas com as outras. Esse comportamento social influencia a formação de laços sociais, relações familiares, estrutura de poder e cooperação em comunidades.

“Meu pai cantava esse aboio, mas tirei ele de um jeito diferente para cantar sobre a vida que eu passei. Ficou meio doidinha, mas fui eu mesma que inventei”, diz Mestra Penha, logo depois de cantar o aboio ‘Minha vida é um romance’. “Ele tinha cinco filhos, mas ele só levava eu quando saía. Eu era a mais interessada nas músicas e nos cantos dele. Quando era no sábado e no domingo, que ele gostava de tomar uma cachaca, entences ele me colocava na garupa do cavalo. Eu segurava na cintura dele e era o cavalo que trazia a gente para casa, porque já sabia o caminho”. Sem a cultura não haveria linguagem e comunicação, fundamentais para o compartilhamento de informações, de ideias complexas, para a construção de identidades culturais.

“Cultura e arte são duas dimensões intimamente relacionadas. Mas muitas vezes incorremos no erro de associar esses termos com erudição e escolarização, reproduzindo visões etnocêntricas ou elitistas que caracterizam apenas um determinado grupo como detentor e herdeiro de todas as formas válidas de cultura e arte, enquanto outros seriam bárbaros des-

providos de refinamento”, aponta Estêvão Palitot. “Em termos antropológicos todos os grupos humanos são criadores e portadores de cultura e de suas manifestações estéticas. A hierarquização imposta nesse sentido será sempre classista, colonial e racista, ao tratar alguns grupos como mais evoluídos que os outros. É preciso estarmos atentos a esses perigos. A chamada ‘civilização ocidental’ se construiu justamente a partir da estigmatização, exotização e subalternização das outras humanidades e da própria natureza”.

Só assim foi possível criar uma rede de colaboração entre os seres humanos em escala global. À medida que as sociedades se encontram com outras culturas, ocorrem trocas culturais, empréstimos e assimilações, o que contribui para a diversidade cultural e o surgimento de novas ideias e práticas. A cultura é essencial para a existência humana, pois permite que as pessoas se conectem e compartilhem experiências comuns. Ela influencia a maneira como se comunica, seja por meio da linguagem falada, escrita, arte, música, dança ou outras formas de expressão.

Além disso, a cultura também desempenha um papel significativo na forma como os códigos de expressão são criados e compreendidos. Por exemplo, diferentes culturas podem ter idiomas únicos, com palavras, frases e significados específicos que refletem sua visão de mundo e valores. A cultura também pode afetar a maneira como a arte é produzida e apreciada, com estilos e temas variados que refletem a diversidade cultural. Só no século 19 que o termo cultura se tornou ainda mais abrangente, incorporando as áreas das artes, literatura, música, filosofia e outras disciplinas humanísticas. Na era moderna, a noção de cultura também se estendeu para o campo da tecnologia.

Impacto da tecnologia na forma de pensar

Os instrumentos e suportes tecnológicos têm tido um impacto profundo na forma de pensar, produzir e divulgar obras artísticas em diversas formas de expressão. Isso tem contribuído para refletir como os valores, as práticas e as identidades estão relacionados ao uso e ao desenvolvimento de tecnologias. A cultura digital, por exemplo, refere-se às formas de comportamento, comunicação e interação que surgiram com o advento da tecnologia digital. Isso inclui a maneira como as pessoas se comunicam on-line, participam de redes sociais, compartilham informações e consomem mídia digital. A cultura digital também abrange fenômenos como memes, tendências virais e até mesmo novas formas de expressão artística que surgem nesse ambiente.

A tecnologia proporciona ferramentas e recursos avançados para a criação artística. *Softwares* de design gráfico, edição de vídeo, música digital, modelagem 3D e muito mais permitem que os artistas explorem novas fronteiras criativas e produzam obras

complexas e sofisticadas. A internet oferece um vasto acesso a recursos, referências e informações para artistas. Isso facilita a pesquisa, a inspiração e a coleta de material para projetos artísticos. É dessa água que bebe a cantora e compositora paraibana Luana Flores. Como *beatmaker* e percussionista, ela traz uma roupagem futurista para as tradições rítmicas do Nordeste, como o coco e a ciranda da Mestra Penha, e as expressões da oralidade característica das benzedeiras e dos aboios. Sua musicalidade parte da fusão entre o eletrônico e os ritmos da cultura popular. Sem a tecnologia que ela explora, a persona artística de Luana Flores seria completamente diferente.

“Normalmente, a gente associa tecnologia a equipamentos eletrônicos, internet e robôs. Mas acho interessante pensar que os ritmos de nosso território também são manifestações de tecnologias ancestrais. O coco não é só um ritmo. Ele é memória, é tecnologia, é ciência, é conexão espiritual, é o conhecimento que vai ser passado por gerações. Imagine criar instrumentos a

partir de uma árvore, relembrar melodias de nossos antepassados e trazer para o digital, como estamos fazendo com a música, o audiovisual e a dança. Essa simbiose é um movimento de consequência dos desdobramentos da contemporaneidade que caminha para um novo pensamento”, explica a artista.

Luana Flores é uma artista de seu tempo e defende valores humanos que são sacudidos pela cultura tecnológica. Essa percepção de cultura se refere ao conjunto de valores, crenças e práticas que estão relacionados ao uso de tecnologias em uma determinada sociedade. Isso inclui a forma como as pessoas adotam ou resistem a novas tecnologias, bem como as normas e as expectativas sociais em torno do uso de dispositivos eletrônicos, aplicativos e plataformas. Ela faz isso expandindo as suas possibilidades criativas, mesclando várias mídias e técnicas em suas obras, criando híbridos de arte digital que são facilitados pela tecnologia.

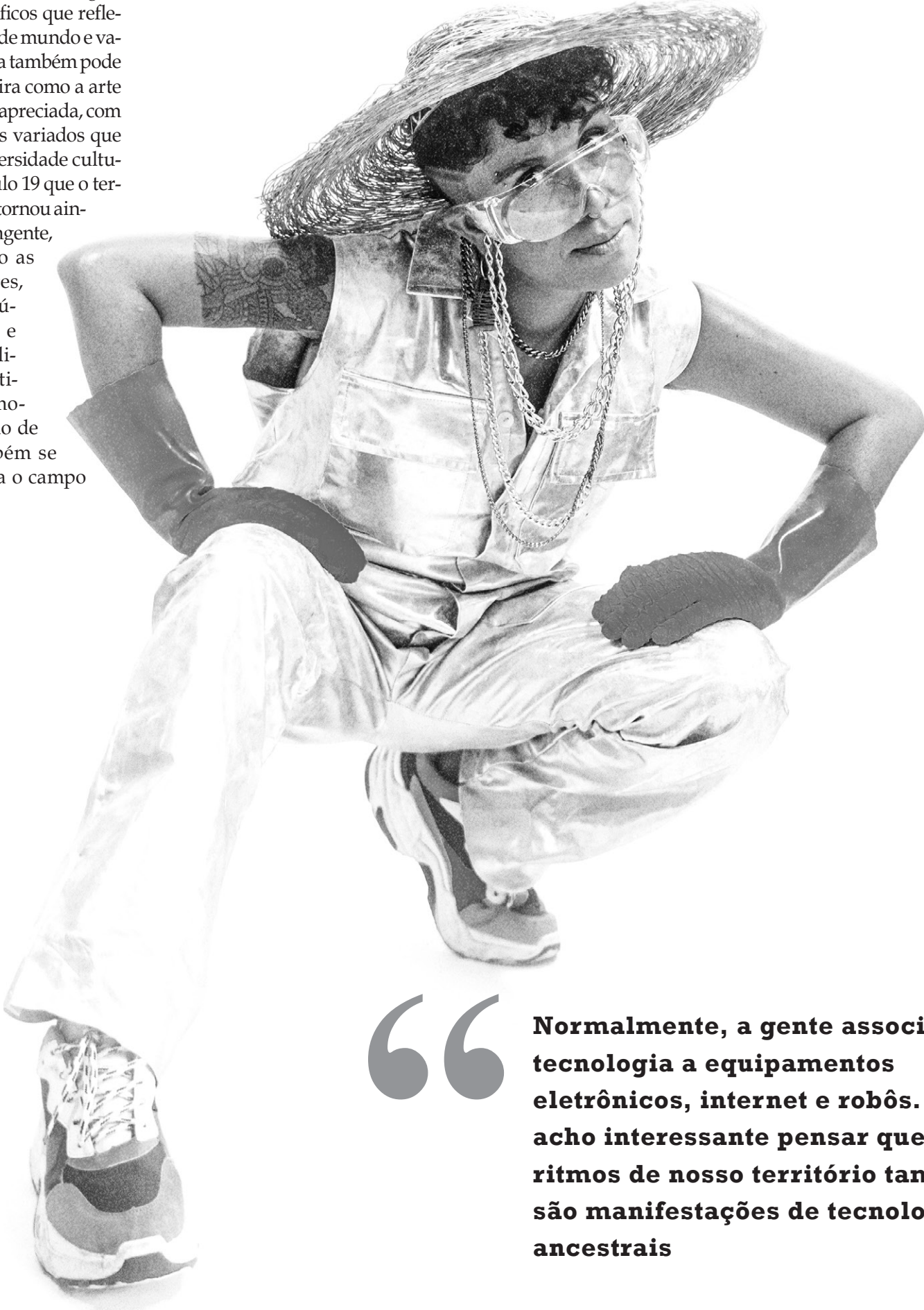
Uma coisa é certa. Ainda se está no início do processo de revolução da arte pelos

meios tecnológicos e digitais. Isso inclui instalações de arte interativa, realidade virtual (VR) e arte generativa, que acontece quando algoritmos são usados para criar arte em tempo real. A tecnologia também possibilitou o surgimento de novas formas de expressão artística, como arte de realidade aumentada (AR) e arte de inteligência artificial (IA). Elas exploram as fronteiras entre arte e tecnologia, e são múltiplas: *software art*, *net-art*, *glitch-art*, *machine learning*, arte cibernética, escultura digital, *game-art*, hologramas, performance transmidiática, arte *hacker*, *boomerang* e até GIF animado e meme, entre muitas outras linguagens.

A tecnologia permite que artistas acessem mercados globais de arte, conectando-se a colecionadores, galerias e compradores em todo o mundo. Isso levou a criação de NFTs, que transformou o mercado de obras de artes digitais. Essa tecnologia que vem na esteira do *bitcoin* cria uma representação digital única de um item exclusivo, que pode ser digital – como uma arte gráfica feita no computador – ou física, a exemplo de um quadro. Além de obras de artes, músicas, itens de jogos, momentos únicos no esporte e memes podem ser transformados em um NFT. Esse mercado de certificados digitais de propriedade movimentou apenas entre janeiro e setembro de 2021 cerca de US\$ 13,2 bilhões.

A relação entre tecnologia e arte é dinâmica e continuará a evoluir à medida que novas inovações tecnológicas surgirem. “Estamos em um movimento de democratização dos saberes digitais. Ainda estamos caminhando em direção à nossa autonomia. As conexões digitais com as tradicionais vêm gerando um movimento interessante de novas criações e possibilidades de nossas tecnologias digitais e ancestrais”, analisa Luana Flores. “Quero ser essa ponte entre passado e futuro, propondo novas narrativas e conectando com as novas gerações através da inserção desses tipos de sonoridades mais modernas”. Da agricultura à “criptoarte”, produzir cultura é da natureza do ser humano.

Foto: Natália Di Lorenzo



“Normalmente, a gente associa tecnologia a equipamentos eletrônicos, internet e robôs. Mas acho interessante pensar que os ritmos de nosso território também são manifestações de tecnologias ancestrais

Luana Flores

SIGNIFICAÇÃO

Complexo de atividades e padrões

Com desdobramentos, a cultura é múltipla e pode ser, por exemplo, de massa, pública, popular, erudita...

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

O dicionário define cultura como um complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins. A significação, porém, é apenas um resumo do que realmente designa o termo, cujo conceito é amplo. A cultura é múltipla e pode ser, por exemplo, de massa, pública, popular, erudita... Juntas, envolvem uma infinidade de desdobramentos como cinema, teatro, pintura, música, literatura, e uma amplitude de sentidos.

O sociólogo Marcus Alves, diretor executivo da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), observa que, tradicionalmente, as pessoas comuns associam a questão da cultura à beleza e à criatividade, ao domínio das línguas ou das ferramentas das linguagens. Assim, uma pessoa culta seria aquela que tem o domínio das artes.

“No aspecto da Sociologia e da Antropologia, no entanto, nós lidamos com cultura para além dessas categorias da criação. Desde o operário a qualquer outro tipo social, para usar uma expressão de [Max] Weber, essas pessoas são portadoras de cultura, o operário, assim como o ho-

mem de negócios ou o homem da elite propriamente dita”. Assim, todas as pessoas são portadoras de linguagens e de culturas no aspecto em que Raymond Williams, sociólogo e teórico da comunicação e da cultura da Inglaterra, define como sendo esse modo de ser e de viver do ser humano.

Para Nádja Silva, antropóloga e doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a cultura envolve um conjunto intrincado de padrões compartilhados de significado, comportamento, valores e expressões que caracterizam uma coletividade humana. Esses padrões englobam uma ampla gama de elementos como crenças, práticas, tradições, normas e formas de expressão criativa.

“A cultura exerce uma influência profunda na maneira como os indivíduos de um grupo interagem, interpretam o mundo e dão sentido às suas experiências. No contexto da análise cultural, é pertinente subdividir a cultura em categorias distintas. Essas subdivisões abrangem aspectos tangíveis e intangíveis da cultura, e são diversos”. Ela diz que a cultura é um fenômeno dinâmico que

continua a evoluir e adaptar-se na medida em que as sociedades interagem, mudam e se desenvolvem.

O escritor e jornalista Hélder Moura emenda: “Imagino cultura como sendo um complexo que reúne conhecimento, crenças, artes, moral, os

costumes e todas as demais capacidades adquiridas pelo humano num contexto político, no sentido aristotélico, e também social”. Já o historiador Rui Leitão, diretor da Rádio Tabajara e colunista do Jornal A União, declara que cultura é a manifestação

comportamental de um grupo social revelada por seus conhecimentos e tradições, incluindo idioma, comidas típicas, música, artes, literatura. Ele lembra que a palavra cultura deriva do termo em latim *colere*, que significa colher, cultivar e crescer.



Imagem: Pixabay

Cultura pública e a distinção do entretenimento

O sentido de cultura pública levanta algumas polêmicas porque existe o aspecto de que toda cultura é pública, e tem também, ao longo do desenvolvimento da literatura, por exemplo, a ideia do intelectual público, aquele que tem, no domínio da linguagem, seja literatura, música, artes, cinema ou de qualquer outra, um compromisso de promover o debate público, um encontro entre as artes e a sociedade. Assim, a cultura pública tem sempre um aspecto de querer transformar o mundo, de engajamento, conforme explica o sociólogo Marcus Alves.

Ele afirma que, ao falar na distinção entre cultura e entretenimento, esse par de conceitos também carrega uma polêmica. Se houver um recorte da crítica da cultura desenvolvida pela Escola de Frankfurt, tendo como principal referência os filósofos Theodor Adorno, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Max Horkheimer, eles já pré-figuram um conceito muito

claro de cultura e antecipam uma luta constante entre a cultura enquanto processo de formação do ser humano, que tinha uma perspectiva libertadora, da fruição estética do belo e da democratização das artes, em luta contra uma lógica do entretenimento promovida pelas indústrias da cultura.

Em sua visão, entretenimento seria o espetáculo massivo desenvolvido a partir dos meios de comunicação de massa, sobretudo, do cinema, depois pela televisão, que invadiu e povoou todas as esferas. “A lógica do entretenimento hoje é marcante, de maneira que quase não temos uma alternativa ao entretenimento”, comenta Marcus Alves.

Adorno dizia que as indústrias da cultura dominaram e povoaram os mais recônditos aspectos da liberdade humana. “Até aquela lógica do tempo livre que o trabalhador teria para descansar ou para viver no ambiente da sua família, a in-

dústria cultural raptou e transformou em entretenimento. É uma divergência na raiz entre cultura e entretenimento”.

A antropóloga Nádja Silva explica que cultura e entretenimento compartilham elementos e interagem em diversos contextos, mas a distinção fundamental se manifesta no propósito subjacente e na profundidade das manifestações culturais e entretenimento. “Isso porque a cultura denota um complexo conjunto de sistemas de significados, valores, crenças, normas, práticas e expressões intrinsecamente interligados que definem a identidade coletiva de uma sociedade. Reflete o substrato histórico, social e cultural de um grupo humano, incorporando componentes como linguagem, símbolos, rituais, arte, tradições e modos de interação”, afirma.

Para ela, a cultura transcende o entretenimento em sua natureza mais profunda e perdurável, fundamen-

tando as bases de identidade, coesão social e sistemas de significado compartilhados, enquanto que o entretenimento, por contraste, se refere às atividades, formas de mídia ou eventos concebidos com o intuito de oferecer prazer, divertimento e escape da rotina, envolvendo experiências recreativas, como cinema, música, teatro, espetáculos esportivos e outras formas de expressão artística.

“O foco primordial do entretenimento é proporcionar uma experiência gratificante ao público, frequentemente por meio de elementos visuais, sonoros e narrativos. A natureza efêmera do entretenimento o diferencia da profundidade histórica e sociocultural inerente à cultura”, comenta a antropóloga. Para o escritor Hélder Moura, é importante diferenciar que, enquanto cultura reflete comportamentos, tradições e conhecimentos de um determinado grupo social, entretenimento é tudo que entretém, distrai e diverte.



Foto: Secom/PMJP

No aspecto da Sociologia e da Antropologia, lidamos com cultura para além dessas categorias da criação. Desde o operário a qualquer outro tipo social, essas pessoas são portadoras de cultura, o operário, assim como o homem de negócios ou o homem da elite propriamente dita

Marcus Alves

Cultura de massa e o capitalismo moderno

A ideia da cultura de massa traz a pegada do processo de desenvolvimento da modernidade ou do capitalismo moderno que começa a investir nas multidões, na massa, numa cultura de fácil acesso que vai nortear e fazer com que o cidadão, transformado em massa, perca seu direito à liberdade sem ele saber disso. Essa é a crítica fundamental que a Escola de Frankfurt faz ao conceito de cultura de

massa, como explica o sociólogo Marcus Alves.

“Essa cultura está apegada ao desenvolvimento dos meios massivos de comunicação social, as indústrias de cultura, como Adorno chamava, ao cinema. Depois a literatura vai entrar nesse circuito de culturas de massa, e todas as outras artes, de maneira que temos um conflito grande entre cultura de massa e cultura no sentido da criação ou da for-

mação do gosto estético”, diz.

Por outro lado, no ambiente teórico da Escola de Frankfurt, surgem pequenas divergências em torno de como tratar a cultura de massa. Theodor Adorno, por exemplo, faz uma leitura da cultura de massa de forma mais crítica, colocando-a como um produto propriamente da indústria cultural e que não tem nenhum aspecto libertador.

Já Walter Benjamin identi-

ficava alguns aspectos ou alguns sentidos de possibilidade de democratização da arte por meio da cultura de massa. “Benjamin, quando vai fazer a crítica do cinema, chega a dizer que essa indústria do cinema, ao mesmo tempo em que promove o amortecimento do aspecto da crítica na massa por meio da diversão, também promove a possibilidade do ser humano ter acesso a bens de cultura”, informa. Assim, a cultura

de massa, para ele, não era necessariamente negativa.

“De algum modo, ele tinha esperança de que, na cultura de massa, se desenvolvesse um aspecto de crítica. É possível ter uma obra de arte, um produto massivo de cultura que tenha também elementos de arte. A isso, ele vai chamar de arte de massa. É um outro conceito. Temos o conceito de indústria cultural, o de cultura de massa e o de arte de massa”.



Foto: Arquivo pessoal

Imagino cultura como sendo um complexo que reúne conhecimento, crenças, artes, moral, os costumes e todas as demais capacidades adquiridas pelo humano num contexto político, no sentido aristotélico, e também social

Hélder Moura



Foto: Arquivo pessoal

A cultura exerce uma influência profunda na maneira como os indivíduos de um grupo interagem, interpretam o mundo e dão sentido às suas experiências

Nádja Silva

ORIGEM NO POVO

Cultura popular e suas manifestações

A indústria cultural se apropria das representações populares e as transformam em produto de massa

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A cultura popular tem origem no povo, nas pessoas trabalhadoras, no operário clássico, ou seja, tem origem popular. A questão levantada pelo sociólogo Marcus Alves, da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), é saber como a cultura de massa se apropria das culturas populares, debate intenso que ocorreu ao longo do século 20. Ele diz que o acadêmico Richard Hoggart define que há uma cultura operária vivendo numa espécie de paralelo à cultura de massa, mas, às vezes, a cultura de massa ou a indústria cultural se apropriam das culturas populares e as transformam amplamente.

“No Brasil, estamos vivendo isso em vários momentos, quando existem manifestações de culturas populares que são alçadas à indústria da cultura, que se apropria dessa cultura popular e a transforma num produto. Mas o sentido próprio da cultura popular é que é uma cultura que tem origem no povo, no homem trabalhador, na mulher trabalhadora, no operário clássico ou naquele segmento social pobre, de baixa renda que nós categorizamos como o povo, o homem simples”, considera.

Ele observa que o forró, por exemplo, é uma cultura de origem popular, mas questiona: “Como ele fica após ser apreendido, aprisionado, recuperado, reciclado pelas indústrias da cultura e se transforma num produto de massa? Ele ainda é da cultura popular? Evidentemente que não. Ele já é uma outra categoria de cultura”.

Às vezes, como narra Marcus Alves, quando fazem a tipologia da cultura, as pessoas recortam cultura popular, e fica muito claro. As culturas populares são aquelas culturas de tradição, os folguedos populares, o xaxado. No Nordeste, são as lapinhas, cirandas, cocos de roda. Essas categorias estão apegadas às culturas populares, mas, em alguns momentos, a indústria da cultura se apropria delas e as transforma em produtos. Assim, ganham outra variação, deixam de ser cultura popular e passam a ser cultura de massa ou um produto da indústria cultural.

Nádja Silva afirma que a cultura popular se refere ao conjunto de práticas, expressões, crenças, valores, tradições e manifestações culturais que emergem e são compartilhados por um grupo amplo de pessoas em uma sociedade. É parte fundamental da vida cotidiana e, muitas vezes, reflete os interesses e gostos das massas, diferenciando-se da cultura erudita, que é mais restrita e associada a grupos privilegiados. “Ademais, a cultura popular é dinâmica e está em constante evolução, sendo influenciada por mudanças sociais, tecnológicas e políticas. Ela desempenha um papel fundamental na formação das identidades individuais e coletivas, na criação de conexões culturais e na expressão dos valores e gostos das massas”, comenta.

A cultura popular é, normalmente, na visão do escritor Hélder Moura, resultado de uma contínua interposição entre pessoas de determinadas regiões, grupos sociais, refletindo a complexidade de seus padrões de comportamento e crenças. Ele cita como exemplos de cultura popular a literatura de cordel, o baião, o samba, o maracatu, festas populares como o Círio de Nazaré e Folia de Reis, mitologia indígena, entre outras.



Cultura é a compreensão dos comportamentos, tradições e conhecimentos de um grupo social, como a língua, a alimentação e outras manifestações

Diferenças interligadas por várias maneiras

Cultura popular seria a cultura de matriz de origem popular, do povo simples, que era expressa nas comunidades, nos grupos sociais de baixa renda. A cultura de massa é mediada pelos sistemas de comunicação massiva – televisão, rádio, cinema, revistas, jornais – e ganha outra atmosfera, tende a querer pegar uma massa média, que tem um gosto mediano, conforme o sociólogo Marcus Alves.

Essa cultura de massa, segundo ele, cria produtos de gosto médio, aos quais todos podem ter acesso. “Qualquer pessoa pode gostar de uma novela de televisão, de um show de pop rock, de uma cantoria, porque tem essa marca de ser uma linguagem co-

mum a variados tipos sociais e não está apegada a uma comunidade específica ou a um subgrupo social específico”, analisa.

A antropóloga Nádja Silva observa que a cultura popular e a cultura de massa são dois conceitos relacionados, mas distintos, que descrevem diferentes aspectos das expressões culturais e das dinâmicas sociais. Embora compartilhem algumas características, eles diferem em seus contextos, origens e alcances, mas, apesar das diferenças, a cultura popular e a cultura de massa estão interligadas de várias maneiras.

Ela sublinha que a cultura de massa frequentemente incorpora elementos da cultura popular

para tornar seus produtos mais atraentes ao público. Além disso, a globalização e a disseminação de mídia têm o potencial de levar elementos da cultura popular a um público mais amplo, transformando-os em aspectos da cultura de massa.

“Em alguns casos, a relação entre esses dois conceitos pode ser complexa, com preocupações sobre a apropriação cultural, a descaracterização das expressões populares e a exploração comercial. No entanto, ambas desempenham papéis cruciais na dinâmica cultural de uma sociedade, influenciando a forma como as pessoas se expressam, se conectam e constroem identidades culturais”.

O jornalista, historiador e escritor Rui Leitão observa que cultura de massa é também conhecida como cultura pop, produzida pela cultura industrial, buscando atingir a massa social. São expressões culturais, segundo ele, que transcendem as distinções sociais, étnicas, sexuais, entre outras e, por isso, é considerada como de natureza comercial e manipulativa. Ele fala também da diferença entre cultura popular e cultura de massa. “A cultura popular resulta do povo, da identidade cultural de uma sociedade. A cultura de massa, no entanto, não é produzida pelas massas, mas para as massas, atendendo, então, aos interesses da sociedade de consumo”, esclarece.



Foto: Evandro Pereira



A cultura popular resulta do povo, da identidade cultural de uma sociedade. A cultura de massa, no entanto, não é produzida pelas massas, mas para as massas, atendendo, então, aos interesses da sociedade de consumo

Cultura erudita é pensada para as elites

A cultura erudita tem o aspecto de ser voltada às elites, às pessoas que têm o domínio dos códigos formais da linguagem. “Se pensarmos a literatura erudita, são os romances, romances experimentais como James Joyce, quando escreve ‘Ulysses’; Goethe, quando está lá escrevendo os seus romances, esses autores pressupõem que o seu público tem o domínio de um código linguístico formal, uma linguagem formal que é capaz de entendê-los. Pressupõe uma formação, uma intelectualização do ser humano. Por isso, cultura erudita”, explica Marcus Alves.

Durante muito tempo, como relata o sociólogo, as pessoas comuns sempre pensaram cultura erudita como a pessoa culta, que tem o domínio formal das linguagens.

Fora desse código da erudição não existiria cultura. Esse é o sentimento dominante durante vários séculos e que é hegemônico, sobretudo, a partir da Europa dominadora.

Na avaliação da antropóloga Nádja Silva, a cultura erudita refere-se ao conjunto de conhecimentos, expressões artísticas, práticas intelectuais e manifestações culturais que são tradicionalmente associados a um nível elevado de sofisticação, educação formal e refinamento.

“Está intrinsecamente relacionada ao aprendizado acadêmico, à tradição intelectual e à apreciação das artes de um modo mais elaborado e complexo. A cultura erudita é muitas vezes considerada como uma forma de cultura que é cultivada por aqueles que possuem

um alto grau de educação, envolvimento intelectual e acesso a recursos culturais sofisticados”.

Ela ressalta que a cultura erudita não está isolada da cultura popular ou da cultura de massa. Ela coexiste com os outros domínios culturais e há interações e influências mútuas entre eles. No entanto, a cultura erudita é frequentemente vista como estando em um espectro mais elevado de complexidade e profundidade intelectual.

Para Nádja, a cultura erudita muitas vezes é associada a uma ‘elite intelectual’ e isso ocorre porque o acesso a oportunidades educacionais, à formação acadêmica e ao engajamento com formas de expressão cultural mais complexas nem sempre é igualmente distribuído em todas as camadas da sociedade.

Ela lembra, porém, que há indivíduos que não tiveram educação formal avançada, mas que possuem profundo conhecimento e apreciação pela cultura erudita, que está em constante evolução e é moldada por uma diversidade de perspectivas e influências. Portanto, embora a associação entre cultura erudita e elite intelectual seja uma característica histórica, a realidade contemporânea é mais fluida e complexa.

O escritor Hélder Moura emenda: “Enquanto a cultura popular nasce espontaneamente de um determinado segmento social popular, a cultura erudita normalmente é uma forma de produção elaborada por elites normalmente dominantes e é destinada ao consumo dessas mesmas elites dominantes”.